

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

ELAINE ANUNCIAÇÃO

HISTÓRIA, LITERATURA E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS EM UMA TURMA DO 9. ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Belo Horizonte

2010

Elaine Anuniação

**HISTÓRIA, LITERATURA E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS EM UMA TURMA DO 9º. ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e cultura afro-brasileira: uma introdução à Lei no. 10.639/03, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria José Batista Pinto

Elaine Anunciação

**HISTÓRIA, LITERATURA E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS EM UMA TURMA DO 9º. ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira: Uma Introdução à Lei 10.639/03, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Maria José Batista Pinto

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Maria José Batista Pinto – Orientadora - Laseb / Faculdade de Educação da UFMG

Liliane dos Santos Jorge – Profa. Convidada - Laseb / Faculdade de Educação da UFMG

Míriam Lúcia dos Santos Jorge – Profa. Convidada -Laseb/Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho ao Louis.

Agradeço a minha mãe pelo apoio, à Maria de Fátima Gomes pelo incentivo e sugestões, aos meus alunos pela aprendizagem, à Débora Nunes do Setor de Informática pela paciência e auxílio aos meus alunos, a auxiliar de biblioteca Glauciane pelos empréstimos dos livros do “kit literário para professores” e também dos títulos emprestados para os estudantes das turmas que lecionei (ambas da Escola Municipal Hélio Pellegrino) , à Maria José Batista Pinto que orientou este trabalho, à Secretaria e professores do LASEB, ao Budismo Tibetano, Antroposofia, Pilates e Louis pelo suporte espiritual.

“Mas enquanto o Sol puder brilhar
Eu vou querer a minha chance de olhar (...).E eu
vou lutar pra ter as coisas que eu desejo.
Não sei do medo, amor, pra mim não tem preço”
Jimmy Cliff

RESUMO

O presente trabalho pretende demonstrar uma prática de ensino interdisciplinar (História/Literatura) vivenciada pela turma de 9º. ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Hélio Pellegrino . Ele foi desenvolvido de fevereiro a novembro no ano de 2010. Tem como bases teóricas o Ensino Culturalmente Relevante, o Letramento Literário e as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte objetivando a educação para as relações étnico-raciais a partir da Lei 10.639/03. Através da leitura dos livros “Memórias de um sargento de milícias”, “Clara dos Anjos”, “O Mulato” e “A Revolução dos Bichos” foi possível estabelecer conexões entre as relações de poder e o racismo na sociedade brasileira. Os resultados alcançados foram o foco político da questão racial, o letramento literário e o amplo debate com questionamentos sobre a identidade individual. Este trabalho encontrou o seu maior obstáculo na grande dificuldade dos alunos em leitura e interpretação de textos literários relacionando-as com o seu cotidiano e na sua implantação que se deu de forma isolada.

Palavras-chaves: Relações étnico-raciais; Pedagogia do Culturalmente Relevante; Letramento Literário; Proposições Curriculares de História.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
1.1. Caracterização do contexto e do público.....	12
1.2. Objetivos.....	17
1.2.1. Gerais.....	17
1.2.2. Específicos.....	17
1.3. Justificativa.....	17
1.3.1. 1º. Argumento: o racismo na sociedade e o papel da escola no seu combate e a situação da escola em relação a esse contexto.....	19
1.3.2. 2º. Argumento: a manifestação da discriminação e do racismo na escola.....	22
1.3.3. 3º. Argumento: ausência de material didático ou na presença dos mesmos, Desconhecimento de como usá-los por parte dos professores.....	23
2. FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA	26
2.1. A Escola Plural, a Lei 10.639/03, as proposições curriculares da PBH e a educação anti-racista articuladas no ensino de História.....	26
2.2. A pedagogia culturalmente relevante e o letramento literário.....	28
3. DESENVOLVIMENTO	32
3.1. Cronograma	37
3.1.1. Módulo 1 – Introdução e Memórias de um sargento de milícias.....	37
3.1.2. Módulo 2 – A questão racial e leitura do livro Clara dos Anjos.....	39
3.1.3. Teorias raciais, direitos civis e a leitura do livro O Mulato.....	41
3.1.4. Módulo 4 – Síntese: relação de poder e a leitura do livro “A Revolução dos Bichos.....	43
4. AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6. REFERÊNCIAS	52
7. ANEXOS.....	54

1. INTRODUÇÃO

Este Plano de Ação constitui um projeto pedagógico que é desenvolvido desde o ano de 1995, na Escola Municipal Hélio Pellegrino por mim, professora de História, com turmas do 8º. e 9º. anos na perspectiva de inclusão, respeito às diferenças e do debate racial em sala de aula. Fundamenta-se nos princípios da Escola Plural¹, das Proposições Curriculares de História da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte – 3º. Ciclo, da Lei 10.639/03² e na Pedagogia do Ensino Culturalmente Relevante, teoria da americana Glória Ladson-Billings. Também se referencia numa abordagem do letramento literário.

Antes que houvesse um instrumento legal que determinasse o ensino interdisciplinar nas escolas de ensino fundamental e médio, este trabalho aqui apresentado já demonstrava tal preocupação.

Em 1996, em 20 de dezembro, a Lei no. 9394 – Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) instituiu diretrizes que orientavam a organização da Educação Básica, sendo a educação um direito e dever do Estado, como já propunha a Constituição de 1988.

Em 1998, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) incorporaram temas presentes na sociedade brasileira, bem como do cotidiano escolar como meio ambiente, sexualidade e pluralidades culturais e tinham como objetivo orientar o currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essas temáticas, orientando o currículo através dos temas transversais, integravam o que foi denominado de “áreas de conhecimentos” Estas, por sua vez, facilitaram o ensino interdisciplinar.

No ensino fundamental, o currículo passou a ser desenvolvido pelas seguintes “áreas de conhecimentos”: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências Naturais (Biologia, Física e Química) Artes, Educação Física e Língua Estrangeira. O objetivo é que o

¹ É um programa político pedagógico implantado na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte em 1995 que propôs uma nova organização dos tempos e espaços, do desenvolvimento do currículo e das formas de avaliação considerando o perfil dos alunos e dos professores. Nela, o aluno é o foco da ação pedagógica. A noção de série é descartada e a nova organização é de acordo com os ciclos de desenvolvimento humano – infância, pré-adolescência, adolescência, juventude. Cada qual estrutura-se em períodos de 3 anos. No ensino fundamental, ele possui três ciclos: 1º. ciclo – 6 a 8/9 anos (1º., 2º. e 3º anos); o 2º. ciclo 8 a 10/11 anos (4º., 5º. e 6º. anos) e o 3º. ciclo de 11/12 a 14/15 anos (7º., 8º. e 9º anos). É um programa que atende a pluralidade cultural de seu corpo discente, incorporando uma visão multiculturalista. E orienta-se pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996). O ensino fundamental, de acordo com a Lei 9394/96 tem a duração de 9 anos, sendo o ingresso da criança aos 9 anos de idade.

² Lei de 9 de janeiro de 2003 que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira.

ensino seja interdisciplinar e possa abranger as diversas áreas do conhecimento. A ligação entre as áreas de conhecimentos – na grade curricular - dar-se o nome de temas transversais. Os temas transversais visam questões sociais que possuem flexibilidade na grade curricular e podem e possuem abertura para ser trabalhados de diversas formas.

Os conteúdos para cada área de conhecimento estão organizados através dos eixos temáticos. No caso da História, para os 8º. e 9º. ano³ o eixo temático escolhido é História das Representações e das Relações de Poder e privilegia “estudos sobre as relações de poder na História brasileira e de outras partes do mundo.(Brasil, 1998). Isto fez com que o trabalho desenvolvido se legitimasse.

Em 9 de janeiro de 2003 entrou em vigência a Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que obriga o ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas do Brasil. Assim, o trabalho desenvolvido com os alunos ampliou-se e, mais uma vez, havia uma justificativa legal para realizá-lo a partir da vigência desta lei.

A partir de 2004, o Conselho Nacional de Educação, com Parecer no. 03/2004 instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Posteriormente, com a distribuição de kits literário pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte aos alunos e às escolas – e com uma vasta bibliografia para professores -, a execução do projeto foi facilitada. Muitos livros utilizados ao longo do ano e, na perspectiva da educação étnico-racial estavam disponíveis nesses kits. Ademais, a solicitação de verbas, através do Projeto de Ação Pedagógica - P.A.P.-⁴, a efetivação deste trabalho tornou-se ainda menos complicado.

A movimentação dos diversos grupos na sociedade brasileira para o reconhecimento de seus direitos resultou em grande mobilização nacional para que fossem representados na constituição de 1998. Estes grupos passaram a exigir das autoridades transformações na sociedade brasileira. Entre esses grupos estava o Movimento Negro que passou a cobrar das autoridades uma política pública que fosse inclusiva e, de fato, melhorasse as condições da população negra brasileira.

³ Segundo os PCN de História, esta faixa denomina-se 4º. Ciclo.

⁴ Projeto de Ação Pedagógica da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e tem como objetivos promover a inclusão, garantindo o acesso, a permanência e o direito ao conhecimento, incentivar desenvolvimento de projetos de alfabetização e letramento de crianças, adolescentes e adultos, incentivar o desenvolvimento de projetos que busquem a melhoria da qualidade da educação.

A Constituição Federal (1988) assegurou ao cidadão o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim, como garantiu igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira. Todavia, padece de um poder político que, de fato, faça com que as leis sejam cumpridas. Um poder não distingue a desigualdade real dos diferentes sujeitos históricos. A Lei 10.639/03 veio, assim, para garantir que esses diferentes sujeitos históricos, tenham de fato, reconhecimento, cidadania.

A herança social, cultural, histórica dos negros passou a ser valorizada⁵. A compreensão do contexto histórico foi importante, pois dele percebeu-se, que até então, essa herança era ensinada de forma estereotipada, ora ignorada ou ainda, incorporada dentro do que foi denominado de “democracia racial”⁶.

No ambiente escolar, a questão racial não era abordada de maneira adequada. O Movimento Negro demonstrou ser, neste local, o palco de discriminações raciais das formas mais disfarçadas ou descaradas possíveis: uma dessas formas dissimuladas está o bullying⁷, a negação de sociabilidade e/ou exclusão do aluno por ser adepto de religião de matriz afro-brasileira, por ter o cabelo crespo, por ser negro entre outras.

A questão racial na escola precisa ser abordada de uma forma que integre, inclua, desfaça estereótipos e que desagregue guetos. A ação é prioridade máxima. Impedir que tais práticas continuem é imprescindível para o respeito aos direitos e o pleno exercício da cidadania de sujeitos históricos, até bem pouco tempo negados. Não é gratuito que a comunidade escolar constituiu-se, portanto, no espaço a ser trabalhado pela Lei 10.639/03.

Em 2009, a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte lançou as propostas curriculares para o ensino na Capital denominadas Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

É nesse contexto sócio-histórico e político e também frente a minha experiência como educadora como relato no meu memorial (ANEXO A) que registrei esse Plano de Ação Pedagógica Individual. Cabe ainda esclarecer também que ele é o resultado da parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a UFMG, fruto das Ações Afirmativas e no curso ministrado na Faculdade de Educação, no LASEB (Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica nos anos 2009-2010).

⁵ Ao menos teoricamente.

⁶ Termo que foi utilizado pelos intelectuais brasileiros na década de 40 e refere-se a uma igualdade entre as raças. Muitos atribuem a utilização do termo a Gilberto Freyre, quando da publicação de sua obra “Casa-Grande e Senzala” que demonstrou a contribuição da cultura negra para a formação do Brasil. Foi Florestan Fernandes que ao criticar a obra de Freyre introduziu outra expressão famosa “O mito da democracia racial”.

⁷ É uma palavra de origem inglês que significa violência moral, psicológica ou física intencional e repetitiva praticada por um grupo de pessoas contra, indivíduos mais frágeis, tendo destaque a figura de um “valentão”.

Portanto, este Plano de Ação Individual tem como objetivo final o título de especialização no Curso de História da África e Cultura Afro-Brasileira, bem como a legitimação de um longo trabalho desenvolvido por mim, na Escola Municipal Hélio Pellegrino que traz como pressuposto uma educação que respeite a diversidade, que seja democrática e valorize a cultura africana e afro-brasileira. Assim, renovar, sempre, a esperança de que é possível construir um mundo melhor e mais igualitário.

Este Plano está dividido em Introdução que é apresentado de forma resumida o que é este plano, seus referenciais seu objetivo final; as leis criadas durante os anos de seu início, em 1995 até hoje, caracterizo o público onde apresento a turma do 9º. ano do ensino fundamental que selecionei para trabalhar, sendo portanto, o objeto de estudo deste plano; na fundamentação teórica demonstro os fundamentos deste plano, no desenvolvimento apresento como no ano de 2010 foi aplicado este projeto, em seguida o cronograma; a parte da avaliação, considerações finais, referências e os anexos que são importantes para acompanhar a sequência das atividades executadas e de suporte a este Plano de Ação Individual.

1.1. Caracterização do contexto e do público

Este Plano de Ação foi desenvolvido na Escola Municipal Hélio Pellegrino. Oficialmente, a Escola Municipal Hélio Pellegrino foi criada através pelo Decreto no. 8223 de 3 de março de 1995 na gestão do Prefeito Patrus Ananias. Ela está situada no Bairro Guarani na confluência das ruas Guilherme Soares com Arnaldo Teixeira. Faz parte da Regional de Administração Norte e foi construída em parceria com o governo do Estado (gestão Hélio Garcia). Atualmente, ela é a principal e única escola pública municipal que atende aos moradores do Bairro Guarani. Podemos concluir, portanto, que a instituição de ensino em questão já nasceu dentro da Escola Plural. Em 20 de dezembro de 1996, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso é criada a Lei 9394 que estabeleceu as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. E, mais tarde, a Lei 10.639/03 alterando a Lei 9394/96 reforçou os princípios da Escola Plural, destacando-se o direito à diversidade cultural e o direito do aluno. A Escola está situada na região mais pobre de Belo Horizonte e pertence à Regional Norte.

O primeiro ano de funcionamento da E. M. Hélio Pellegrino demonstrou que era preciso inovar no trabalho a ser desenvolvido nas turmas. Era necessária uma atenção especial ao currículo e o cuidado com a clientela/público que vinha de um agrupamento de alunos das várias escolas da região, muitos deles retidos ou com “problemas disciplinares”.

Bastava olhar para os meus alunos, ver a cor deles e refletir sobre a realidade. Minha proposta nasceu desta reflexão. Como fazer com que o aluno se reconhecesse enquanto sujeito histórico e vivenciasse situações de empatia histórica explorando a imaginação e o exercício de colocar-se no lugar do outro buscando compreender suas motivações, objetivos, e atos a partir de sua inserção em um determinado contexto? Como problematizar em sala de aula a supremacia racial branca, se nos rostos, gestos, falas a discriminação racial estava presente? Como fazer com que o aluno se familiarizasse com as narrativas históricas e compreendesse seus elementos fundamentais? Como fazer com que ele compreendesse que diferentes processos históricos eram frutos da experiência e da intervenção humana em diferentes tempos e espaços, envolvendo sujeitos, temporalidades, contextos eventos e conceitos históricos diversos? Como fazer com que ele compreendesse e exercitasse os fundamentos éticos da aprendizagem histórica? Como fazê-los trabalhar cooperativamente? Como levá-los a questionar que tudo era relação de poder? Como praticar o letramento com esses alunos e superar as dificuldades em escrita, leitura e interpretação de texto? E seria possível superar essa defasagem que traziam? Como desenvolver a criatividade e autonomia desses sujeitos?

A literatura foi a resposta para esta pergunta, bem como a aplicação da Lei 10.639/03.

E solução do problema foi “bem simples”. Através da seleção de livros, preferencialmente de autores negros, iniciei, efetivamente, o trabalho em 1996⁸ Era requisito que a questão étnica, social e de gênero fossem contempladas nos romances ou contos. A música, o letramento, contextualização histórica eram explorados objetivando a melhoria da escrita, leitura e interpretação do contexto e mundo. A grande maioria não havia sido, devidamente, orientada e estimulada através de músicas, vídeos, jornais, filmes. Pensava: “E se houvesse um objetivo, uma intenção e um projeto bem fundamentado, as dificuldades seriam superadas. E eu queria que as minhas aulas contribuíssem de alguma forma para

⁸ Em 1995 com a inauguração da escola e após o quadro de professores completo, convidei a Profa. de Português, Maria do Carmo Starling, para trabalhar comigo. Tínhamos em comum somente uma turma do 9º. ano, e como a biblioteca da Escola não tinha ainda, funcionários, optamos por deixar que os alunos conseguissem o livro em outras bibliotecas. Eu sugeri o livro “Menino de Engenho” de José Lins do Rego, pois pretendia estabelecer a relação entre latifúndio, concentração de terras e, claro, o “sistema plantation” – que baseava no tripé – Monocultura, latifúndio e mão de obra escrava e claro, a desigualdade social. Portanto, introduzir o estudo da cultura afro-brasileira, com a fala do seqüestro dos africanos para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar do Nordeste Brasileiro. Starling aceitou a sugestão. Ela trabalhava questões de gênero literário, significado de palavras e eu com a interpretação do texto e as permanências do passado no presente. Também sugeri o livro “A Revolução dos Bichos de George Orwell cujo objetivo era trabalhar as relações de poder. ”No ano seguinte, Starling não estava mais na Escola e convidei a Profa. Rita Magali Collus Franco. Como estava envolvida com a Antroposofia de Rudolf Steiner, pois fazia um tratamento com a Medicina Antroposófica e freqüentava reuniões de um grupo, notei a referência pelo livro de Guimarães Rosa, “Miguilim” (em “Manuelzão e Miguilim”, de “Campo Geral). Eu quis trabalhar com este livro sobre a perspectiva do que havia aprendido na Antroposofia. Não houve problemas e a professora concordou. Solicitamos às famílias uma quantia de dinheiro para comprar os livros que circulavam entre os alunos. Neste ano, trabalhamos “A Escrava Isaura”, “O Encontro Marcado”, “Dom Casmurro”, “A Revolução dos Bichos”, “O Mulato” e, claro “Miguilim”.

melhorar a qualidade de vida daqueles alunos, contribuíssem para aumentar o capital cultural, e que eles estabelecessem relações entre o passado e o presente. Além disso, eu queria que eles refletissem sobre a fala de Cazuzza “Eu vejo um futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades, o tempo não pára, não pára, não, não pára”. E tinha o meu interesse pessoal: eu sou uma leitora que adoro compartilhar tudo que leio e as músicas que eu gosto.⁹

Cada turma era dividida em seis grupos com cinco ou seis alunos (variava de acordo com o número de estudantes da turma). Todos recebiam um roteiro orientado de leitura, e um questionário para ser respondido individualmente. Através de sorteio, cada equipe tinha que apresentar uma das tarefas que era: dois grupos a criação de uma música com coreografia, outros dois apresentação de uma peça teatral, o quinto apresentar reportagens de jornais e revistas e o último trazer uma música da MPB com temas relacionados ao livro. Cada turma ficaria com um título. A cada bimestre os livros seriam trocados entre as turmas. As turmas selecionadas, que eu trabalho eram as do 8º e 9º anos. Selecionei Lima Barreto em “Clara dos Anjos”, Aluísio Azevedo em “O Mulato”, Machado de Assis em “Dom Casmurro”, José de Alencar em “Senhora” e Guimarães Rosa em “Miguilim”.

Neste Plano de Ação, a turma selecionada que selecionei foi a 307: uma turma agitada, dinâmica, solidária uns com os outros, composta de 35 alunos. Os motivos dessa escolha foram: além de eu ser a professora referência deles, somente três alunos tiveram aulas comigo no ano anterior. Portanto, desconheciam o meu trabalho e seria um desafio trabalhar com eles e, saber o que pensavam sobre a questão étnico-racial. Ademais, uma estudante do Doutorado na FAE e outra com graduação em História estavam monitorando as minhas aulas e, esta turma tinha sido selecionada, o que tornava mais fácil a interlocução para saber quais aspectos do meu trabalho precisavam melhorar, ampliar ou simplesmente redimensionado. Isto não significa que o trabalho não foi desenvolvido nas outras quatro turmas. Ao contrário, foram 9 livros trabalhados ao longo do ano com as 5 turmas (duas do 8º. ano e três do 9º. ano), 4 títulos que se revezaram nas turmas do 8º. ano e 5 do 9º.ano ou seja muito trabalho.

A turma 307 possui 33 alunos, sendo que há um cadeirante, com mielomeningocele, uma aluna com dislexia¹⁰. Coletivo é, em sua maioria, barulhento, solidário uns com os outros, com potencial criativo e cognitivo. Tem uma capacidade de organização e

⁹ Adoro o Grupo Cidade Negra que é uma banda de reggae que surgiu na Baixada Fluminense em 1986.. Trabalhei exaustivamente – e até hoje – a música “Luta de Classes” – de Samuel Rosa e Chico Amaral, do CD “Sobre Todas as Forças” do ano de 1994.

¹⁰ Que é muito participativa, adora História, lê os livros e tem, na minha aula, avaliações sempre orais.

mobilização extraordinárias. Os alunos, participativos e competitivos. Em todos os eventos promovidos pela Escola - que envolviam competições - , a turma ganhou todos. A maioria está dentro da faixa etária para o 9º. ano, isto é, 14/15 anos e apenas 2,2% supera esta faixa etária.

Através da correção dos trabalhos individuais, pude perceber, que até os que se destacam não acentuam palavras, quaisquer que sejam elas, oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas. Chamei atenção do grupo para e fiquei impressionada com o fato. Há, contudo, excelentes estudantes que se destacam pela reflexão filosófica, coerência (33,1%) dos seus escritos.

Questionadora, o coletivo tende a impor seu ponto de vista. Todavia, quando o professor supera o barulho, disciplinar e argumentar o seu ponto de vista há um interesse geral em ouvir opiniões contrárias desde que ele seja convincente. E, qualquer deslize, por parte do professor, a turma atenta, retruca, questiona e a disciplina tornar-se bastante complicada.

No início, 15% dos alunos demonstrou práticas de bullying chamando os de pele mais escura de “neguinho”, “zulu”. Em filmes que apareciam personagens que eram negros, o parentesco dos alunos eram exaltados: “- Olha lá o pai (mãe, irmã) de fulano!” Quando o trabalho de literatura iniciou-se, esses mesmos 15% questionaram se chamar o outro de “neguinho”, “zulu” era ofensa. Indaguei se os estudantes em questão tinham esses nomes e se gostavam de serem identificados dessa forma. Os cinco alunos constrangidos - cada qual a sua maneira - responderam que não gostavam da forma que os colegas se expressavam. Pedi que falassem bem alto seus nomes e que enfatizassem se gostavam ou não de serem chamados dessa forma. Um dos alunos – uma menina – achou um absurdo e disse que ali tinha uma maneira afetiva de tratamento. Disse que se tal se os papéis fossem invertidos? Eles tinham o direito de serem respeitados e chamados por seus nomes. Ela recuou e sua participação nas aulas reduziu, inclusive até o seu rendimento escolar em História.

Quanto à interpretação de mundo, contextos, a dificuldade em estabelecer relações entre o passado e o presente era muito grande por grande parte da turma. Percebi que o problema estava relacionado à falta de jornais, revistas, uma leitura mais atualizada. Como as avaliações não focavam a “decoreba” e sim, fazer com que a turma mostrasse argumentos e pudessem justificá-los, um longo trabalho de leitura, inclusive com muitos vídeos, utilização espaço denominado “Setor de Informática” foi bastante utilizado¹¹

¹¹ Quando iniciou-se a Escola Integrada – os alunos ficam na escola à parte e pela manhã – o espaço foi ocupado por essa nova demanda e exigência da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Na primeira apresentação do livro “Memórias de um sargento de milícias” foi péssima. Talvez o fato de ter me ausentado por mais de um mês¹², e a professora substituta, desconhecia a metodologia utilizada, a organização do tempo e a maneira que o currículo era trabalhado tenha contribuído para o péssimo resultado¹³. Tive selecionar vários artigos da Folha de São Paulo para trabalhar a conexão passado/presente; algumas músicas para demonstrar como fazer uma leitura crítica.

A abordagem que trazia era nova para a turma e muitos tinham uma visão diferente, muitas vezes equivocada, o que eu atribuí a um precário letramento. Perguntei do motivo da dificuldade e do fracasso de uma prova que não cobrava conteúdo, mas estabelecer paralelos entre o passado e o futuro. Queixaram-se – para a minha surpresa e das outras duas acompanhantes – que ninguém nunca tinha ensinado a pensar daquela forma e, que tinham aprendido sobre a causa e consequência dos fatos históricos. E não mentiam. Embora tivessem a fama de excelentes alunos, ao defrontar com os textos selecionados, muitos diziam que não tinham compreendido nada. Daí, tive que ler em voz alta, interpretar linha por linha¹⁴, o que foi muito cansativo. Entretanto, a turma como um todo melhorou bastante. A forma tradicional que até então, o conteúdo era trabalhado constituía um obstáculo. Romper a barreira e mostrar que o ensino de História era muito mais que causa e consequências, demonstrar perguntando sempre para o grupo quais eram as permanências do passado no presente foi o principal desafio.

Os livros selecionados foram: “Memórias de um sargento de milícias” num primeiro módulo. Indispensável para tratar da formação do povo brasileiro e, como introdução ao assunto da questão étnico-racial, o foco ficaria na questão, também de gênero, através da personagem “Vidinha”, o nepotismo e a diversidade de tipos populares, como o mestre que vendia “valentia”, o feiticeiro, a parteira, o barbeiro. Em seguida, leram “Clara dos Anjos”, depois “O Mulato” e, fechando o ciclo, mas imprescindível e que discutia a relação de poder, “A Revolução dos Bichos”¹⁵.

¹² Quebrei o pé direito no dia 24 de fevereiro de 2010, logo no princípio do ano e, contrariada, tive que tirar licença. Retornei em 12 de abril.

¹³ A estudante do Doutorado que monitorava as minhas aulas ficou assustada com a desorganização da turma. Disse-lhe que havia ficado muito tempo longe e, muito embora não tivessem sido meus alunos – exceto por 3 – os professores anteriores diziam que turma era bastante produtiva.

¹⁴ Foram cerca de 11 artigos envolvendo questões de gênero e desigualdade social; educação e desigualdade social; voto e escolaridade; relações de poder e como exercer a cidadania; formação do Legislativo Federal etc. Todos os temas estavam de forma direta ou indireta aos livros que seriam lidos pela turma.

¹⁵ Optei por trabalhar com uma das turmas de 8o. ano este título e, como havia poucos exemplares, tive que esperar que a turma concluísse a leitura. Além disso, o revezamento de livros permitiu que nenhuma turma lesse o mesmo livro. E, a dinâmica da apresentação de trabalhos era diferenciada, pois dependia do desenvolvimento da leitura dos alunos.

Assim, o desafio nesta turma era ainda maior, pois os alunos eram desconhecidos para mim. O desafio estava em fazer com que os compreendem a proposta apresentada, ficassem motivados na leitura dos livros e pudessem refletir sobre a questão étnico-racial em sala, na sociedade e, pudessem a partir daí, transformar atitudes visando uma construção de uma sociedade melhor baseada no respeito à diversidade cultural.

1.2. Objetivos:

1.2.1. Gerais

Criar condições junto aos alunos e alunas para a promoção de aprendizagem de conceitos, valores, atitudes e procedimentos no sentido de compreender como historicamente construímos identidades étnico-raciais e a partir disso, refletir sobre a diversidade sócio-cultural na sociedade brasileira e sua relação com o racismo no Brasil.

1.2.2 Específicos¹⁶

- Combater as práticas racistas e discriminatórias dentro da escola.
- Promover a implantação da Lei 10.639/03.
- Perceber dimensões subjetivas e coletivas das identidades, reconhecendo-se como sujeito sociocultural e a outros sujeitos em outros tempos, espaços e culturas.
- Promover a discussão da mudança na estrutura curricular através da inserção do tema racial, desigualdade de gênero;
- Reconhecer a importância dos africanos e afrobrasileiros no processo de formação nacional.
- Perceber a importância do diálogo com outras disciplinas e do trabalho interdisciplinar para a construção do conhecimento histórico.
- Abordar a temática das relações etnicorraciais, do preconceito, da discriminação racial e violências correlatas.
- Orientar para a divulgação e produção de conhecimentos, bem como atitudes e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os

¹⁶ Grande parte destes objetivos foram retirados das Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos respeito aos direitos legais e valorização da democracia brasileira.

- Reconhecer relações de poder e hierarquias, bem como a sua crítica, nos processos de estruturação das sociedades e grupos humanos.
- Aplicar as Proposições Curriculares de Ensino de Belo Horizonte no 3º. Ciclo.
- Compreender o tempo histórico em suas diferentes dimensões: cronológica, de durações e de diferentes ritmos de tempo vivenciados socialmente.
- Compreender o tempo como uma construção social.
- Promover o diálogo entre diferentes temporalidades, problematizando o passado a luz de questões postas pelo presente e vice-versa.
- Fazer com que os alunos tenham acesso a diferentes livros de literatura e possam estudá-lo de forma mais dinâmica e atualizada;
- Desenvolver a criatividade dos alunos;
- Trabalhar coletivamente, fazendo com que os alunos se responsabilizem pelo cumprimento de horários, com a realização e apresentação de atividades propostas;
- Problematizar a atuação de sujeitos históricos, sua inserção social e as tramas sociais em que estão envolvidos;
- Problematizar a eleição de alguns sujeitos como heróis da História, entendendo processos e representações que levam a sua idealização e identificação destes como únicos agentes da História;
- Reconhecer-se como sujeito da História.
- Compreender a História como processo, construção temporal e social, coletivamente construída.
- Promover o letramento dos alunos com os livros trabalhados.
- Adquirir habilidade para a realização de interpretação da realidade histórica;
- Compreender a historicidade das sociedades, vivenciando situações de empatia histórica, explorando a imaginação e o exercício de colocar-se no lugar do outro, buscando compreender suas motivações, objetivos e atos a partir de sua inserção em um determinado contexto;
- Valorizar a interpretação de texto e o reconhecimento de diversas fontes históricas;
- Iniciar processos de questionamento em relação ao conhecimento histórico produzido, vendo-o como construção arbitrada, permeada de conflitos, relações de poder, abordagens e pontos de vista diferenciados;

- Perceber a desigualdade social em situações da vida cotidiana, aprendendo a se posicionar e reconhecendo a garantia de direitos humanos como pressupostos de cidadania.
- Perceber a importância do diálogo com outras disciplinas e do trabalho interdisciplinar para a construção do conhecimento histórico;
- Estabelecer contrapontos entre as experiências vivenciadas e as experiências semelhantes, em outros tempos, em outros espaços e em outras culturas, percebendo mudanças e permanências, diferenças e semelhanças;
- Reconhecer e valorizar a diversidade cultural, compreendendo o valor da alteridade, das diferenças entre os grupos e os fundamentos da pluralidade cultural;
- Reconhecer as relações de poder e hierarquia, bem como a sua crítica nos processos de estruturação das sociedades e grupos humanos
- Identificar e compreender os processos históricos que resultaram em exclusões e desigualdades de toda ordem no Brasil, incluindo a compreensão de movimentos de resistência e de luta por direitos, problematizando a história do racismo, sexismo, da heteronormatividade, dos preconceitos de classe, e de outros tipos de discriminação e marginalização na sociedade brasileira;
- Refletir sobre o valor da memória social para a compreensão da História e para a produção do conhecimento histórico.
- Valorizar o trabalho coletivo e oralidade dos alunos;
- Utilizar a mídia como instrumento de apresentação de trabalhos.

1.3. Justificativa

Para justificar esse trabalho eu apresento três argumentos que visam explicitar a importância de uma educação anti racista a partir da leitura dos contextos e das abordagens teóricas que acessei ao longo do curso.

1.3.1. 1º. argumento: o racismo na sociedade e o papel da escola no seu combate e a situação da escola em relação a esse contexto

Na apresentação deste trabalho falei de práticas de bullying, com depreciação de alguns estudantes. Isto fez com que o meu trabalho fosse redimensionado e estruturado de forma que valorizasse o pertencimento racial dos alunos, bem como trabalhasse, em sala, artigos que demonstrassem as reações das pessoas ao racismo. Afinal, a discriminação é disseminada na sociedade brasileira (macroestrutura) e interage com a escola (a microestrutura).

A comunidade escolar está inserida na sociedade e, por fazer parte deste contexto, assume uma atitude, essencialmente política que se reflete em sua opção pelo currículo, em suas festas, na relação com os alunos, material didático adotado enfim, na organização do cotidiano escolar.

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais¹⁷ prevê que a ancestralidade, circularidade, solidariedade, oralidade, integração e coletividade – elementos do universo africano – sejam referenciais curriculares para que a escola seja um lugar apropriado para a efetivação do respeito às diferenças, valorização da diversidade, e que a história e cultura negras sejam abordadas com a dignidade que lhes é devida. O objetivo é de promover o acesso à cidadania e o direito à igualdade. Ou seja, o exercício da democracia. E quando faço menção à palavra democracia ela deve ser defendida e exercida em todos lugares. E, não foi gratuito, que entre os livros escolhidos, a leitura do livro “A Revolução dos Bichos” foi importante para demonstrar como o poder é constituído e, que tudo é relação de poder.

Nesse aspecto o questionamento do currículo é imprescindível, pois é impossível trabalhar com a diversidade com foco no currículo tradicional. A teoria crítica do currículo deve ser adotada. Aqui, a proposta pedagógica é fundamentada na pedagogia do ensino culturalmente relevante¹⁸. Assim, os livros selecionados “A Revolução dos Bichos”, “O Mulato”, “Clara dos Anjos” e “Memórias de um Sargento de Milícias” ” e conteúdos trabalhados também objetivaram a autonomia do sujeito e a transgressão do currículo oficial¹⁹

O racismo é demonstrado na utilização de um currículo eurocêntrico com a supremacia da raça branca, “civilizada”, bem como em suas práticas discriminatórias das avaliações tradicionais. O viés ideológico da utilização do currículo tradicional só reforça o preconceito, os estereótipos das outras culturas não-brancas.

¹⁷ BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 54.

¹⁸ Adiante pretendo esclarecer o que significa a expressão e demonstrar a fundamentação teórica deste trabalho.

¹⁹ O que é, de fato, utilizado nas outras áreas de conhecimentos e na escola onde o trabalho .

A falta de propostas pedagógicas continuam a imperar nas escolas mesmo com as orientações dos PCNs²⁰, das Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e até da Lei 10.639/03. Há uma má vontade dos professores em alterar a sua rotina de trabalho, estudar o assunto. No meu trabalho há um boicote por parte dos colegas, pois todos “sabem dar aulas e não necessitam de ninguém que os ensine”. Será que esta atitude, além da arrogância, não esconde a ignorância um vazio metodológico, uma postura acrítica e incapacidade de refletir sobre a sua prática pedagógica?

Destaco aqui dois exemplos: o tabu quando o assunto é religiões de matriz africana. Geralmente, nas escolas há um grupo de professores evangélicos que se manifestam contrários a qualquer tentativa de abordar o assunto e, qualquer palavra, por exemplo, Exu é considerada “coisa do demônio”, “macumba”. Às vezes, sutilmente, encontram formas de minar o trabalho alheio.

No ano que iniciei este trabalho, ou seja, em 1995, na comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra, perguntei às turmas quais seriam as manifestações que faríamos para a conclusão do nosso trabalho que havia começado com o livro “Menino de Engenho” de José Lins do Rego e, depois com “A Revolução dos Bichos”. Um grupo de estudantes do 6º. ano demonstrou interesse pela religião e quis mostrar, para a escola, o resultado da sua dedicação. Não revelaram para mim o que pretendiam e disseram que era surpresa. Naquele ano tinha sido muito difícil : eu estava começando, a escola era nova, os alunos tinham sido selecionados e a disciplina era difícil, a materialidade da escola era muito precária, o quadro de docentes não estava completo etc. e nem havia intimidade entre o coletivo dos professores.

Na apresentação, as alunas mostraram o ritual da umbanda, com a música “Festa de Umbanda”. Uma aluna era adepta desta religião e a mãe tinha um terreiro. Eu desconhecia o fato e gostei de tudo: estava impecável. Muitos professores ficaram atônitos. Um pequeno número de professores foi à direção e reclamou que a escola não era espaço para aula de macumba. Tive que dar explicações. Entre os alunos fiquei conhecida como “a professora macumbeira”. Pais reclamaram e fiquei muito preocupada com as alunas e o constrangimento que podiam ter. A Gladys – aluna que a mãe tinha um terreiro – adorou e, nos anos seguintes, vários de seus irmãos passaram pelos bancos da escola. Evitei, durante muito tempo, trabalhos que eram mostrados para a Escola inteira e, que pudesse trazer algum tipo de constrangimento para os alunos.

²⁰ Parâmetros Curriculares Nacionais.

Todavia, nas festividades, as orações cristãs sempre eram pronunciadas e ninguém se importava. À tarde, um agrupamento de professoras é que conduzia as comemorações natalinas²¹ Ora, se os alunos têm direitos e a comunidade escolar não é constituída só de evangélicos, o certo então, era que se fizesse um culto ecumênico para que todos os credos fossem contemplados.

A seleção dos livros “Clara dos Anjos” de Lima Barreto e “O Mulato” de Aluísio Azevedo foi um processo natural²² e uma forma de estimular o debate sobre o racismo na sociedade e, de situações vivenciadas em sala de aula que demonstravam discriminação racial.

Na leitura do livro “Memórias de um sargento de milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, um desafio foi lançado para a turma: O narrador discriminava a personagem Vidinha? O nome Vidinha não trazia a idéia de alguma ordinária, sem importância? O motivo seria o fato da personagem ser identificada como mulata? Ou por ser mulher ou ambas? Há preconceitos contra mulheres negras? O modelo patriarcal dever ser questionado? Qual era a opinião de cada um?

Os debates foram tímidos e creditei ao fato da pouca familiaridade com a proposta de trabalho. Porém, algumas estudantes pontuaram que assim como na sociedade, em sala de aula, na apresentação de trabalhos, na rotina de funcionamento dos grupos, os meninos exploravam as meninas, simplesmente, pela questão de gênero. Uma aluna disse que poucos contribuíam intelectualmente para o desenvolvimento dos trabalhos, mas queriam a nota.

Quando o livro selecionado recaiu sobre “Clara dos Anjos”, o debate sobre o racismo da mãe de Cassi Jones foi intenso. Quando indaguei qual foi a parte do livro que mais gostaram, a unanimidade foi quase absoluta por parte dos alunos negros e pardos: “-Nessa vida, não somos nada”.

A ausência de um Projeto Político Pedagógico que funcionasse e contemplasse, de fato as prerrogativas da Lei 10.629/03, no contexto escolar foi um dos motivos da formatação deste Plano de Ação.

1.3.2. 2º. argumento: a manifestação da discriminação e do racismo na escola

Os casos de *bullying* eram constantes e afetavam, principalmente, as crianças negras. Palavras eram ditas com violência tinham como objetivo a ofensa eram uma realidade: “macaco”, “macaca Chita”, “gorila”, “negro preto”, “beijudo”, “tição”, “carvão”. Por mais

²¹ E sempre muito chatas.

²² Também facilitado pela experiência do trabalho em anos anteriores com turmas do 8º. E 9º. anos.

que um professor (a) sensibilizado com pelo assunto quisesse abordá-lo era tolhido em sua iniciativa. Estes não se relacionavam apenas à organização dos tempos escolares, mas também à sensibilização do corpo docente para a questão. E, não era só o racismo, mas também atitudes homofóbicas²³ Isto demonstra um desrespeito à diversidade cultural.

O desenvolvimento deste Plano de Ação constatou realidades que não diferiam além dos muros da Escola. Neste ano, foi com muito espanto, que constatei a exploração intelectual das meninas pelos meninos. E, muitas delas consideravam “naturais” e, só reclamaram depois da leitura do livro “Clara dos Anjos”. E não foi gratuito que ao ser perguntadas, no trabalho individual, qual a parte do livro que mais gostaram, cada qual foi quase unânime na resposta “Nós não somos nada nesta vida” - última frase do livro, dita por Clara dos Anjos à sua mãe. Isto constituiu um incômodo e uma constatação de como a sociedade patriarcal pode ser cruel com as mulheres.

Diante das manifestações de discriminação quanto à raça e gênero, disfarçados de *bullying* e das aulas ao longo do curso de História da África e Cultura Afro-brasileira ficou evidente para mim, a necessidade de uma prática que abordasse o problema de forma mais sistemática e objetiva. E, que, de alguma forma, um dos argumentos do meu trabalho estivesse relacionado ao combate da discriminação e do racismo na escola.

1.3.3. 3º. Argumento: ausência de material didático ou na presença dos mesmos desconhecimento de como usá-los por parte dos professores

Se a Lei 10.639/03 por si só é uma lei anti-racista e que deve ser aplicada no meio escolar, qual seria o motivo da ausência de propostas dentro das escolas, particularmente das públicas? E, por quais motivos, a resistência dos professores em repensar, criticamente o currículo? E as formas tradicionais de avaliação? Como coletivamente fazer com que os docentes discutam suas práticas e, assumam o papel transformador da educação? E como elaborar um currículo anti-racista? Ora, a Escola como reduto de uma ideologia tem a obrigação de cumprir o seu papel no esclarecimento, na quebra de estereótipos, discriminações e, por seu caráter, investir numa educação que respeite a diversidade cultural. Em sala de aula, os alunos assistidos neste Plano de Ação Individual foram convidados a repensar suas posturas, a identificar as permanências e mudanças ocorridas na sociedade brasileira com a leitura de livros indicados e foram, constantemente, desafiados a questionar

²³ Nas cinco turmas que o trabalho foi desenvolvido no ano de 2010. Todavia, para este Plano de Ação Individual selecionei apenas uma turma do nono ano.

as relações de poder, quaisquer que fossem elas. Os estudantes perceberam que havia uma diferença entre o que aprendiam em História e nas outras disciplinas. Daí passaram a fazer comparações, perguntas e confrontar os outros professores sobre métodos, gerando uma situação muito delicada²⁴,

Ora, deveria haver um movimento de um amplo debate que resultasse na modificação do currículo e, na própria maneira de utilização do livro didático, na construção de um Projeto Político Pedagógico. E o que eu estava presenciando eram formas tradicionais de utilização do currículo e avaliações.

Creio que há uma geração de professores que não sabem ou não querem lidar com o assunto que é a modificação do currículo, novas formas de avaliação e alterar a sua prática focando na aprendizagem do aluno. Tampouco discutir o racismo, pois isto requer um exercício de humildade e reflexão sobre a sua ação na sociedade²⁵.

Aliado a tudo isso - o compromisso ético e a postura profissional dos professores – há o desconhecimento de novas didáticas para atuar junto à diversidade cultural e promover a aprendizagem²⁶ e há a necessidade de formação de professores para atuar de acordo com a Lei 10.639/03.

Será que grande parte dos professores perdeu a capacidade de ter esperança e acreditar na transformação pela educação? E a base ética do docente e a crença na construção de uma sociedade igualitária? Ora, sem isso, é muito difícil que a implantação da Lei 10.639/03 ocorra na comunidade escolar.

A geração de disciplinas específicas nos cursos de graduação que abordem as relações étnico-raciais e a História e Cultura afro-brasileira e africana são vitais para que a nova geração de professores saiba trabalhar com o tema. Não só com cursos presenciais, mas também com oferta de cursos à distância para que haja a democratização do conhecimento nos lugares mais ermos deste Brasil.

²⁴ No ano de 2009, a professora de Língua Portuguesa reclamou na Direção. Direção e Coordenação subiram no meu horário de aula numa das turmas e a mesma professora proferiu que somente ela era formada em Português e que podia determinar quais eram os livros que os alunos podiam ler; que só ela era formada em Português e podia julgar os livros que os alunos deveriam ler e que ninguém mais poderia fazer algo sobre literatura sem consultá-la. Meu trabalho que nunca tinha contado com a participação dela ou exigido da mesma qualquer contribuição era visto como um obstáculo, pois incomodava que tinha o pretenso monopólio do saber. Isto só demonstrou as tensões e conflitos, resistências que deveriam ser superadas quando optei por mobilizar os alunos e tratar a questão das relações de poder e discutir a questão racial através da literatura.

²⁵ E, não é gratuito que nos próximos concursos públicos da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte²⁵ o tema esteja em questão. Querem um novo perfil de profissional aberto às questões da diversidade.

²⁶ Há uma arrogância de grande parte do corpo docente que “eu sou professor(a), sei ensinar e não preciso aprender mais nada”.

A criação de cursos como os oferecidos pelo LASEB-UFMG são importantes no que diz respeito à Educação Continuada de Formação de Professores para a implantação de uma educação anti-racista. Todavia, o professor tem que querer

A ausência de materiais didáticos pedagógicos foi outro problema enfrentado. Muito embora, neste trabalho, os kits literários distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte tenham sido utilizados²⁷, não havia uma orientação da utilização do material.

Os alunos desconheciam o tema racial da forma como foi abordado em classe. Isto ficou provado frente às perguntas que eram feitas em sala de aula. Além disso, não tinham o hábito de leitura, isto é, de livros de literatura lidos em sua totalidade e cujo trabalho exigia que questionassem o conhecimento histórico produzido - permeados de conflitos e relações de poder -compreendessem a história como um processo e a literatura como uma construção, mas contextualizada; estabelecessem relações entre o passado e o presente e sentissem como sujeitos históricos e, ainda buscassem as origens de suas identidades.

Portanto, o desenvolvimento deste trabalho, aliada à necessidade de um projeto para a conclusão do Curso de História da África e Cultura Afro-Brasileira são importantes para efetivação de práticas pedagógicas capazes de criar condições junto aos alunos e alunas para a promoção de aprendizagem de conceitos, valores, atitudes e procedimentos no sentido de compreender como historicamente construímos identidades étnico-raciais e a partir disso, refletir sobre a diversidade sócio-cultural na sociedade brasileira e sua relação com o racismo no Brasil.

²⁷ Contudo, os kits distribuídos tinham títulos diversificados e, o que foi possível fazer foi o intercâmbio de livros – o que foi feito pelos alunos perguntando todos do 3º. Ciclo quais eram os livros que tinham nos kits e se os colegas de outras turmas queriam trocar o livro exigido para a leitura por um outro livro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este Plano de Ação tem como fundamentação teórica a educação anti-racista ou educação intercultural. Suas bases estão fincadas na Escola Plural, na Lei 10.639/03 e nas Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte articuladas ao ensino de História. Atreladas à elas constituem também as bases deste trabalho a teoria do letramento e a pedagogia do culturalmente relevante.

A concepção de História que fundamenta a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, assim como os propósitos mais amplos deste trabalho, consideram a prática social em suas dimensões do tempo presente. Portanto, busca a recuperação das experiências sociais de indivíduos e grupos sociais, ou seja, a recuperação da experiência humana. Busca-se compreender o tempo presente, como espaço de tensão e conflitos, tempo movido pelas experiências cotidianas, pois são elas que possibilitam aos alunos se situarem no social, pois o cotidiano é o lugar privilegiado para se encontrar e compreender as lutas sociais. Dessa forma, rompe-se com a noção de tempo com algo linear e possibilita-se entender o passado mais distante a partir das vivências do tempo presente. Isto permite que haja um diálogo entre o passado e o tempo próximo como ponto de partida.

Se num primeiro momento, o meio utilizado para isso, é a Literatura esta remonta ao passado é com o momento e aflições do presente que o debate se estabelece. Assim, a noção de tempo leva em consideração as noções de diferença, semelhança, mudança, permanência e simultaneidade, já que a intenção deste Plano de Ação é encaminhar as reflexões históricas no sentido de ultrapassar as realidades concretas, vivenciadas dos alunos, no aqui e no agora, no tempo presente e alcançar referenciais mais amplos no tempo e no espaço, alcançando outros tempos, outros espaços, partindo, sempre, do referencial local.

Dessa forma, articulam-se a concepção da Escola Plural (1995), a Lei 10.639/03 (2003), as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino (2009) que consideram a sociedade multicultural e pressupõe uma luta pela igualdade de direitos e atuam no sentido de resgatar a dignidade dos sujeitos socialmente excluídos, além de promoverem novas formas de ação coletiva junto a esses excluídos.

2.1. A Escola Plural, a Lei 10.639/03, as proposições curriculares da PBH e a Educação anti-racista articuladas no Ensino de História

A Escola Plural é uma proposta pedagógica orientada pelas práticas sociais e pedagógicas voltadas para a inclusão dos novos atores sociais, que antes eram excluídos, discriminados do processo de inserção escolar. Ela reconhece a importância dos direitos e propõe a construção de uma sociedade democrática, a conscientização da cidadania, o respeito às diferenças de gêneros, sociais, religiosas etc. Destaca, também, a importância da mudança do currículo, a sua transformação através da teoria curricular crítica, e da construção de um Projeto Político Pedagógico que atenda a realidade da comunidade escolar. Ela surgiu antes dos Parâmetros Curriculares Nacionais e complementa-se neles.

A Lei 10.639/03 aplicada no espaço escolar objetiva, também, concretizar o ideal de igualdade e democratizar esse espaço, contribuindo de maneira pedagógica para a quebra de estereótipos relativos à população negra. Tem como pressuposto a eliminação da supremacia racial branca, pois objetiva eliminar processos históricos de discriminação racial, promover a inserção do negro na sociedade.

Não poderia, portanto existir parceria mais perfeita: a Escola Plural e a Lei 10.639/03 que se complementavam. E, nos Parâmetros Curriculares Nacionais baseiam as Proposições Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, no caso, de História, 3º. ciclo.

As Proposições Curriculares propõe trabalhar de forma interdisciplinar e com temas/problemas/questões investigativas, bem como o desenvolvimento de habilidades. Concomitantemente, apresenta uma visão que contesta o currículo tradicional através da abordagem crítica do currículo. Permite relacionar as dimensões formadoras dos adolescentes como “trabalho em torno de problemas e questões do nosso tempo”(BELO HORIZONTE, 2009, p. 20). Há clareza quanto à questão curricular quando enfatiza que “Uma atenção especial, então, deve se dar ao projeto do 3º. Ciclo, com propostas curriculares que sejam adequadas às ações para que os estudantes e uma organização do trabalho pedagógico dos docentes promova mais continuidade e colaboração entre os três anos”. (BELO HORIZONTE 2009, 24)

As Proposições Curriculares estabelecem que “a organização do trabalho docente deve combinar a perspectiva disciplinar com a ação integrada e cooperativa, ambas necessárias para a aquisição de conhecimentos e capacidades desejáveis para os adolescentes” (BELO HORIZONTE, 2009, p. 21). Seus eixos norteadores são: “Fundamentos da Compreensão Histórica”, “Temporalidade Histórica”, “História como Construção Coletiva: Sujeitos Históricos”, “Ampliação da Noção de Fato Histórico”, “Conhecimento Histórico como Construção Social”, “Pesquisa e Produção do Conhecimento Histórico Escolar”, “Diversidade, Desigualdades e Cidadanias”, “Memória e Patrimônios” E tem como objetivo

principal “orientar a escola e o professor na sua ação educativa no 3º. Ciclo de Formação, período da adolescência, que compreende a faixa etária de 12, 13, 14/15 anos.” (BELO HORIZONTE, 2009, P. 17).

2.2. A pedagogia culturalmente relevante e o letramento literário

Aliada à utilização das Proposições Curriculares da Rede de Ensino de Belo Horizonte está a Pedagogia Culturalmente Relevante e o letramento literário. Inicialmente, iremos definir o que é o ensino culturalmente relevante, sua criadora e os paralelos com a teoria de Paulo Freire e em seguida a teoria do letramento e do letramento literário.

A Pedagogia Culturalmente Relevante ou Ensino Culturalmente Relevante é uma teoria que se insere dentro do multiculturalismo. É de autoria de Glória Ladson-Billings, da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos e encontra-se no livro “Os Guardiões de Sonhos – O ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas. Como teoria multiculturalista valoriza a diversidade cultural, preocupando-se com a formação de professores e das novas gerações, além de atuar na efetivação de um currículo que atenda às demandas desta pluralidade cultural.

Glória Ladson-Billings em entrevista a Gandin, Pereira e Hypolito (2002) afirma que o Ensino Culturalmente Relevante é baseado em três vértices: desempenho escolar, competência escolar e consciência sócio-política. Segundo Glória Ladson-Billings o primeiro vértice, ou seja, o desempenho escolar estabelece que as crianças precisam aprender na escola e, que não faz sentido que elas saiam deste espaço sem saber nada. Todavia, essa aprendizagem é muito mais que saber conteúdos escolares, mas aprender a fazer uma reflexão crítica, questionando a maneira como e o que estão aprendendo e a buscar tudo que consideram importantes para o seu aprendizado. Assim, os estudantes participam, de fato, do seu aprendizado.

O segundo vértice é a competência cultural. Ladson-Billings diz que “a competência cultural é a capacidade das crianças entenderem quem elas são, de onde vêm, pois estas coisas são importantes para ajudá-las na aprendizagem.” (Gandin; Pereira, Hypolito, 2002, p. 284) Este vértice pretende demonstrar aos estudantes a importância do seu meio social, a importância da educação e a luta que seus antepassados tiveram para que elas estejam ocupando este lugar, isto é, que conscientizem-se da importância dos estudos e dos antepassados, que se torna um processo quase “arqueológico” de suas raízes.

O terceiro vértice relaciona-se com o segundo, pois tornar-se impossível, segundo a teoria, saber de suas origens, da importância dos estudos sem uma ação política. Assim, a ação política alia-se à consciência política. E, segundo Ladson-Billings, em entrevista a Gandin, Pereira, Hypolito (2002) diz que é neste vértice que aparece a influência do educador e filósofo Paulo Freire. A consciência sócio-política faz com que os estudantes entendam que há um objetivo maior em estudar e, que através de uma reflexão crítica questione padrões de desempenho escolar e, coletivamente unidos, lutarem para transformar uma dada realidade.

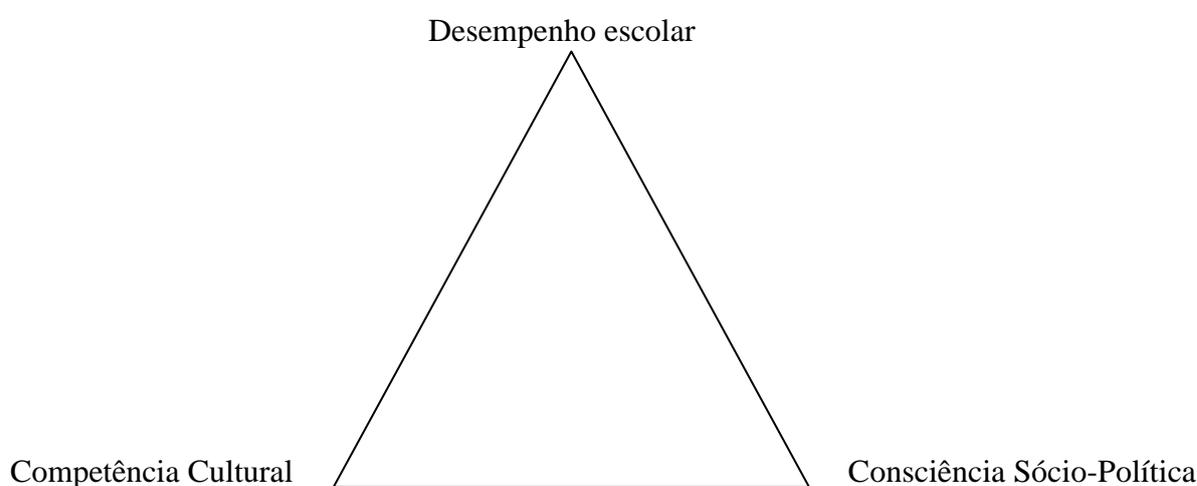


Fig. 1. Ensino Culturalmente Relevante

Assim, o Ensino Culturalmente Relevante, a Escola Plural, a Lei 10.639/03 são complementares. O foco no currículo e a sua mudança visando o que é relevante são indissociáveis.

“O ensino culturalmente relevante envolve alunos no processo de construção do conhecimento, de tal modo que eles possam fazer perguntas significativas sobre a natureza do currículo. O objetivo final é garantir que os alunos tenham um sentimento que é fortalecedor e libertador. Como co-edificadores, no processo de construção do conhecimento, são menos alienados deste, e começam a compreender que aprender é importante atividade cultural”(Ladson-Billings, 2008, P. 95)

Aliado ao ensino culturalmente relevante está a apropriação da escrita e da leitura e isto ocorre nesta concepção pedagógica com o letramento.

A definição de letramento por si só é polêmica e depende da teoria que se tem como referência teórica e, dos teóricos que em diferentes posições definem a palavra, muitas vezes, que é contraditória. Há duas dimensões a ser consideradas: a individual e a dimensão social. A

primeira considera o letramento como “uma adaptação do indivíduo às relações sociais existentes, enquanto a última irá se preocupar com a forma de um indivíduo consciente dos processos ideológicos e das formas de distribuição de poder presentes nas práticas sociais”. (Ramos,2009, p. 30).

A professora Magda Soares é a representante desta última linha. Segundo ela:

“ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ser ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse..., habilidades de interpretação e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações ou conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor...”(SOARES, 2004,p. 91-92).

Outros teóricos diante das muitas significações da palavra – letramento -, preferem utilizar-se da palavra no plural: letramentos “o que parece pertinente se levarmos em consideração que cada prática social tem suas especificidades e, que certamente um indivíduo estará *não letrado* ²⁸em determinadas práticas sociais”(Ramos, 2009, p.31)

Ladson-Billings²⁹ define letramento como “atividade comunitária para tornar a aprendizagem da leitura e da escrita uma tarefa mais significativa e bem sucedida, para aprendizes afro-americanos³⁰”(2008,p.122). Dessa forma numa perspectiva de ensino culturalmente relevante é fundamental desenvolver o letramento dos alunos.

Os preceitos, segundo Ladson-Billings que incluem os programas de letramentos e que constam da construção deste Plano de Ação são:

- 1. Alunos cujos futuros educacional, econômico, social, político e cultural são mais tênues, são ajudados a se tornar líderes intelectuais na sala de aula.**
- 2. Alunos são aprendizes em uma comunidade de estudo, em vez de serem ensinados de maneira isolada e desvinculada.** Isto significa que o ensino de habilidades é contextualizado.
- 3. As experiências da vida real dos alunos são legitimadas, na medida em que se tornam parte do currículo “oficial”.** Mesmo que as literaturas sejam selecionadas para os alunos, dependemos,

²⁸ Grifos do autor.

²⁹ Que é outro referencial teórico deste trabalho com a pedagogia culturalmente relevante.

³⁰ No caso do Brasil, afro-brasileiros.

decisivamente das experiências deles para fazer a literatura resultar viva.

4. Professores e alunos participam de uma concepção ampla de letramento, que incorpora ambas, a literatura e a oratória. Usar múltiplas estratégias de ensino garante que todas as crianças desenvolvam suas habilidades de leitura sem serem ridicularizadas ou envergonhadas.

5. Professores e alunos se empenham em um esforço coletivo contra o *status quo*. Os alunos são ajudados a compreenderem que as expectativas sociais em relação a eles, são geral muito baixas. Entretanto, são encorajados pelas professoras que demonstram que suas expectativas são excepcionalmente altas. Professores e alunos devem se unir para provar o contrário da crença vigente.

6. Professores se reconhecem como seres políticos. É indispensável demonstrar para os alunos a natureza política do trabalho que é realizado com eles. Os alunos são lembrados de que seu progresso rumo à excelência cultural é a arma mais poderosa que possuem para lutar contra um *status quo* medíocre. (2008, p. 135-136)

Todavia, foi “Cosson que propôs o uso da expressão letramento literário para uma nova abordagem do texto literário” (Ramos,2009,p.33). Segundo ele “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”(Cosson, 2006,p.12). E, mais adiante sobre a interpretação do livro literário afirma que ocorre quando “as inferências são ativadas no processamento da leitura, consiste na capacidade de se estabelecerem relações entre o texto e o conhecimento de mundo”(Cosson,2006,p.40-41).

Portanto, este estudo se baseia na utilização da literatura e do Ensino Culturalmente Relevante para a efetivação da Lei 10. 639/03 no Ensino de História, aplicando as competências e habilidades das Proposições da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

3. DESENVOLVIMENTO

Este Plano de Ação parte integrante de um Projeto maior, que desde o ano de 1995 é desenvolvido por mim na Escola Municipal Hélio Pellegrino. Ele é utilizado com as turmas de 7º., 8º e 9º. ano do 3º. Ciclo do Ensino Fundamental na Rede de Ensino de Belo Horizonte na referida Escola.

Em 2010 este trabalho foi efetivado em 2 turmas de 8º. e em 3 turmas do 9º. ano. Contudo, selecionei a turma 307 – do 9º. ano – para participar da ação proposta pelos seguintes motivos:

- Eu sou professora referência da turma.
- Eu desconhecia 98% de seus integrantes.
- Os alunos da sala 307 foram escolhidos, entre as outras turmas que eu dava aula, para fazer parte de uma pesquisa de doutorado: minhas aulas eram gravadas, principalmente, por eu trabalhar com História e Literatura. Acreditei que a troca de experiências com a doutoranda poderia resultar em melhoria da minha prática de ensino.
- O grupo desconhecia a educação para as relações raciais.³¹
- Não havia o hábito, entre os alunos, da leitura de obras literárias.
- Acreditava que ao final do ano letivo, compreenderiam a importância da leitura e interpretação para o exercício da cidadania.
- Assumi um compromisso étnico e ético com a orientação para as relações étnico-raciais e melhoria da aprendizagem quanto à interpretação de leitura e das relações de poder estabelecidas na sociedade, particularmente com esses alunos, a priori, desconhecidos.

Geralmente, esta proposta é pensada cinco meses antes do início do próximo ano letivo. Neste tempo que faço um levantamento do no. de exemplares³² de um determinado título - que pretendo utilizar -, na biblioteca da escola. Também é nesse período que escrevo um projeto solicitando verbas para compra de material – livro de literatura – para a utilização no ano vindouro. O projeto é endereçado ao PAP – Plano de Ação Pedagógica cuja verba é

³¹ Através de rápida sondagem oral, nos primeiros dias de aulas, convidei os alunos para relatar suas experiências sobre a educação para as relações raciais. Constatei pelas falas e, em alguns momentos o silêncio que desconheciam o assunto.

³² Muitos exemplares foram comprados com a contribuição financeira dos estudantes nos primeiros anos de funcionamento da escola, isto é, quando as condições materiais da mesma eram bastante precárias.

municipal. Foi assim, que consegui, adquirir no final do ano passado, 30 exemplares do livro Clara dos Anjos de Lima Barreto para ser emprestados aos alunos este ano.

O material utilizado para o desenvolvimento desta proposta pedagógica, portanto, são livros de literatura. O assunto é fundamental na escolha do livro o que faz com que eu esteja sempre atualizada quanto aos livros de literatura e saiba quais os que me interessa. Para este grupo da 307 selecionei os títulos: *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida, *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, *O Mulato* de Aloísio Azevedo e *A Revolução dos Bichos* de George Orwell.

Antes do início do trabalho há toda uma preparação para que o aluno penetre no livro³³: músicas, textos de jornais (crônicas, reportagens, entrevistas) com o objetivo de fazer com que o aluno interesse pelo livro.

Em seguida, cada aluno recebe um roteiro orientado de leitura do livro³⁴ que tem data prevista de entrega. Geralmente, esta data é no dia da prova individual sobre o livro e ele pode ser feito individualmente ou em duplas. Este roteiro é lido em voz alta e todas as dúvidas referentes ao que é para fazer são esclarecidas no ato da leitura. A ênfase à data de entrega é importante para que a dinâmica do trabalho não seja quebrada. Neste roteiro há dados sobre a biografia do autor, importância do livro, contexto histórico e questões sobre relações entre o passado e futuro (permanências e mudanças).

A turma é dividida em 5 ou 6 equipes, também de 5 ou 6 pessoas. Cada grupo há um líder escolhido entre seus integrantes. Quando há número suficiente de livros, cada estudante recebe um exemplar. Eu controlo os empréstimos e sempre marco a entrega para o dia da prova individual. Todavia, quando não há exemplares para todos, cada ao líder fazer com que o livro circule entre os membros de sua equipe de trabalho. Cada equipe deve apresentar um trabalho.

Cada trabalho deverá ser construído, são em número de 6 e sorteados por cada líder da equipe que escolhe um dos temas:

- Criação de vídeo;
- Criação de música;
- Teatro;
- Reportagem de jornais e revistas
- Música da MPB
- Dança, música.

³³ Ver ANEXOS.

³⁴ Ver ANEXOS.

Os únicos que não devem ser explicados, mas constar de uma linguagem clara são a criação de música, o teatro, dança. O restante deve ser explicado o motivo da escolha e estabelecer uma relação com a desigualdade social e/ou tema racial. Há também a possibilidade que o grupo escolha outra forma de apresentação desde que haja um consenso entre os componentes do grupo. A base dos trabalhos é a leitura do livro.

Esta forma de apresentação estimula o trabalho em equipe, desenvolve a criatividade dos alunos; faz com que eles estabeleçam ligações entre o passado e presente, a obra e o mundo real; problematizem o tema do livro e descubram ressonâncias em suas vidas; discutam o vocabulário do livro e do contexto das relações raciais; que sejam autores de textos, músicas e se orgulham disso; o trabalho em equipe.

O sorteio da forma de apresentação e a ordem que ela deve acontecer é conduzida de modo que os trabalhos menos complexos sejam os primeiros e os que exigem mais tempo, depois.

Assim como na entrega do roteiro orientado, nesta forma de apresentação há uma preocupação com o desenvolvimento da reflexão crítica, o gosto pela leitura e que proporcione ao estudante que tenha a aquisição da habilidade de ler e escrever, mas também se aproprie da escrita e das práticas sociais relacionadas ao uso da linguagem. Há também, o incentivo à reflexão crítica, o gosto pela leitura e a sua utilização para exercer a sua cidadania, bem como expressar com coerência, lógica as suas idéias, bem como argumentar o seu ponto de vista.

As apresentações ocorrem antes da prova e são assistidas por colegas de outras equipes da turma. Esta rotina só não ocorre no Dia Nacional da Consciência Negra onde todas as equipes das turmas que eu leciono apresentam no auditório e, os colegas de outras turmas têm a oportunidade de assistir seus trabalhos. São em média de 25 a 30 grupos e apresentações.

O empenho dos alunos é algo que sempre me impressiona. As preciosidades que eles são capazes de encontrar, produzir sempre me surpreendem. Sentem-se orgulhosos quando ao final da apresentação, o reconhecimento dos outros ocorre através de aplausos.

Se não houver ampla participação da turma, o projeto resulta em fracasso, por isso, devem sempre ser estimulados a interagir entre si, com o livro, a música, vídeo, aula expositiva.

Há, depois de uns 20 dias da entrega do livro e do roteiro uma aula expositiva e ela só ocorre se houver a participação da classe. São eles que descobrem outros temas relacionados ao livro, falam sobre os personagens, suas características, sobre a vida do autor, os fatos

importantes de sua infância, adolescência e fase adulta e demonstrar a relação de algum aspecto do livro com a sua vida.

Em alguns momentos o livro é lido em voz alta, mas é importante que fique bem claro que a leitura é feita extra- classe. Cada líder da equipe estimular seus componentes e juntos planejarem a melhor estratégia de apresentação dos trabalhos, bem como nos encontros fica responsável em ler com os colegas.

Vários textos são introduzidos nas salas de aula e contribuem para a maior compreensão do livro de literatura. Geralmente nestes textos, o assunto refere-se à discriminação racial, homens e mulheres negras do passado e do presente e que se destacaram no Brasil e no mundo. A primeira pessoa que foi apresentada ao grupo foi Néelson Mandela, pois a Copa na África fez com que seu nome fosse exaustivamente falado pela mídia. O hino do CNA – Congresso Nacional Africano e da Juventude Negra da África do Sul foram ouvidos. E qual era a sensação que eles traziam foi um tema explorado com a turma. Vários filmes, documentários, também são utilizados com destaques para *Vista a minha pele* de Joel Zito, *Rompendo o Silêncio – desconstruindo o racismo e violência na escola* de Ana Paula Brandão e *Atlântico Negro -Na Rota dos Orixás* de Renato Barbieri.

Curioso é que ao final do ano, em outubro, só de iniciar a fala Lei dez mil, e os estudantes em uníssono completam “seiscentos e trinta e nove barra zero nove”.

Durante a execução deste projeto, cuidadosamente o conteúdo é selecionado e, sempre relacionado com o assunto do livro de literatura. Portanto, o livro didático é utilizado como apoio. Dependendo do título que será lido, e do conteúdo, as habilidades e competências, de acordo com as Proposições Curriculares de História – 3º. Ciclo do Ensino Fundamental (2009) são desenvolvidas. Assim, com o Livro *Memórias de um sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida as habilidades desenvolvidas foram:

- Problematizar conceitos históricos e os diversos usos e sentidos dos conceitos de História.
- Compreender a idéia de temporalidade histórica à luz de sua experiência imediata.
- Promover o diálogo entre as diferentes temporalidades, problematizando o passado à luz de questões postas pelo presente e vice-versa.
- Estabelecer contrapontos entre as experiências vivenciadas e as experiências semelhantes, em outros tempos, em outros espaços e em outras culturas, percebendo mudanças e permanências, diferenças e semelhanças.

- Refletir sobre o valor da memória social para a compreensão e para a produção do conhecimento histórico.
- Do livro *Clara dos Anjos* de Lima Barreto:
- Apropriar-se dos conceitos de mudança e permanência, empregando-os na interpretação da História.
- Reconhecer práticas sociais e bens culturais como construções coletivas, fruto de experiências de diferentes grupos sociais, por meio dos tempos.
- Compreender que os fatos históricos relacionam-se a ações humanas significativas, de diferentes naturezas.
- Conhecer e apropriar-se de diferentes linguagens e mídias (musical, cênica, plástica etc.), com vistas à aprendizagem histórica, reconhecendo especificidades de leitura e interpretação dessas fontes, e construção de registros que impliquem a transposição de uma linguagem a outra.
- Reconhecer e valorizar a diversidade cultural, compreendendo o valor da alteridade, das diferenças entre os grupos e os fundamentos da pluralidade cultural.
- Perceber a desigualdade social em situações da vida cotidiana, aprendendo a se posicionar e reconhecendo a garantia de direitos humanos como pressupostos de cidadania.

No livro *O Mulato* de Aluísio Azevedo:

- Perceber a historicidade presente em aspectos diversos da vida social, promovendo o processo de desnaturalização do mundo à sua volta e da compreensão espaço-temporal.
- Compreender o tempo histórico em suas várias dimensões: cronológica, de durações e de diferentes ritmos de tempo vivenciados socialmente.
- Apropriar-se de formas de marcação e datação do tempo histórico, tais como décadas e séculos, e identificar algumas das periodizações e marcos políticos e sociais estabelecidos etc.
- Compreender a historicidade das sociedades, vivenciando situações de empatia histórica, explorando a imaginação e o exercício de colocar-se no lugar do outro, buscando compreender suas motivações, objetivos e atos a partir de sua inserção em um determinado contexto.

- Identificar e compreender os processos históricos que resultaram em exclusões e desigualdades de toda ordem no Brasil, incluindo a compreensão de movimentos de resistência e de luta por direitos, problematizando a história do racismo, do sexismo, da heteronormatividade, dos preconceitos de classe, e de outros tipos de discriminação e marginalização na sociedade brasileira.

Do livro *A Revolução dos Bichos* de George Orwell:

- Resignificar a noção de datas cívicas, compreendendo-as como construções sociais, frutos de eleição intencionada de determinados episódios e personagens, capazes de instaurar e reatualizar memórias.
- Adquirir habilidade para realização de interpretação da realidade histórica.
- Perceber a importância do diálogo com outras disciplinas e do trabalho interdisciplinar para a construção do conhecimento histórico.
- Apropriar-se da noção de processo histórico, problematizando idéias de linearidade, progresso e determinação.
- Problematizar a eleição de alguns sujeitos como heróis da História, entendendo processos e representações que levam a sua idealização e identificação destes como únicos agentes da História.
- Reconhecer as relações de poder e hierarquia, bem como a sua crítica, nos processos de estruturação das sociedades e grupos humanos.

3.1 Cronograma

3.1.1. Módulo 1- Introdução e Memórias de um Sargento de Milícias

No. de Aulas: - 26 aulas – fevereiro, março e abril

Conteúdo:

- Lei 10.639/03.
- Caráter excludente da República.
- Nepotismo e corrupção: males da República
- Primeira Constituição Republicana (1891) e exclusão (mulheres, negros, militares, mendigos, indígenas).
- Canudos, Revolta da Chibata, Revolta da Vacina.

- Teoria de Gobineau.
- A questão de gênero no Brasil.
- Imperialismo e Primeira Guerra Mundial.
- Globalização
- África.
- Mandela e Abdias Nascimento.
- Racismo nos anos 20 e 30
- Vidinha e a discriminação racial em Memórias.
- Formação do povo brasileiro

Objetivos:

- Educar para as relações étnico-raciais.
- Letramento literário.
- Problematizar conceitos históricos diversos e os diversos usos e sentidos dos conceitos de História.
- Compreender a idéia de temporalidade à luz de sua experiência imediata.
- Promover o diálogo entre as diferentes temporalidades problematizando o passado à luz de questões postas pelo presente e vice-versa.
- Estabelecer contrapontos entre as experiências semelhantes, em outros tempos, em outros espaços e em outras culturas, percebendo semelhanças e permanências, diferenças e semelhanças.
- Refletir sobre o valor da memória social para a compreensão e para a produção do conhecimento histórico.

Atividades:

- Texto: As condições dos negros no Brasil (ANEXO F)
- Texto - A Lei 10.639/03: Mais uma conquista (ANEXO Z)
- Leitura do livro Memórias de um sargento de milícias
- Vídeo sobre os a Educação em Direitos Humanos.
- Música: Memórias de um sargento de milícias. (ANEXO P)
- Debate sobre o tema racismo (distribuição de texto).(ANEXO AA)
- Hino do Congresso Africano – Nkosi Sikelel I – Afrika. (ANEXO Q)
- Hino da Juventude Africana Negra - So Bashiya –Ba-Hlala-Ekhaya. (ANEXO Q)

- Roteiro Orientado sobre Memórias de um sargento de milícias. (ANEXO B)
- Vídeo sobre Identidade Negra.
- Música: Querem o meu sangue. (ANEXO I)
- Filme: “Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás”
- Caça-Palavras sobre Imperialismo/Ford
- Música: O Mestre-Sala dos Mares. (ANEXO J)
- Música: Mandela e M’andela (ANEXO CC)

Material Didático

- Livro: Memórias de um sargento de milícias
- Músicas: “O Mestre Sala dos Mares”, “Memórias de um sargento de milícias”; “Querem o meu sangue”, “Nhosi Sidelel I-Afrika”, “So Bashiya –Ba-Hlala-Ekhaya”. “Mandela”
- Texto: Lei 10.639: mais uma conquista; texto base para o debate sobre o racismo; texto sobre a globalização.
- Vídeos: “Educação em Direitos Humanos”, “Identidade Negra”,
- Caça-Palavras sobre Imperialismo/Ford.
- Livro Didático.
- Filme: “Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás”

Avaliação

- Apresentação de trabalhos em grupo (5 ou 6 pessoas) do livro “Memórias de um sargento de milícias
- Roteiro Orientado de leitura do livro “Memórias de um sargento de milícias”.
- Exercícios em sala – correção oral.
- Participação nas atividades propostas.
- Avaliação Individual do livro. (ANEXO N)
- Avaliação Individual de Conteúdo.

3.1.2. Módulo 2 - A questão racial e leitura do livro Clara dos Anjos

No. de aulas 26 – abril, maio, junho,

Conteúdo

- 2ª. Guerra Mundial.
- Livro: “Clara dos Anjos”.
- Xenofobia.
- Criação da ONU e a Declaração dos Direitos Humanos
- Governo Vargas
- PCB e o Integralismo

Objetivos

- Educar para as relações étnico-raciais.
- Letramento literário.
- Apropriar-se dos conceitos de mudança e permanência, empregando-os na interpretação da História.
- Reconhecer práticas sociais e bens culturais como construções coletivas, fruto de experiências de diferentes grupos sociais, por meio dos tempos.
- Compreender que os fatos históricos relacionam-se a ações humanas significativas, de diferentes naturezas.
- Conhecer e apropriar-se de diferentes linguagens e mídias (musical, cênica, plástica etc.), com vistas à aprendizagem histórica, reconhecendo especificidades de leitura e interpretação dessas fontes, e construção de registros que impliquem a transposição de uma linguagem a outra.
- Reconhecer e valorizar a diversidade cultural, compreendendo o valor da alteridade, das diferenças entre os grupos e os fundamentos da pluralidade cultural.
- Perceber a desigualdade social em situações da vida cotidiana, aprendendo a se posicionar e reconhecendo a garantia de direitos humanos como pressupostos de cidadania.

Atividades

- Leitura do livro Clara dos Anjos
- Roteiro do livro Clara dos Anjos (ANEXO C)
- Textos: “Xenofobia” (ANEXO S), “A questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades sociais: discriminação e violência (ANEXO U)

Músicas: “Rosa de Hiroshima” (ANEXO V), “Sina Mali, Sina Deni (Free) – Khadja Nin - do Burundi (ANEXO Q); Mi Nada Um Cá tem – Maria de Barros (Cabo Verde). (ANEXO Q)

Vídeo: Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás; África em ordem alfabética e debates sobre a religião de origem afro-brasileira

Debates sobre sociedade patriarcal, matriarcal e discriminação social, racial e de gênero.

Material didático

- Livro: Clara dos Anjos.
- Livro Didático.
- Músicas: “Rosa de Hiroshima”, “Sina Mali, Sina Deni (Free) – Khadja Nin - do Burundi; Mi Nada Um Cá tem – Maria de Barros (Cabo Verde).
- Textos: “Xenofobia”, “A questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades sociais: discriminação e violência

Avaliação

- Apresentação de Trabalhos em grupo (5 ou 6 pessoas) do livro “Clara dos Anjos”.
- Roteiro Orientado de leitura do livro “Clara dos Anjos”
- Participação oral nas atividades propostas.
- Avaliação Individual do livro. (ANEXO L)
- Avaliação Individual de Conteúdo.
- Vídeos: Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás; África em ordem alfabética e a questão da religião de origem afro-brasileira (debate)

3.1.3. Módulo 3 – Teorias Raciais, Direitos Civis e a leitura do livro “O Mulato”

No. de aulas 27 aulas – agosto, setembro e outubro.

Conteúdo

- O Estado de Bem-Estar Social.
- Direitos Civis nos Estados Unidos e no mundo: Rosa Parks, Martin Luther King, Panteras Negras, Malcom X, Cassius Clay (Muhammad Ali), Angela Davis.

- Capitalismo/Comunismo/Socialismo/Anarquismo
- A Guerra Fria
- Dissolução do Bloco Socialista
- Revolução Cubana
- Teoria de Branqueamento no Brasil: Renato Kehl, Raymundo Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Monteiro Lobato
- Abdias do Nascimento

Objetivos

- Educar para as relações étnico-raciais.
- Letrar com literatura.
- Perceber a historicidade presente em aspectos diversos da vida social, promovendo o processo de desnaturalização do mundo à sua volta e da compreensão espaço-temporal.
- Compreender o tempo histórico em suas várias dimensões: cronológica, de durações e de diferentes ritmos de tempo vivenciados socialmente.
- Apropriar-se de formas de marcação e datação do tempo histórico, tais como décadas e séculos, e identificar algumas das periodizações e marcos políticos e sociais estabelecidos etc.
- Compreender a historicidade das sociedades, vivenciando situações de empatia histórica, explorando a imaginação e o exercício de colocar-se no lugar do outro, buscando compreender suas motivações, objetivos e atos a partir de sua inserção em um determinado contexto.
- Identificar e compreender os processos históricos que resultaram em exclusões e desigualdades de toda ordem no Brasil, incluindo a compreensão de movimentos de resistência e de luta por direitos, problematizando a história do racismo, do sexismo, da heteronormatividade, dos preconceitos de classe, e de outros tipos de discriminação e marginalização na sociedade brasileira.

Atividades

- Roteiro do livro “O Mulato”.(ANEXO D)
- Leitura do livro “O Mulato”.

- Texto sobre Gilberto Freire, “ É Racismo, estúpidos!” De Édson Cardoso (ANEXO R)
- Música/Vídeo: Grupo U-2 cantando a música Pride (In The Name Of Love) – sobre Martin Luther King
- Debate sobre o Democracia Racial (texto sobre Gilberto Freyre) (ANEXO R) e “É racismo, estúpidos!” de Édson Cardoso. (ANEXO T)
- Música: O Preto em Movimento – Mv Bill (ANEXO H)
- Filme: “Vista a minha pele” e “Rompendo o Silêncio: descontruindo o racismo e violência na escola”.

Material Didático

- Livro: “O Mulato”.
- Livro Didático
- Caça-Palavras: Lênin, Revolução Cubana, Martin Luther King.
- Texto sobre Gilberto Freire, “ É Racismo, estúpidos!” De Édson Cardoso.
- Música/Vídeo: Grupo U-2 cantando a música Pride (In The Name Of Love) – homenagem a Martin Luther King
- Filmes: “Vista a minha pele” e “Rompendo o Silêncio: descontruindo o racismo e violência na escola”.

Avaliação

- Apresentação de Trabalhos em grupo (5 ou 6 pessoas) sobre o livro “O Mulato”.
- Roteiro Orientado de leitura do livro “O Mulato”
- Participação oral nas atividades propostas.
- Avaliação Individual do livro.(ANEXO M)
- Avaliação Individual de Conteúdo.
- Debate sobre teorias de branqueamento e democracia racial no Brasil.

3.1.4. Módulo 4 – Síntese: Relação de Poder e a leitura do livro “A Revolução dos Bichos”

No. de aulas 22 – setembro, outubro, novembro e dezembro.

Conteúdo

- Livro “A Revolução dos Bichos”.

- Ditadura Militar no Brasil e América Latina.
- Redemocratização do Brasil – de Tancredo a Lula
- A instabilidade monetária e as mudanças de moeda no período inflacionário.
- Governo Fernando Henrique Cardoso e as Ações Afirmativas.
- Governo Lula e o Estatuto da Igualdade Racial.
- Conflito Árabe-Israelense
- As Grandes Crises do séc. XX (2ª. Guerra Mundial, Crise de 1929 e Crise Mundial do Petróleo)
- Crise no setor imobiliário dos E.U.A. – 2008
- A Caçada ao terrorismo e o imperialismo americano.

Objetivos

- Educar para as relações étnico-raciais.
- Letrar com literatura.
- Ressignificar a noção de datas cívicas, compreendendo-as como construções sociais, frutos de eleição intencionada de determinados episódios e personagens, capazes de instaurar e reatualizar memórias.
- Adquirir habilidade para realização de interpretação da realidade histórica.
- Perceber a importância do diálogo com outras disciplinas e do trabalho interdisciplinar para a construção do conhecimento histórico.
- Apropriar-se da noção de processo histórico, problematizando idéias de linearidade, progresso e determinação.
- Problematizar a eleição de alguns sujeitos como heróis da História , entendendo processos e representações que levam a sua idealização e identificação destes como únicos agentes da História.
- Reconhecer as relações de poder e hierarquia, bem como a sua crítica, nos processos de estruturação das sociedades e grupos humanos.

Atividades

- Livro “A Revolução dos Bichos”
- Roteiro do livro “A Revolução dos Bichos”(ANEXO E)
- Livro Didático

- Vídeos: 11 de setembro – 11 minutos, 09 segundos e 01 imagem – Ken Loach (sobre a ditadura chilena e a participação no Golpe Militar que derrubou o governo de Salvador Allende).
- Música: Luta de Classes (ANEXO G)
- Vídeo: abertura do seriado House (Massive Attack) e a música “Teardrop”.
- Música: Pray for Rain – Massive Attack
- Texto: Massive Attack toca em São Paulo e não em Israel. (ANEXO BB)
- Texto: Estatuto da Igualdade Racial (ANEXO O)
- Leitura e exercícios do texto: Massive Attack toca em São Paulo e não em Israel.
- Semana da Consciência Negra.
- Caça-palavras sobre a Ditadura Militar no Brasil; Moedas no período inflacionário.

Material Didático

- Livro “A Revolução dos Bichos”
- Livro Didático
- Música: Luta de Classes – Chico Amaral e Samuel Rosa
- Músicas e Vídeos: 11 de setembro – 11 minutos, 09 segundos e 01 imagem – Ken Loach (sobre a ditadura chilena e a participação no Golpe Militar que derrubou o governo de Salvador Allende).
- Vídeo: abertura do seriado House (Massive Attack) e a música “Teardrop”.
- Música: Pray for Rain – Massive Attack
- Texto: Massive Attack toca em São Paulo e não em Israel.
- Texto: Estatuto da Igualdade Racial

Avaliação

- Apresentação de Trabalhos em grupo (5 ou 6 pessoas) sobre o livro “A Revolução dos Bichos.
- Roteiro Orientado de leitura do livro “A Revolução dos Bichos”
- Participação oral nas atividades propostas.
- Avaliação Individual do livro. (ANEXO M)
- Avaliação Individual de Conteúdo.
- Debate sobre o Estatuto da Igualdade Racial.
- Produção de texto sobre a Ditadura Chilena – baseado no filme de Ken Loach

- Apresentações de trabalho no Dia Nacional da Consciência Negra³⁵

³⁵ As turmas que leciono vão para o auditório e, em ordem crescente começa a apresentação. Cada equipe tem 10 minutos para mostrar o seu trabalho. Como são 5 turmas e, dependendo, cada uma com 5 ou 6 grupos, então elas dão um total de 30.

4. AVALIAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Diante desse trabalho realizado faço uma avaliação considerando os resultados alcançados com os alunos e os possíveis desdobramentos na comunidade escolar.

A participação dos alunos foi muito boa e todos souberam o que é a Lei 10.639/03, qual a sua importância e para que serve. Houve casos de estudantes que disseram que cobrarão que o tema seja abordado no 2º. grau³⁶.

A apresentação dos trabalhos sugeriu pesquisa, dedicação e interesse dos alunos. Todavia, foi evidente que no início desta proposta quando falei sobre discriminação e preconceito racial houve um incômodo por parte dos alunos afro-descendentes, exceto daqueles que conseguiam fazer uma leitura política do trabalho que ali estava sendo apresentado. Muitos alunos utilizaram a internet como um instrumental para buscar mais informações sobre o tema, movimentando assim, o Setor de Informática da Escola. Isto contribuiu para que nas aulas, a novidade fosse recorrente e pudesse ser compartilhada com os colegas. E isto, contribuiu para que a partir daí, desse “gancho” iniciasse o planejamento daquele dia.

Todos os alunos, uns mais e outros menos, mas enfatizo, todos em grau variados, puderam compreender que os diferentes processos históricos foram (e são) frutos da experiência e intervenção humanas, em diferentes tempos e espaços, envolvendo sujeitos, temporalidades, contextos, eventos e conceitos históricos.

As atividades sugeridas para tratar a questão racial foram tão estimulantes para os alunos que quando o sinal anunciava que era hora de concluir o assunto, por exemplo, de um debate, os alunos permaneciam inflamados e sugeriam que eu conversasse com o outro professor e pedisse que cedesse o seu horário para continuarmos a atividade. Em outros momentos, os relatos de experiências eram tão contundentes que o silêncio era absoluto, exceto pela voz daquele que contava a todos a sua vivência. E, a sala de aula transformava-se num grande divã.~

A educação para as relações raciais fez com que o respeito entre os adolescentes, aos poucos, surgisse. Os apelidos foram diminuindo e, deixaram de acontecer, a auto-estima também refletiu na melhoria de notas daqueles que se sentiam excluídos, rejeitados.

O título que fez mais sucesso entre os alunos foi o livro Clara dos Anjos, de Lima Barreto. Os debates sobre a gravidez de Clara, o desprezo de Cassi Jones por ela ser negra e

³⁶ Importante ressaltar que trabalho com turmas de 2º. E 2º. anos do 3º. Ciclo e, que a turma escolhida para a aplicação desta proposta é do 9º. ano, isto é 3º. ano do 3º. ciclo.

pobre foram intensos. Outro destaque foi o livro “A Revolução dos Bichos” Quando ele foi associado à música “Luta de Classes”, cantada pelo grupo Cidade Negra e os paralelos entre um e outro foram estabelecidos em uma aula expositiva, o sucesso foi absoluto com direito por semanas inteiras escutar o refrão “daí a História surgiu, escravo da Babilônia, trabalhador do Brasil”.

Mesmo um livro que foi considerado “chato”³⁷ mudou o seu *status quo*. Quando as explicações sobre as teorias racistas do embranquecimento foram apresentadas, facilmente, os estudantes conseguiram identificar D. Maria Bárbara como representante desta corrente. Mostraram-se surpreendidos por ser o protagonista Raimundo um ignorante quanto às suas origens, mas concluíram que no Brasil a ignorância de si mesmo pode levar a atitudes racistas.

A correção dos roteiros orientados sobre os livros e das produções de textos registrou que os meninos têm mais dificuldades do que as meninas na interpretação de texto.

Todavia, o Plano de Ação fracassou na tentativa de fazer com que os estudantes observassem as regras de acentuação. O resultado é extraordinário: nenhum aluno ou aluna, inclusive entre aqueles considerados excelentes acentuam palavras. E quis saber o motivo disso ao devolver o resultado das produções de texto. A turma alegou que “ninguém acentua palavra”³⁸ e quando ocorre o acesso pela internet às redes sociais, o fenômeno também repete. E concluíram que “a acentuação gráfica é coisa do passado”.

A associação da educação para as relações sociais, com o letramento literário, a aplicação das habilidades e competências das Proposições Curriculares da Rede de Ensino de Belo Horizonte e o Ensino Culturalmente Relevante foram imprescindíveis para o resultado alcançado e inserido no contexto a importância das relações de poder na sociedade.

Contudo, o trabalho sempre foi nesses quinze anos, muito solitário, sem o envolvimento dos outros professores que não tiveram interesse, ou acharam desinteressante o assunto ou tiveram dificuldades em estudar sobre as relações raciais e mudar a sua prática, já que é impossível lidar com a temática e não mudar a prática em sala de aula. E isto constituiu uma resistência, um “jogo de poder” natural na sociedade humana.

Algumas correções serão adotadas para a excelência desta proposta de educação das relações raciais. Uma delas é a inversão dos livros utilizados. O primeiro a ser utilizado é “A Revolução dos Bichos” de George Orwell para que haja a compreensão que a desigualdade

³⁷ As reclamações da turma quanto à leitura deste livro foram grandes, mas depois que expliquei que Aluísio Azevedo escreveu o livro em plena Campanha Abolicionista, era um homem que defendia a Abolição e teve que abandonar a cidade de São Luis, o interesse pelo livro foi despertado.

³⁸ Palavras da representante da turma que foi interrompida em seu discurso com a concordância do grupo que aplaudiu e disse “é isso mesmo”.

social está relacionada à desigualdade racial. Aliado à forma como o livro será abordado, também a música “Luta de Classes” de Chico Amaral e Samuel Rosa. E isto facilitará que o aluno perceba as diferentes posições que cada um ocupa na sociedade e, que a sociedade humana é fruto também, da exploração do ser humano, natureza etc. E, que só a união, a luta dá um sentido à vida e transforma perspectivas de futuro. Assim, tornar-se-á a percepção do aluno da ironia utilizada pelo narrador de Memórias de um Sargento de Milícias ao descrever a personagem Vidinha, ver como aí, a diversidade do povo brasileiro é ampla e como eram os tipos populares. Poderão estabelecer paralelos entre o presente e o passado mais facilmente e identificar as permanências e mudanças na sociedade. O próximo livro seria, então “O Mulato” e concluindo “Clara dos Anjos” onde o debate sobre a desigualdade de gêneros ligada a desigualdade racial será estabelecido

O livro do historiador Evaldo Cabral de Melo “*Joaquim Nabuco Essencial*” da Penguin Companhia, será utilizado. E a justificativa é pela relevância de Joaquim Nabuco para o tema das relações raciais no Brasil e, do trabalho com fontes primárias contribuindo para que a habilidade de conhecer diferentes fontes históricas, apropriando-se de alguns procedimentos de leitura e interpretação e desenvolvendo a produção de registro de conteúdo históricos em suas variadas formas (BELO HORIZONTE, 2009). Assim, além do livro de literatura como fonte primária, os escritos de Nabuco, também contribuíram para estabelecer relações entre as diversas fontes e notar as permanências.

Quanto aos desdobramentos na Escola, o corpo docente, mesmo alheio, percebeu a importância, de trabalhar sistematicamente, com o tema em toda a comunidade escolar e, não só no Dia Nacional da Consciência Negra. E três fatores contribuíram para isso: O primeiro está ligado à pressão da Secretaria de Educação, que através da Regional Norte a partir deste ano, tem pressionado a Direção das escola para que tenha um Projeto Político Pedagógico e uma proposta curricular contemple o tema.

O segundo está relacionado à família dos estudantes. Os pais, por intermédio dos alunos acabaram sabendo da existência da Lei 10.639/09 já que a organização das diversas equipes foi necessária para a apresentação dos trabalhos no horário extraclasse. Os responsáveis eram informados que era “um trabalho de História, sobre um livro e que tinha relação com a Lei 10.639/03”. E os filhos acabam explicando aos pais do que se tratava a lei.

Os agentes da transformação, ou seja, os alunos comentavam com os colegas de outras turmas que perguntavam aos professores se eles iriam apresentar, também, “trabalhos contra o racismo e se leriam livros sobre o tema”.

Acredito, portanto, que a educação para as relações raciais no âmbito escolar tendem a ser transformar no ano que vem, e que este trabalho terá mais viabilidade e visibilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Proposições Curriculares da Rede de Ensino de Belo Horizonte, a Pedagogia do Culturalmente Relevante segundo os princípios de Glória Landson-Billings e o letramento literário foram essenciais para o sucesso desta proposta. E tratando-se de Proposições Curriculares da Rede de Ensino de Belo Horizonte cabe aos gestores municipais a insistência na implementação dessas, já que elas resultam no respeito à diversidade e num currículo menos autoritário que não reproduza o discurso dominante

Os desafios para a educação das relações raciais no âmbito escolar são:

- a falta de interesse e ignorância da maioria dos docentes sobre o assunto;
- falta de vontade política da gestão escolar;
- insistência na despolitização do tema;
- falta de consciência política dos responsáveis pelos alunos a respeito do tema e resignação diante das desigualdades sociais;
- ausência de cursos de formação de professores e falta de adesão a ele;
- resistência em mudar a prática pedagógica.
- Currículo oculto nas escolas.

Além disso, no âmbito nacional o debate sobre o tema racial parece nunca estar associado à desigualdade social e demonstra uma dificuldade das elites em lidar com o assunto e resolver, de fato o problema. O cenário não é bom: a xenofobia, homofobia, o extermínio de jovens, claro, negros.

As limitações desse trabalho, contudo, não impediram que eu, juntamente, com os alunos ficássemos, cada vez mais, entusiasmados com cada atividade proposta. Isto só mostrou que estou no lugar certo e, que ser professor, é antes de tudo gostar de lecionar e assumir um compromisso ético e, por que não étnico com os seus educandos, acreditando que é possível a construção de uma sociedade mais justa, igualitária que respeite a diversidade.

6. REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Panorama da Educação Municipal**. Belo Horizonte: dezembro de 2006.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Proposições Curriculares Ensino Fundamental – História – 3º. Rede de Ensino de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: 2009.

BRASIL. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Brasília: 1998.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON. Rildo. **Três Histórias de Leitura: sexo, analfabetismo e letramento literário**. Disponível em http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog10_01.pdf. Acesso em 12 nov.de 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In:DUARTE, Eduardo de Assis. ALEXANDRE, Marcos Antônio (orgs.). **Falas do Outro: literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala/NEJA, 2010, p. 24-37.

GANDIN, Luís Armando. PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. HYPOLITO. Álvaro Moreira. Para **Além de uma Educação Multicultural: Teoria Racial Crítica, Pedagogia Culturalmente Relevante e Formação Docente (Entrevista com a Professora Glória Ladson-Billings)**. Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, no. 79, Agosto/2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10858.pdf>. Acesso em 01 de novembro de 2010.

LADSON-BILLINGS, Glória. **Os Guardiões de Sonhos – O ensino bem-sucedido de crianças afro-americanas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008 (Coleção Cultura Negra e Identidades)

LADSON-BILLINGS. Glória. HENRY, Annette. Confundindo as fronteiras: vozes da pedagogia libertadora africana nos Estados Unidos e Canadá. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da. SANTOS, Rafael dos. (orgs.) **Multiculturalismo: mil e uma faces da Escola**. 3ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 33-62.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo – História, Línguas, Culturas e Civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Identidade nacional versus Identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO. Beatriz. O Conceito de Quilombo e a Resistência Afro-brasileira. In: NASCIMENTO. Elisa Larkin (org.).**Cultura em Movimento –Matrizes africanas e ativismo negro**. São Paulo. Selo Negro, 2008, p. 71-91.

PAIVA, Aparecida. RODRIGUES, Paula Cristina de Almeida. Letramento Literário em sala de aula. Desafios e possibilidades. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia. MACIEL. Francisca Izabel Pereira. MARTINS, Raquel Márcia Fontes (orgs.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2008, p.103-119.

RAMOS, Hélio Castelo Branco. O Letramento Literário no Livro Didático do Ensino Médio. **Revista ao Pé da Letra**. Revista dos Alunos de Graduação em Letras, vol. 11.2, 2009, p. 27-47. Disponível em http://www.revistaaopedaletra.net/volume%2011.1.Helio_Castelo_Branco_Ramos.pdf. Acesso em 19 de nov. de 2010.

SOARES, Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Letramento no Brasil**. 2ª. Ed. São Paulo: Global, 2004, Parte 2, p. 89-113.

7. ANEXOS

ANEXO A – Meu Memorial

A minha trajetória em direção à História e Literatura começou na infância, por influência da minha mãe, que juntamente, com o meu pai, contavam histórias, sendo que o último, também compunha poemas e escrevia músicas. As narrativas mencionavam países distantes, costumes diferentes, comidas exóticas, personagens estranhos. E sempre excitavam a minha imaginação e a dos meus irmãos.

Já no primeiro grau interessei-me pelo curso de “Informações Turísticas”. Ouvir relatos sobre as cidades históricas, estâncias hidrominerais e de seus personagens curiosos, aguçaram a minha curiosidade. A professora de Ciências da 6ª. série, bem como a de História ajudaram-me bastante. A primeira, Dona Roselys, levou-nos para Sabará, Roça Grande, Pedro Leopoldo, Raposos, Caeté. Tive nesta ocasião, quatro fichas de bibliotecas: a do SESC-Floresta, SESC-Tupinambás, ICBEU e a da Biblioteca Pública “Luís Bessa”, além do acesso aos livros da Escola Estadual de Primeiro Grau Sagrada Família e da casa de uma amiga: fiquei deslumbrada com os incas, egípcios e, principalmente com os maias.

No Instituto de Educação o interesse foi aguçado pelo professor de Português e tive contato com autores que até então desconhecia: Mário Palmério, Lúcio Cardoso, Jorge de Lima, José Cândido de Carvalho, Murilo Mendes.

E, cada vez mais, a literatura e a história de povos misturavam com os meus sonhos. Impressionou-me a obra de Aldous Huxley, Kafka, Dostoiévski. E, com um amigo, tive a felicidade de aventurar-me pelos quadrinhos e ler o impagável “Calvin e Haroldo” de Bill Waterson, Mafalda, Chico Bento.

A maneira como a educação era tratada por Krishnamurti, deu-me a certeza que escolheria uma carreira que conciliasse Literatura, História e a educação.

A entrada no curso de História foi apenas uma questão de tempo e, pude sentir em algumas disciplinas cursadas, o mesmo encantamento que na infância. A historiografia trouxe-me a obra de Michelet, Paul Veyne, Jacques Le Goff. Ficou claro que se tivesse seguido a carreira militar, certamente, seria infeliz, pois não iria encontrar tanto mistério, tanta oportunidade de criar, conciliar os meus sonhos e a realidade.

A condição de ser uma universitária não trouxe apenas novas responsabilidades, mas também novas amizades. As trocas intelectuais, sonhos compartilhados, também trouxeram a descoberta de novos escritores que seriam – entre outros – meus autores prediletos: Neil Gaiman e Saramago.

Foi difícil conciliar o meu emprego administrativo na UFMG com a vida de estudante de História. Não havia sábados, domingos, feriados se quisesse fazer um bom curso. Além disso, estudava pela manhã e à noite, tinha um horário especial. As minhas ausências matutinas do serviço precisavam ser compensadas. E, geralmente, era a última a sair da seção de ensino do ICEX e, mais tarde da FAFICH. Todavia, isso não me impediu que conseguisse uma bolsa de iniciação científica e desenvolvesse uma pesquisa no projeto “Fontes de Minas” da profa. Maria Efigênia Lage de Resende.

A participação em seminários, cursos foi intensa e o estreitamento de laços com a literatura e, agora, o cinema, foi ficando cada vez maior.

A biblioteca que montei em minha casa conta agora, com Carlo Ginzburg, Michelet, Paul Veyne e, também, Drummond, Pessoa, Calvino e Guimarães Rosa.

O curso de inglês do Cenex, na Faculdade de Letras, fez com que eu vasculhasse o currículo da Pós-Graduação em Literatura. Matriculei-me em duas matérias isoladas e, a certeza, que faria o mestrado em uma área que unisse História e Literatura. Achei o que buscava na linha de pesquisa, Literatura, História e Memória Cultural.

O contato com a Medicina Antroposófica fez com que eu me aproximasse de Goethe e, cada vez mais de Guimarães Rosa. Surpresa foi descobrir que as pessoas ligadas à Medicina Antroposófica amavam e tinham como “livro de cabeceira” a história de Miguelim. O fanatismo disso foi a minha participação em seminários, palestras sobre o autor promovido pela PUC-Minas.

O ingresso como professora de História na Prefeitura de Belo Horizonte foi um choque. O público era bem diferente do que eu estava acostumada na universidade. E, já no primeiro ano, resolvi aliar História, principalmente, com filmes e músicas. Foi complicado devido a questão da materialidade. Afinal, a Escola Municipal Hélio Pellegrino era uma escola nova, sem recursos, xerox. Mais tarde, conseguimos um vídeo, uma televisão. A

dificuldade em leitura, escrita e interpretação dos alunos fizeram com que eu começasse a refletir como poderia contribuir para transformar tão penosa realidade.

Em julho, desse ano (1995), um colega de faculdade, Geraldo Magela Magnani, convidou-me para, juntos, irmos à Europa. O que eu havia aprendido no curso de História, especialmente sobre História Antiga, Idade Média, Idade Moderna pude confrontar com o que via. Depois dessa experiência, resolvi conhecer não só a Europa – retornaria no ano seguinte – mas, a América Latina, observando o sistema educacional de cada país visitado.

No final do ano, numa viagem que fiz ao Sul de Minas, com uma amiga, Maria de Fátima Gomes, que militava no Movimento Negro Unificado expus a minha proposta de trabalho. Pedi a sua opinião e ela adorou a idéia.

Bastava olhar para os meus alunos, ver a cor deles e refletir sobre a realidade. Minha proposta nasceu desta reflexão. Ela era bem simples. Através da seleção de livros, preferencialmente de autores negros, iniciei o trabalho. Era requisito que a questão étnica, social e de gênero fossem contempladas nos romances ou contos. A música, contextualização histórica eram exploradas objetivando a melhoria da escrita, leitura e interpretação de texto. Cada turma era dividida em seis grupos com cinco ou seis alunos (variava de acordo com o número de estudantes da turma). Todos recebiam um roteiro orientado de leitura, e um questionário para ser respondido livro. Através de sorteio, cada equipe tinha que apresentar uma das tarefas que era: dois grupos a criação de uma música com coreografia, outros dois apresentação de uma peça teatral, o quinto apresentar reportagens de jornais e revistas e o último trazer uma música da MPB com temas relacionados aos temas do livro. Cada turma ficaria com um título. O trabalho era desenvolvido a cada trimestre nas antigas 7^{as.} e 8^{as.} séries. Selecionei Lima Barreto em “Clara dos Anjos”, Alúcio Azevedo em “O Mulato”, Machado de Assis em “Dom Casmurro”, José de Alencar em “Senhora” e Guimarães Rosa em “Miguilim”.

Apresentei o projeto para uma colega de escola, área de Português, Maria do Carmo Starling em 1995 e depois, Rita Collus Franco em 1996. Perguntei se queria trabalhar comigo. Ela aceitou e, por três anos, trabalhamos juntas.

Foi surpreendente notar o nível das discussões e dos trabalhos apresentados pelos alunos. E, como aprendi! Afinal, eles conseguiam perceber novos enfoques. Foram apresentados excelentes trabalhos.

Em 1998 quando ingressei na Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG, consegui licença remunerada, interrompi o trabalho.

Os próximos anos foram difíceis: minha mãe tivera um infarto do miocárdio, um AVC isquêmico. Não pude defender a minha dissertação que estava pronta, pois perdera o prazo de entregá-la pronta. Tivera uma pneumonia. Além disso, havia solicitado a minha demissão como funcionária do corpo administrativo da UFMG. Nem os créditos, todos concluídos, pude aproveitá-los. Tentei alguns recursos administrativos para defender a minha dissertação, mas todos foram negados. Desolada, segui em frente.

Minha mãe havia se recuperado e, anos mais tarde, desenvolvera um câncer de intestino. Felizmente, hoje, está plena.

Retomei o antigo projeto, e resolvi viajar pela América Latina. Conheci sistemas educacionais de Honduras, Belize, Nicarágua, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Argentina, etc. A questão dos indígenas e da população negra era sempre a mesma em todos os países. E pude compreender como se sentiam os habitantes da região de Chiapas no México e, que o preconceito racial era uma bandeira que deveria ser levantada se quiséssemos vencer a miséria, enfim a desigualdade social.

Na Guatemala, em 2004, conheci um físico canadense, sikh, que apresentou-me a teoria educacional de Sai Baba e ensinou-me a essência do “kundalini yoga”: Um mestre torna-se, eternamente, responsável pelo seu aluno. E, desse momento em diante, o meu compromisso, com a educação, ultrapassou as fronteiras do profissional e do pessoal, tornando-se, também, espiritual. O convívio com os adeptos do “kundalini yoga” de Belo Horizonte, apenas reforçou esta verdade.

Estive na coordenação pedagógica da escola que trabalho por um ano e tive que sair, devido à doença da minha mãe. Não estava conseguindo conciliar o trabalho, o curso na Cruz Vermelha Brasileira, os cuidados com a minha mãe que tivera um câncer situado no ceco, e fizera uma cirurgia delicada. Tudo, felizmente, terminou bem. A minha experiência com a última etapa do 2º. ciclo não foi muito agradável e não pude desenvolver o meu trabalho. Apenas constatei que o nível de imaturidade e defasagem dos alunos era enorme e alguma providência era urgente.

A direção da Escola resolveu “abraçar” a literatura e apresentou aos professores de todos os turnos que ela seria o norte do Projeto Político Pedagógico. Isto não era nenhuma novidade para mim, que desde a fundação do estabelecimento de ensino, já apontava a literatura como um meio para a solução da defasagem de leitura.

Hoje, trabalhando no Projeto EJA-BH busco associar a música, o cinema e a literatura com a História, compartilho o meu conhecimento, ao mesmo tempo que aprendo com os estudantes. O eixo do trabalho é sempre a experiência individual. E isto é um desafio, e só a longo prazo verei o resultado deste projeto. Retomei o meu trabalho com a literatura e incluí Bernardo Guimarães em “A Escrava Isaura”, Manuel Antônio de Almeida em “Memórias de um Sargento de Milícias” e George Orwell em “A Revolução dos Bichos”- que há uma excelente discussão sobre o poder e é o único autor estrangeiro incluído no meu trabalho.

O contato com o Núcleo de Relações Étno-raciais e de Gênero ocorreu, pois uma amiga, Maria de Fátima Gomes, integrava a equipe até o ano passado. Pude fazer curso com o Prof. Páris, o que foi importante para as aulas que ministrei na terceira etapa do terceiro ciclo. A participação na II Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial fez com que eu percebesse a movimentação das autoridades em diminuir os níveis de desigualdades com ações concretas. Ao menos vontade política não falta à nova secretária, a professora Macaé, que conheci na FAFICH.

E em nova fase na vida profissional, pessoal, almejo uma vaga no curso de especialização de História da África e Cultura Afrobrasileira: introdução à lei 10.639/03.

O que mudou depois do Curso História da África e Cultura Afro-Brasileira

Em 1995 ao entrar para a Rede Municipal de Belo Horizonte, a Escola Plural acabava de ser implantada e “propôs a articulação de todas as experiências significativas que apontavam no sentido de uma nova escola.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE,2006, p. 24). Isso era fruto das transformações ocorridas na sociedade e a emergência de novos atores sociais.

Ao iniciar, em 1996, o meu trabalho com Literatura Brasileira e História, em sala de aula , tinha em mente autores importantes do cenário nacional. Assim, trabalhei ao longo dos anos com Guimarães Rosa (“Miguelim”), Machado de Assis (“Dom Camurro”), Clarice Lispector (“A Hora da Estrela), Graciliano Ramos (“Vidas Secas”),

Aluísio Azevedo (“O Mulato”), José de Alencar (“Senhora”) e a exceção foi George Orwell (A Revolução dos Bichos”).

A preocupação inicial era a questão racial e, principalmente a desigualdade de gênero. Via a desigualdade social como ponto central a ser problematizado, bem como a discriminação racial. Era gritante e, como, no ano anterior, pude refletir sobre a questão ao comparar o público que atendia, como funcionária, na UFMG e ali, na Rede Municipal.

A formação de professores era uma preocupação da Secretaria Municipal de Educação e, claro, em apresentar a proposta da Escola Plural. Disso, resultou em vários cadernos explicativos sobre o assunto que passou a ser chamar entre os professores de “Cadernos da Escola Plural” e, mais tarde, grafado como documento oficial, distintos entre eles, apenas pela numeração. Neles havia a justificativa de abordagem do currículo crítico, da proposta de inclusão baseada nos direitos das crianças e dos adolescentes (e, certamente, o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente). Havia oito eixos norteadores interdependentes: uma intervenção coletiva mais radical, sensibilidade com a totalidade da formação humana, a escola como tempo de vivência cultural, escola: experiência da produção coletiva, as virtualidades educativas da materialidade da escola, a vivência de cada idade de formação sem interrupção, socialização adequada a cada idade-ciclo de formação, nova identidade da escola, nova identidade profissional.

Além disso, já estava colocada a discussão sobre “habilidades e competências” , bem como o abandono da reprovação e, o estabelecimento dos ciclos de formação – que se estruturavam em períodos de três anos - , a reunião pedagógica e a incorporação do conceito em detrimento da nota que representava a lógica de uma outra realidade.

Houve resistências, protestos, manifestações por parte dos professores. E, aos poucos, ao longo dos anos, as mudanças foram, de fato, efetivadas. Havia muita confusão e poucos eram aqueles que entendiam o que tudo significava. Eu, diante de tanta novidade, não compreendia todo o processo, mas já sabia, como dizia uma colega “que eu era plural”. Eram tantas reuniões, cadernos que eram lidos e discutidos nas reuniões pedagógicas e, que ninguém explicitava nada. Talvez a distância fosse necessária para avaliar tudo. Foram anos de muitas reclamações.

Após muitos anos depois, na Costa Rica, em 2006 vi experiências educativas muito interessantes que lembravam o lado positivo da Escola Plural. É, curioso, que em 1996 quando estive em Portugal tive o contato, pela primeira vez, com a Escola da Ponte. Achei uma novidade, assimilei parte da experiência, mas a verdadeira transformação só iria ocorrer depois. Eu não conseguia entender que estava, em Belo Horizonte, com uma proposta tão

avançada e nem pude estabelecer relações. O mais certo era que a confusão que começou a Escola Plural, a insatisfação do corpo docente com o processo e, o deboche dos colegas em dizer, quando propunha fazer um trabalho de “furor pedagógico” tivesse impedido de perceber a conexão dos fatos.

Em 2009 começou com minha mudança de endereço para um bairro mais afastado e um isolamento que me fez buscar soluções múltiplas. O deferimento do meu pedido no curso de História da África e Cultura Afro-brasileira foi comemorado como uma das soluções para problemas que eram profissionais e, existenciais, particularmente, por morar naquele bairro tão distante de tudo.

Em abril, as aulas no Projeto EJA-BH fizeram com que recebesse uma clientela, até então diferente do que eu estava acostumada: a minha aluna mais nova tinha 24 anos e a mais velha 55. O trabalho na perspectiva de ocupar os espaços culturais da cidade (que já desenvolvia pela manhã) foi uma descoberta para meus novos estudantes. Os depoimentos de alguns deles emocionou-me e, ainda ecoam em mim. Eu não sabia a extrema carência de vida cultural. Tive a oportunidade de ter como parceira a Casa Fiat de Cultura e a sorte de Belo Horizonte ser incluída no circuito das “megas exposições”, como a de Marc Chagall em “O Mundo Mágico de Marc Chagall – o sonho e a vida” e a de Roudin em “Roudin – Do Ateliê ao Museu – fotografias e esculturas”.

No curso de História da África, na primeira disciplina com o Prof. Amauri pude refletir mais sobre a minha prática e, claro, mergulhar mais dentro de mim mesma. Percebi que o meu compromisso não era só ético, mas étnico. E eu queria saber mais, investigar, fundamentar mais o meu trabalho.

Dediquei-me mais a ler livros da Antroposofia – que já conhecia muito tempo -, porém como era diferente tudo aquilo que se passava ali! Muitos de seus princípios eu já tinha incluído em minhas aulas. Todavia, foi naquele momento que descobrir o livro da médica Elaine Marasca, com o sugestivo título de “Saúde se aprende, Educação é que cura” foi que percebi que estava no caminho certo.

Tudo começou com a “guerra mental”, ou melhor, um confronto ético (?) com a abordagem do Prof. Amauri, que me fez recorrer a Hannah Arendt em “Entre o Passado e o Presente”. Pude, nesse livro, fazer uma leitura mais profunda que nos tempos da graduação em História e daí ao livro de Marasca foi uma questão de dias. Foi ainda por causa do Prof. Amauri que eu fui ler o livro de Edgar Morin – “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro e incorporei, definitivamente, no meu vocabulário “as tiranias da intimidade”.

Certifiquei-me ali que a Ética é a matriz que deve pautar tudo e o respeito é fundamental na relação com o outro.

A disciplina Educação, Ações Coletivas e Direitos Humanos com a Profa. Amelinha, veio atrelada à Ética e Educação e, as mudanças na sociedade contemporânea foram bem delineadas. Reli por causa desta disciplina “Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade”, “Pensamento Eco-sistêmico – Educação aprendizagem e cidadania no século XXI de Maria Cândida Moraes; “Educação e Linguagem na Educação e na Política”, “Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano” de Humberto Maturana, sendo que o último foi escrito com Gerda Verden- Zöller. E foi com estas leituras e mais uns livros de Frijolt Capra que adorei fazer o meu trabalho final.

Juntamente com o contexto das exposições, mais a leitura do livro de Marasca fizeram com que a minha reflexão focasse o sentido da vida (e não nego as cores de Chagall, bem como a sua vida tão engajada e apaixonada): a alegria em viver fizeram com que eu irradiasse também para os meus heróicos alunos do Projeto EJA-BH.

As aulas que tinha, pela manhã, também ficaram diferentes. As turmas demonstravam tanta investigação, cooperação, responsabilidade, compreensão da minha proposta de trabalho. As apresentações do que foi solicitado previamente demonstravam tanto cuidado, sensibilidade com a temática racial que, numa exposição dos trabalhos coletivos, de uma delas, no Dia Nacional da Consciência Negra fiquei bastante emocionada e não pude conter as lágrimas.

O bom momento era resultado também da proposta de compra de um apartamento lindo, com aquecimento solar e um lindo jardim, num bairro excelente e, por um preço inacreditável. Eu, de fato, tinha acertado na loteria... Contudo, a concretização do negócio iria acontecer ao final do ano.

Foi ao término da disciplina ministrada pela Profa. Amelinha que decidi concorrer a uma vaga no Conselho Municipal de Educação. Acompanhei as discussões na Regional Norte ,pois estava ligada a ela devido à localização da escola que lecionava no turno matutino.

A disputa virulenta por indicação de delegados nas plenárias estaduais e a batalha pela ocupação de cargos no conselho municipal por parte do sindicato dos professores deixou-me boquiaberta. Eu não estava articulada do sindicato, pois divergíamos da forma como a educação devia ser abordada, mas não representava ameaça. Melhor, eu pensava que não era ameaça.

A experiência dos conchavos, articulações dos diversos grupos, as manipulações do sindicato na contagem dos votos era uma aula viva do foco que estabelecia ao lidar com o

livro “A Revolução dos Bichos” de George Orwell: as relações de poder, isto é, toda relação era uma relação de poder. E, não foi uma experiência muito agradável. As estratégias do sindicato manipulando, denegrindo, preterindo objetivando ocupar espaços, muitas vezes, de uma maneira tão agressiva, surpreendeu-me e fiquei imobilizada.

O resultado da arena de lutas para a indicação de membros para as plenárias estaduais, a indicação para o Conselho culminou em lucrativa para o Sindicatos de Professores da Rede Municipal: foram vitoriosos. E eu, atropelada, inativa fui eleita como reserva técnica - que nem convocada para as reuniões era.

Todavia, aquela experiência foi muito importante, pois vi como movimentavam-se os vários grupos, interesses na Rede Municipal. Além disso, vi como estavam articuladas as educadoras infantis das UMEIs. E, claro, como digladiavam para o reconhecimento de seus direitos em todos os espaços disponíveis. E, refleti, que foi por causa delas – as educadoras infantis -, que fui eleita representante da turma de História da África.

A disciplina “Currículo, Teoria, Política e Prática” com a Profª. Marlucy fizeram com que eu pensasse na resistência dos docentes, logo no início da Escola Plural. Também da importância do Currículo, das resistências e do compromisso ético dos docentes. Mais uma vez, o Prof. Amauri perpassava as minhas divagações. Como era possível a incorporação de novos atores e a lógica dos conteúdos? Como os colegas não percebiam que a discussão do currículo é, uma discussão política? Qual era a posição do sindicato diante de tudo? Será que a greve não prejudicava, ainda mais, quem já estava em condições desiguais? E qual era a discussão ética sobre o assunto? O sindicato tinha alguma posição sobre a discriminação racial? Será que em algum momento, de fato, o Projeto Político Pedagógico da escola que trabalhava incluiria a questão da diversidade? Por qual motivo não discutíamos o currículo e as mudanças que fizessem sentido diante desta nova realidade? Será que os colegas não via que o famigerado “fracasso escolar” tinha cor e não um “fato isolado”? Como a Lei 10.639/03 seria incorporada nos currículos? Por qual motivo não se discutia e, não havia uma grande movimentação sobre o assunto? Será que o único interlocutor que teria seria o prof. de Geografia, Luís, que devorava os livros de Alberto da Costa e Silva? Como trabalhar com habilidades e competências se o retorno das avaliações externas constituía um paradoxo? Como conviver num clima de denúncias, provas, estresse, desconfianças que sempre começam em setembro? A Escola Plural existia, acabara ou nunca tinha existido? A questão racial seria tratada apenas como um acontecimento que ocorria na forma de “projeto” somente no dia 20 de novembro? E os direitos dos alunos? Dúvidas levantadas com as aulas sobre currículo e a Lei 10.639/03.

As aulas de “Educação, Sociedade e Cultura” por mais paradoxal que seja, não me fez ir atrás de Karl Marx nem de Max Weber – muito embora eu lesse trechos do livro “Os Donos do Poder” de Raymundo Faoro – levaram-me para Rousseau: passei, definitivamente para a defesa da democracia como a base da sociedade do século XXI.

O Ano Novo trouxe muitas novidades, algumas dolorosas, desagradáveis, outras instigantes, desafiadoras, outras para mostrar que estou no caminho certo.

Mudei para um novo endereço, num bairro elegante, arborizado. Como eu estava feliz! Era tudo o que eu queria! Porém ao lidar com profissionais como pedreiros, marceneiros, serralheiros, decoradores percebi o quanto exercitei a minha paciência, e como eu não tinha descansado. As aulas começariam em breve e eu já estava exausta! Pior ainda, ocorreu um incidente: um 15 dias depois do começo do ano letivo quebrei o pé e fiquei deprimida: não estava acostumada a depender das pessoas para suprir as minhas necessidades básicas. O lindo jardim, o canto dos pássaros foram os meus alentos durante os 45 dias que estive em casa, sem fazer nada. O fatídico 24 de fevereiro nunca será esquecido. Retornei meio insegura em andar e transformada pelo inusitado e com nova rotina de fisioterapia duas vezes por semana e, exercícios de equilíbrio, reforço da musculatura (que eram diários).

Minha prática estava diferente e por necessidade profissional acabei relendo “Os Cadernos da Escola Plural”, debruicei-me sobre os “Parâmetros Curriculares” e acabei estabelecendo vínculos com a Lei 10.639/03. Elas eram complementares. Falavam de um mesmo assunto. Percebi que a parte metodológica do meu Plano de Ação estava ali. Será que os meus colegas percebiam a mesma coisa que eu? A orientação da Maria José foi importante para trilhar os primeiros passos, decidir como abordar a construção do Plano. Além disso, a sua ida no meu ambiente de trabalho, as falas descompromissadas dos estudantes, o entusiasmo deles e a fala dela fizeram perceber outro aspecto da minha prática que eu não tinha percebido: eu ensino para eles, um método, a ter disciplina, perseverança, cooperar e lutar pelos seus ideais. E eu ficava muito triste quando eu não conseguia atingir 100% da turma. Mas era certo que eu era referência mesmo para os recalcitrantes. Eu vivenciava a confluência e importância do currículo e da teoria crítica do currículo.

A Literatura africana com a Profa. Íris foi uma viagem sensorial aos ouvidos, olhares e, quase podia-se imaginar as frutas da África e seus sabores nas poesias de Agostinho Neto, Cordeiro da Mata, António Jacinto, José Craveirinha, Alda Lara. Minha quase completa ignorância sobre autores africanos – exceto por Mia Couto e Peppetela, que lembrava o Frei Leonardo Boff – fez com que eu mergulhasse no universo desses autores. Claro que a motivação pessoal foi imprescindível já que sou apaixonada com a literatura. Entusiasmei

tanto e fiquei tão encantada que sem perceber, decorei trecho do poema “Fogo e Ritmo” e “Adeus à Hora Largada de tanto que li e reli. Estava certo que as habilidades e competências que eu desenvolveria, num outro momento com os meus alunos, esses dois poemas entrariam como referência.

No trabalho final da disciplina “Literatura Africanas e Afrobrasileira”, a professora deve ter percebido o quanto estudei, gostei, amei em escrever sobre Agostinho dos Santos, a identidade étnica, ancestralidade, sobre os ritmos, os tantans dos tambores...

Foram complementares as aulas das professoras Nilma e Vanda. Eu gostei tanto que até gravava os documentários. Foi essencial para o meu trabalho, pois a partir das teses de branqueamento estudadas ali pude ler e conhecer mais sobre Renato Kehl, Belisário Penna, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna. E, pesquisando cheguei até Monteiro Lobato e Euclides da Cunha.

Eu me perguntava como era possível ser formada em História-UFMG e não ter tido um enfoque da maneira que era abordada naquele curso? A resposta era óbvia: naquela época da graduação, o curso era voltado para “as teorias do vencedor”. As abordagens nas aulas do professor americano eram enfadonhas, conservadores, sem dizer, que apenas um aspecto era privilegiado. A questão cultural não era relevada e, como pude aprender mais tarde, com o Prof. Erisvaldo, a reexistência negada. Pude até refletir sobre as minhas dificuldades, a má vontade com o estudante-trabalhador, como era o meu caso. E, claro que o problema passava pelo mito da democracia racial. Que contentamento, satisfação alargar meus horizontes com a disciplina “A resistência Negra no Brasil” e incorporar a reexistência do negro!

A questão racial abordada sob a ótica do materialismo histórico, em sua utilização de termos como “alienação”, “consciência de classe” era muito limitada. O seu dogmático negligenciava a cultura. A perspectiva cultural demonstrava que esses termos precisavam, no mínimo, no que diz respeito à questão racial negra ser redimensionados. E, não pude deixar de comparar os “Parâmetros Curriculares”, a Escola Plural, a questão ética com o Prof. Amauri, retomada pelo Prof. Erisvaldo e a minha própria reexistência. E, ainda com o Prof. Erisvaldo aprendi metodologia. Que saudades! Lamentável que tenha sido tão pouco tempo, como foi a disciplina de Ética!

As aulas do Prof. Zé Raimundo foi um fechamento que sintetizava, no meu entendimento, a urgência do Projeto Político Pedagógico, do currículo e a implantação da Lei 10.639/03 na comunidade escolar. O P.A.C. – Programa de Ação Coletiva – foi um rico momento que juntas, pudemos agregar esforços para a sua conclusão. Ele é a Lei 10.639/03 e a razão da existência do curso.

Estou aguardando a última disciplina e tenho certeza que trará mais novidades, que serão prontamente, somadas a minha prática em sala de aula.

Paro e constato como foi fundamental este curso na minha vida: pude ver os avanços, os erros na minha prática em sala de aula. A generosidade dos alunos é tão grande e que trabalhos belíssimos, criativos eu tenho recebido como presente. Mas como é difícil fazer o trabalho sozinha e, não é fácil, pois cada turma é diferente, e a flexibilidade deve ser muito grande, além disso, juntos construímos o nosso caminho que muda de direção quando eles trazem novas questões, dificuldades. Vejo, também como meu trabalho abre as portas para um mestrado, em várias linhas de pesquisa na Faculdade de Educação. Isto faz com que eu me remonte ao passado e enxergue que estive no mestrado errado: a minha experiência, a minha vida, valores, jamais fariam de mim uma crítica de alguém – com aquele perfil sádico que vejo dos críticos que ganham para isso. O meu caminho é fazer da literatura e da história uma bandeira de libertação, de identificação. É fazer e trazer a esperança para os meus alunos na concretização de um ideal igualitário, justo para todos e todas. Por gostar de ensinar, pesquisar, ler, encontrei o livro de Glória Ladson-Billings e descobri que, também, eu sou uma “guardiã de sonhos”.

ANEXO B – Roteiro do livro Memórias de um sargento de milícias

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO – 3º. CICLO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: ROTEIRO DO LIVRO: MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

1. Este roteiro segue as normas: trabalho individual, a atenção ao prazo estipulado e à observação quanto à concatenação de idéias, grafia de palavras, concordâncias verbal e nominal, organização geral do mesmo. **Entrega deste roteiro: 10-02-2010.**

Entrega do roteiro respondido: 24-03-2010.

2. Dados Biográficos

- 2.1. Data de nascimento e morte:
- 2.2. Local de nascimento e de morte
- 2.3. Nome completo
- 2.4. Filiação
- 2.5. Principais fatos da infância
- 2.6. Formação acadêmica
- 2.7. Trajetória Profissional
- 2.8. Importância do autor para a literatura brasileira
- 2.9. Críticas na época que o livro foi lançado

3. Do livro

- 3.1. Contextualize a história do livro e descreva a importância deste período histórico para o Brasil
- 3.2. Identifique as principais características de Leonardo Pataca e seu filho.
- 3.3. Identificar os amores de Leonardo pai e filho.
- 3.4. Identificar as características do narrador.
- 3.5. Identificar e caracterizar as personagens femininas do livro.
- 3.6. Conceitue **nepotismo**. Citar casos atuais na política brasileira de nepotismo.
- 3.7. Analise o ditado “quem não tem padrinho morrer pagão” e estabeleça um paralelo com as práticas comuns das políticas e relações sociais no Brasil atual.
- 3.8. O que é utilizar a coisa “pública como privada”? Cite exemplos do livro.

- 3.9. Identificar as formas de lazer apresentadas no livro.
- 3.10. Identificar e descrever o figurino (vestuário) utilizado pelas mulheres apresentadas no livro.
- 3.11. A maledicência e a intriga fazem parte do tecido social? Você concorda? Justifique com trechos do livro.
- 3.12. A maledicência apresentada no livro (se houve) teve algum beneficiado? Identifique-o. E, quem foi vítima? E qual era o objetivo da intriga?
- 3.13. A maledicência e a intriga atingiram o objetivo proposto? Justifique.
- 3.14. Identificar e descrever o representante da ordem apresentado no livro.
- 3.15 Identificar a região mais citada no livro.
- 3.16. Identificar e citar como era solucionada a questão da malandragem no livro. Havia punições para a malandragem? Identifique-as.
- 3.17. Como o narrador descreve Vidinha? Há um preconceito do narrador nesta descrição? Justifique.
- 3.18. Há alguma relação entre o nome Vidinha e o fato dela ser mulata? Justifique.
- 3.18. Como eram a vida das mulheres descritas no livro?
- 3.15. Você gostou do livro ? Justifique (resposta individual).
- 3.16. Qual o personagem que você mais gostou? Justifique (resposta individual).
- 3.17. Qual trecho do livro você mais gostou? Descreva-o (resposta individual).
- 3.18. Você conhece algum caso de maledicência e intriga? Descreva-o (resposta individual).

ANEXO – C – Roteiro do livro Clara dos Anjos
ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO
DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO – 3ª. ETAPA DO 3º. CICLO – 307
PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO
ASSUNTO: ROTEIRO ORIENTADO DO LIVRO “CLARA DOS ANJOS

1. Instruções:

- 1.1. Trabalho Individual a ser entregue no dia: **07 de junho de 2010**
- 1.2. Avaliação Individual: **07 de junho de 2010**
- 1.3. Apresentação em grupo de trabalhos: **24 e 25 de maio de 2010.**

2. Dados Biográficos

- 2.1. Nome completo: 2.2. Nascimento e morte 2.3. Fatos mais marcantes na infância:
- 2.4. Fatos mais marcantes na juventude 2.5. Fatos mais importantes da fase adulta
- 2.6. Formação acadêmica 2.7. Profissão 2.8. Importância do autor na literatura brasileira
- 2.9. Importância do livro na literatura brasileira 2.10. Livros mais famosos

3. Do Livro:

- 3.1. Caracterize Clara dos Anjos 3.2. Caracterize Cassi Jones
- 3.3. Contexto histórico do livro (ver quando o livro foi editado)
- 3.4. Caracterize Joaquim dos Anjos
- 3.5. Ambientação do livro (onde a estória se passa):
- 3.6. Caracterize D. Engrácia
- 3.7. Caracterize Marramaque. 3.8. Caracterize D. Salustiana
- 3.9. Manuel de Azevedo 3.10. Caracterize D. Margarida Weber Pestana
- 3.11. Por qual motivo Clara foi condenada?
- 3.12. O que ocorreu com Clara e hoje é um “fato comum” na sociedade?
- 3.13. O que acontecem com garotas pobres na situação de Clara?
- 3.14. Quais as discriminações sofridas por Clara?
- 3.15. Descreva a situação da mulher hoje no mundo.
- 3.16. Quais as duas leis mais recentes que protegem a mulher contra os desmandos do homem?

- 3.17. Estabeleça uma relação do livro com a Lei 10.639/2003.
- 3.18. Estabeleça uma relação do livro com a desigualdade social.
- 3.19. Estabeleça uma relação do livro com o preconceito racial.
- 3.20. Você é racista? Justifique?
- 3.21. Você é machista? Justifique.
- 3.22. Estabeleça uma relação do livro com a vida do autor.
- 3.23. Você gostou do livro? Justifique sua resposta.
- 3.24. Descreva um trecho do livro que você mais gostou.

ANEXO D – Roteiro do livro O Mulato

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO – 3ª. ETAPA DO 3º. CICLO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: ROTEIRO DO LIVRO “O MULATO”

1. Instruções:

- a) Trabalho Individual a ser entregue no dia da prova em 16-08-2010.
- b) Apresentação, capricho, concatenação de ideias, concordâncias nominal e verbal integram a avaliação do trabalho.

2. Dados Biográficos

2.1. Nome completo 2.3. Nascimento 2.3 Morte 2.4 Filiação 2.5. Fatos marcantes na infância 2.6. Formação acadêmica 2.7. Profissão 2.8. Fatos mais importantes na fase adulta 2.9. Principais livros: 2.10. Livros mais famosos. 2.11. Contribuição para a literatura brasileira.

3. Do Livro:

- 3.1. Data de publicação: 3.2. Edição: 3.3. Justifique o título do livro:
- 3.3. Justificar o título com um trecho do livro:
- 3.4. Contexto histórico
- 3.5. Caracterize Raimundo: 3.6. Caracterize Ana Rosa: 3.7. Caracterize Luiz Dias 3.8. Caracterize Manuel Pescada 3.9. Caracterize o Cônego Dias 3.10. Caracterize D. Maria. Bárbara
- 3.11. Ambientação do livro:
- 3.12. Estabeleça uma relação entre o livro e a Lei de Ações Afirmativas:
- 3.13. Estabeleça uma relação entre o livro e a lei 10.639/2003.
- 3.14. Estabeleça uma relação do livro com o artigo 5º. da Constituição Brasileira.
- 3.15. Você é racista? Justifique sua resposta.
- 3.16. No Brasil existe preconceito racial? Justifique sua resposta.
- 3.17. Por qual motivo Ana Rosa não se casou com Raimundo?

3.18. A Igreja é uma das instituições mais conservadoras e/ou reacionárias da sociedade. Ela também não está isenta da corrupção e nem os seus membros. Sabendo disso, estabeleça uma relação entre os fatos acima e o Cônego Dias.

3.19. Estabeleça uma relação entre preconceito racial e desigualdade social.

3.20. Qual é a sua raça? Justifique sua resposta.

3.21. Você é branco? Justifique sua resposta.

3.22. Estabeleça uma relação entre violência e preconceito racial.

ANEXO E – Roteiro do livro A Revolução dos Bichos

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1o. TURNO – TURMA 307

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: ROTEIRO DO LIVRO “A REVOLUÇÃO DOS BICHOS”

1. Orientações

1.1. Trabalho em duplas

1.2. Não serão aceitos trabalhos individuais e fora do prazo

1.3. Será considerado para o conceito: a concatenação de idéias, a acentuação gráfica, a grafia de palavras e a argumentação.

1.4. Entrega do roteiro respondido: 29/09/10

2. Dados Biográficos

2.1. Nascimento e morte

2.2. Filiação

2.3. Fatos marcantes na infância

2.4. Fatos marcantes na vida adulta

2.5. Formação acadêmica

2.6. Profissão

2.7. Principais livros:

2.8. Importância do livros na literatura mundial

2.9. Livro(s) mais famoso(s)

2.10. Há pseudônimo? Por qual motivo? Citar o nome do pseudônimo.

3. Do livro

3.1. Caracterize Major, Napoleão, Bola de Neve e Garganta.

3.2. Caracterize Mimosa, Benjamin e Moisés.

3.3. Caracterize o Sr. Jones e o Sr. Pinkington.

- 3.4. Caracterize Sansão.
- 3.5. Estabeleça uma relação entre o nome Napoleão e “a revolução dos bichos”.
- 3.6. Estabeleça uma relação entre o nome Garganta e sua importância na “revolução dos bichos”.
- 3.7. Estabeleça uma relação entre o nome Mimosa e a trama do livro.
- 3.8. Estabeleça uma relação entre Bola-de-Neve e sua importância no livro “A Revolução dos Bichos”.
- 3.9. Estabeleça uma relação entre Benjamin e sua importância na trama do livro.
- 3.10. Caracterize Maricota e Quitéria.
- 3.11. Citar a importância de Major para a da trama no livro.
- 3.12. Citar o ambiente onde se passa a história, bem como o país.
- 3.13. Justifique o poder dos porcos sobre os outros animais.
- 3.14. Estabeleça uma relação entre os mandamentos e a transformação ocorrida nos porcos.
- 3.15. Relacione a música “Luta de Classes” e o livro “A Revolução dos Bichos”.
- 3.16. Os animais eram passivos e resignados? Justifique.
- 3.17. Estabeleça uma relação apontando diferenças entre o filme “A Revolução dos Bichos” e o livro homônimo.
- 3.18. Citar o motivo da revolução dos bichos.
- 3.19. Havia democracia na Granja dos Bichos? Justifique.
- 3.20. Citar qual a camada social atual que é tão massacrada quanto os animais da Granja dos Bichos.
- 3.21. Citar os 7 mandamentos.
- 3.22. Citar as transformações ocorridas nos 7 mandamentos.
- 3.23. Os sete mandamentos ficaram reduzidos em apenas um. Cite-o.
- 3.24. Estabeleça uma relação entre a ascensão da burguesia e o livro “A Revolução dos Bichos”. (resposta individual)
- 3.25. Estabeleça uma relação entre o livro e a camada trabalhadora atual: o proletariado. (resposta individual).
- 3.26. Você gostou do livro? Justifique. (resposta individual)
- 3.27. Citar a parte do livro que julga mais importante ou interessante. (resposta individual).

ANEXO F – Texto – As condições dos negros no Brasil e Lei 10.639/03

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: AS CONDIÇÕES DOS NEGROS NO BRASIL/LEI

10.639/03/LITERATURA

Após 110 anos da libertação, os negros brasileiros continuam lutando pela liberdade e cidadania. Depois da África, o Brasil é o país que concentra a maior população negra do mundo e também onde os negros permanecem ocupando a mais baixa localização na pirâmide social

O termo exclusão é o que mais fielmente traduz a condição em que se encontra o povo negro no Brasil e no mundo. Nos últimos anos, experimentou-se, em escala mundial, uma brutal concentração de renda e de poder. As elites põem em prática projetos conservadores, que recolocam o racismo na ordem do dia - quer seja através da rearticulação e do avanço da direita nos países europeus, quer através do desmonte de políticas sociais antes destinadas aos segmentos marginalizados da população.

Na África morreram, no ano passado, cerca de meio milhão de pessoas por doenças pulmonares, além das mortes provocadas pela fome, guerra e epidemias. No Brasil, é a parcela negra da população a mais duramente atingida pelo desmonte das políticas sociais e de saúde, pelos sistemas de controle populacional, pelo desemprego crônico, pela fome e a violência do latifúndio, do aparato policial e dos grupos de extermínio. É negra a maioria de crianças que vivem nas ruas e de jovens assassinados nos centros urbanos.

Apesar de o Brasil ter 65 milhões de negros há muitas injustiças contra eles como estamos vendo. Os negros são a maioria dos analfabetos, dos menores salários, nas prisões, nas favelas e nos subempregos e é minoria nas faculdades, entre os empresários, os heróis reconhecidos, os governantes, os bispos, generais, almirantes, brigadeiros e na mídia. Para corroborar essa afirmação, podemos citar Salvador, onde cerca de 60% da população é negra, mas quase não há negros na administração municipal.

O conhecimento sobre as desigualdades raciais, que nos leva à constatação de que um trabalhador negro com formação universitária recebe o equivalente à metade do salário de um trabalhador branco com igual qualificação, comprova a teoria de que a discussão sobre a problemática racial não pode estar dissociada da luta pela igualdade de classes, principalmente porque muitos dos trabalhadores são negros.

FONTE: BARBIERI, Edson. As condições dos Negros no Brasil. **Revista Mundo e Missão.**
Online. <http://www.pime.org.br/mundoemissao/justicascond.htm> em 13-02-2010

EXERCÍCIOS

1. No Brasil existe preconceito racial? Justifique.
2. Você considera-se negro ou branco? Justifique.
3. Você concorda com o texto? Justifique.
4. O presidente do Brasil, na sua opinião, é negro ou branco? Justifique.
5. Você tem preconceito racial? Justifique.

ANEXO G - Música Lutas de Classes – Cidade Negra

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: LIVRO: A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Luta de Classes

Cidade Negra / Composição: Samuel Rosa / Chico Amaral

Tudo que eu posso ver

(Essa neblina...)

Cobrindo o entardecer

Em cada esquina

Tudo que eu posso ver

(Essa fumaça...)

Cobrindo o entardecer

Em cada vidraça

Mas eu quero te contar os fatos

Eu posso mostrar fatos pra você

É só ter um pouco mais de tato

Que fica claro pra você

Desde a antiguidade

As coisas estão assim, assim.

Os homens não são iguais, não são.

Não são iguais, enfim!

Daí toda essa história

Daí a história surgiu

Escravos na Babilônia,

Trabalhador no Brasil.

Tudo que eu posso ver

(Essa neblina...)

Cobrindo o entardecer

Em cada esquina

Tudo que eu posso ver

(Essa fumaça...)

Cobrindo o entardecer
Em cada vidraça
Mas veio o ideário
Da tal revolução burguesa
Veio o ideário, veio o sonho socialista.
Veio a promessa de igualdade e liberdade
Cometas cintilantes que se foram pela noite
Existirão enquanto houver um maior!
Daí é que veio a história
Daí a história surgiu
Escravos na Babilônia,
Trabalhador no Brasil.

Do antigo Egito à Grécia e Roma
Da Europa feudal
Do mundo colonial
Do mundo industrial
Na Rússia stalinista e allstrips
Em Cuba comunista
E no Brasil?
E no Brasil, hein?
Daí é que veio a história
Daí a história surgiu
Escravos na Babilônia,
Trabalhador no Brasil.
Baixada!!
(Essa neblina...)
Chega junto, baixada!!
(Essa esquina...)
Cobrindo o entardecer
Em cada esquina
Tudo o que eu posso ver
(essa fumaça)

Cobrindo o entardecer
Em cada vidraça
Chega junto, Baixada!

EXERCÍCIOS

1. Identifique os períodos históricos na música e justifique com versos da música. Qual a crítica que se pode fazer a esta periodização?
2. Identifique as camadas sociais encontradas na música e dê os períodos históricos que elas existiram.
3. O que você entende dos versos: “Daí é que vem a História, Daí o homem serviu, escravo para servo, Trabalhador do Brasil”.
4. Explique o que você entende dos versos: “Desde a Antigüidade as coisas estão assim. Os homens não são iguais não são. Não são iguais, enfim!”

ANEXO H - Música O Preto em Movimento MV-Bill

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. TURNO – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: LITERATURA/HISTÓRIA

O Preto Em Movimento

Mv Bill

Não sou o movimento negro

Sou o preto em movimento

Todos os lamentos (Me fazem refletir)

Sobre a nossa historia

Marcada com glórias

Sentimento que eu levo no peito

É de vitória

Seduzido pela paixão combativa

Busquei alternativa (E não posso mais fugir)

Da militância sou refém

Quem conhece vem

Sabe que não tem vitória sem suor

Se liga só, tem que ser duas vezes melhor

Ou vai ficar acuado sem voz

Sabe que o martelo tem mais peso pra nós

Que a gente todo dia anda na mira do algoz

Por amor a melanina

Coloco em minha rima

Versos que deram a volta por cima

O passado ensina e contamina

Aqueles que sonham com uma vida em liberdade

De verdade

Capacidade pra bater de frente

E modificar o que foi pré-destinado pra gente

Dignificar o que foi conquistado

Mudar de estado, sair de baixo

Sem esculacho é o que eu acho

Não me encaixo nos padrões

Que vizam meus irmãos como vilões

Na condição de culpados

Ovelha branca da nação

Que renegou a pretidão (Na verdade é que você...)

Tem o poder de mudar “RAPÁ”
Então passe para o lado de cá, vem cá
Outra corrente que nos une
A covardia que nos pune
A derrota se esconde no irmão
Que não se assume
Chora quando é pra sorrir
Ri na hora de chorar
Levanta quando é pra dormir
Dorme na hora de acordar
Desperta
Sentindo a atmosfera, que libera dos porões
E te liberta (Sarári criolo...)
Muita força pra encarar qualquer bagulho
Resistência sempre foi a nossa marca, meu orgulho
É bom ouvir o barulho
Que ensina como caminhar (Eu estou sempre na minha...)
Não vou pela cabeça de ninguém
Pode vir que tem
Agbara, Ôminara, Português, Faveles ou em Ioruba, Axé
Pra quem vai buscar um acue
E deixa de ser um qualquer
Já viu como é
Preto por convicção acha bom submissão
Não, da re no Monza e embranquece na missão
Tem que ser sangue bom com atitude
Saber que a caminhada é diferente pra quem vem da negritude
Que um dia isso mude
Por enquanto vou rezar pro santo
E que nós nos ajude

EXERCÍCIOS:

1. Destaque trechos da música que estejam associados à Lei 10.639/03.
2. Você acha que a música é racista? Justifique.
3. Qual é a relação da música com a teoria de branqueamento no Brasil?
4. Identifique na música trechos de discriminação, preconceito racial.
5. Você já vivenciou algo semelhante como o que ouve na música?
6. Qual é a sua opinião para enfrentar o racismo na sociedade brasileira?

ANEXO I – Música Querem Meu Sangue
ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO
DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO – 3ª. ETAPA DO 3º. CICLO
PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO
ASSUNTO: VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE/MÚSICA/PARALELOS COM
LIVROS DE LITERATURA

Querem Meu Sangue

Cidade Negra/Composição: Jimmy Cliff - Versão: Nando Reis

Dizem que guardam bom lugar pra mim no céu
Logo que eu for pro bebeléu.
A minha vida só eu sei como guiar
Pois ninguém vai me ouvir se eu chorar.
Mas enquanto o sol puder arder
Não vou querer meus olhos escurecer
Pois se eles querem meu sangue
Verão o meu sangue só no fim.
E se eles querem meu corpo
Só se eu estiver morto, só assim.
Meus inimigos tentam sempre me ver mal,
Mas minha força é como o fogo do Sol.
Pois quando pensam que eu já estou vencido
É que meu ódio não conhece o perigo.
Mas enquanto o Sol puder brilhar
Eu vou querer a minha chance de olhar.
Pois se eles querem meu sangue
Verão o meu sangue só no fim.
E se eles querem meu corpo
Só se eu estiver morto, só assim.
E eu vou lutar pra ter as coisas que eu desejo.
Não sei do medo, amor, pra mim não tem preço
Serei mais livre quando não for mais que osso,
Do que vivendo com a corda no pescoço.

Mas enquanto o Sol no céu estiver
Eu vou fechar meus olhos quando quiser.
Pois se eles querem meu sangue
Verão o meu sangue só no fim.
E se eles querem meu corpo
Só se eu estiver morto, só assim

EXERCÍCIOS:

1. Quais os sentimentos que a música desperta?
2. Estabeleça uma relação entre racismo e a música.
3. Quem foi Jimmy Cliff? Qual sua importância?
4. Você sabe o que foi a resistência africana?
5. Estabeça uma relação ente o Movimento Negro e a música.
6. Quando é comemorado o Dia Nacional da Consciência Negra?
7. Estabeleça uma relação entre esta música e a história de Zumbi dos Palmares.

ANEXO J – A Revolta da Chibata – Música: O Mestre-Sala dos Mares

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO – 3ª ETAPA DO 3º. CICLO

NOME: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: REVOLTA DA CHIBATA

Em 1910, logo após sua posse, Hermes da Fonseca teve de enfrentar a Revolta da Chibata, ocorrida entre marinheiros no Rio de Janeiro. O estopim foi um castigo físico – 250 chibatadas diante da tripulação e ao som de tambores – dado a um marujo. Na época, os castigos físicos eram comuns na Marinha. A atitude, entretanto, revoltou seus companheiros.

Liderado por João Cândido, os marujos se amotinaram e tomaram vários navios de guerra, ameaçando bombardear o Rio de Janeiro. Os amotinados exigiam o fim dos maus-tratos impostos pelos oficiais, melhoria na alimentação e anistia aos rebeldes.

As exigências foram atendidas. Duas semanas depois, porém, um levante de fuzileiros navais fez o governo prender os envolvidos nas duas rebeliões. Muitos foram mortos nas prisões ou em alto-mar, outros deportados para o Acre.

Em 1912, João Cândido, conhecido como Almirante Negro, foi absolvido. Bastante afetado pelas torturas sofridas durante a prisão, continuou sendo um mito e nome perigoso para as autoridades governamentais, vindo a falecer em 1969.

João Cândido

De origem humilde e analfabeto, João Cândido foi apelidado pelos jornalistas de Almirante Negro, devido à sua liderança no movimento que colocou fim aos castigos físicos na Marinha, resquício de uma sociedade escravista que fazia uso da força como instrumento de poder.

Em sua homenagem, João Bosco e Aldir Blanc compuseram, na década de 1970, a música O mestre-sala dos mares. Na época, o Brasil encontrava-se sob forte regime militar. O trecho “Glória a todas as luta inglórias/Que através da nossa história/Não esquecemos jamais!” trata-se de uma alusão a todas as pessoas que lutavam naquele momento contra a opressão da ditadura militar. Leia a letra da música e faça as atividades propostas.

O Mestre-Sala dos Mares

(João Bosco e Aldir Blanc)

Há muito tempo,

Nas águas da Guanabara

O dragão do mar reapareceu

Inundando o coração

Do pessoal do porão

Que a exemplo do feiticeiro

Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu.
Conhecido como Almirante Negro,
mulatas!
Tinha a dignidade de um mestre-sala
E ao acenar pelo mar
Na alegria das regatas,
Foi saudado no porto
Pelas mocinhas francesas
inglórias
Jovens polacas
história
E por batalhões de mulatas!

Rubras cascatas
Jorravam das costas dos santos
Entre cantos e chibatas,

1. Destaque da canção os trechos em que os autores referem-se ao sofrimento dos marinheiros submetidos ao castigo da chibata.
2. A partir da letra da música, descreva a imagem de João Cândido.
3. Que estrofe dessa canção extrapola o episódio da Revolta da Chibata e serve como bandeira de luta para outras revoltas que foram derrotadas no Brasil?

Gritava: Não!

Glória aos piratas, às

Às sereias!

Glória à farofa, à cachaça,

Às baleias!

Glória a todas as lutas

Que através da nossa

Não esquecemos jamais!

Salve o navegante negro

Que tem por monumento

As pedras pisadas do cais...

ANEXO K – Avaliação Individual do Livro A Revolução dos Bichos

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO:MANHÃ

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: PROVA INDIVIDUAL DE HISTÓRIA – A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

ALUNO(A):

TURMA:

LEIA, ATENTAMENTE AS QUESTÕES ABAIXO E BOA PROVA

1. Identifique os personagens de acordo com as seguintes características:

- () Forte, alto, grande capacidade de trabalho, retidão de caráter.
- () Observador, lento, calado, sério, incrédulo e pessimista.
- () Enganador, espião, bem-aceito pelo dono da granja, apregoava as boas-novas de um lindo lugar, além das nuvens.
- () Alto conceito, porte majestoso, idoso, sábio e benevolente, já fora um grande campeão.
- () Ativo, instrutor, um dos líderes da revolução, encarregado das operações defensivas.
- () Grande força de vontade, aparência ameaçadora, egoísta, mas com fama de bom-caráter; líder.
- () Falido, desmoralizado, bêbado, odiado e escorraçado.

A) Garganta B) Moisés C) Major D) Napoleão F) Jones G) Sansão H) Bola-de-Neve
I) Benjamin

2. Marque V quando VERDADEIRO e F quando FALSO.

1. ____ A Revolução dos Bichos é um livro que faz uma crítica à Primeira Guerra Mundial.
2. ____ Podemos afirmar que o personagem Major era a personificação de Josef Stálin.
3. ____ Bola-de-Neve pode ser a personificação de Josef Stálin.
4. ____ Napoleão era a personificação de Vladimir Lênin.
5. ____ Bola-de-Neve era a personificação de Trotsky.
6. ____ O livro “A Revolução dos Bichos faz uma crítica à relação de poder na sociedade humana e, particularmente, ao Governo de Josef Stálin.

7. ____ Pode-se afirmar que o personagem Major era a fusão entre Vladimir Lênin e Karl Marx.

8. ____ Pode-se afirmar que Napoleão era a personificação de Josef Stálin.

3. Faça o que se pede:

3.1. Seu nome é uma patente militar e demonstra a autoridade que tinha sobre outros animais.

3.2. Seu nome lembra um grande general francês, líder da fase final da Revolução Francesa.

3.3. Seu nome está relacionado ao discurso e àqueles que contam “lorotas” ou sabem enganar as pessoas, como os políticos. _____

3.4. Seu nome lembra um denego e ela era fútil, vaidosa e interesseira.

ANEXO L – Avaliação Individual do livro Clara dos Anjos

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1o. TURNO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DO LIVRO “CLARA DOS ANJOS”

NOME

TURMA:

LEIA, ATENTAMENTE, AS QUESTÕES ABAIXO E BOA PROVA

MARQUE A RESPOSTA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 2. (RASURAS INVALIDAM A QUESTÃO).

1. O livro “Clara dos Anjos” pretende denunciar uma situação de:

- A) Injustiça social e preconceitos racial e de gênero
- B) Discriminação religiosa e racial
- C) Discriminação racial e política
- D) Discriminação política e de gênero
- E) Discriminação política e religiosa

2. A camada social representada no livro “Clara dos Anjos”

- A) Brancos e pobres
- B) Escravos
- C) Livres e Pobres
- D) Ricos
- E) Burguesia

3. Escreva **V** quando **VERDADEIRO** e **F** quando **FALSO**:

- A) () O romance Clara dos Anjos é autobiográfico e, descreve o sofrimento que Lima Barreto viveu ao longo de sua existência.

- B) () Cassi Jones era um homem bom, íntegro e que é o herói no romance “Clara dos Anjos”
- C) () Lima Barreto faz somente uma denúncia de preconceito racial em seu livro.
- D) () Lima Barreto, em seu romance “Clara dos Anjos” denuncia, também a discriminação de gênero e social.
- E) () O pai de Clara dos Anjos era chamado de Marramaque.
- F) () Lima Barreto era mulato, pobre, filho de escrava, inteligente e a hipocrisia dominante na época não poderia aceitar em hipótese alguma que se equiparasse aos medalhões e tivesse seu nome, literalmente, reconhecido.

4. Contextualize historicamente o romance “Clara dos Anjos”.

5. Leia, atentamente, o poema

Negra

“Negra para tudo
 a negra para todos
 a negra para capinar plantar
 regar
 colher carregar empilhar no paiol
 ensacar
 lavar passar remendar costurar cozinhar
 rachar lenha
 limpar a bunda dos nhozinhos
 trepar

A negra para tudo
 nada que não seja tudo tudo tudo
 até o minuto de
 (único trabalho para seu proveito exclusivo)
 Morrer.

(Carlos Drummond de Andrade. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002,p. 887)

Qual a relação deste poema e o romance “Clara dos Anjos”?

6. Baseado, ainda, no poema acima e no romance de Barreto qual a relação entre eles e a situação dos afrodescendentes brasileiros do séc. XXI ?

7.O livro faz uma denúncia de desigualdade social aliada ao racismo e discriminação de gênero. Você concorda com esta afirmativa? Justifique

8. Qual é a sua cor? Justifique.

ANEXO M – Avaliação do livro O Mulato

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1o. TURNO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DO LIVRO “O MULATO”

NOME

TURMA:

LEIA, ATENTAMENTE, AS QUESTÕES ABAIXO E BOA PROVA

MARQUE A RESPOSTA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 5. (RASURAS INVALIDAM A QUESTÃO).

1. O livro “O Mulato” quer denunciar uma situação de:

- A) Exclusão Social
- B) Preconceito Racial
- C) Insanidade
- D) Homossexualismo
- E) Discriminação de gênero

2. A figura do Padre Diogo representa uma denuncia social à:

- A) Igreja corrupta e manipuladora
- B) Igreja redentora
- C) Igreja Conservadora
- D) Igreja Reacionária
- E) Nenhuma das respostas.

3. Há no romance de Aluísio Azevedo um (a) personagem que é racista declarada. Qual é o seu nome:

- A) Manuel Pescada
- B) Padre Diogo

- C) Ana Rosa
- D) Raimundo
- E) D. Maria Bárbara

4. Baseado na leitura do livro “O Mulato” e na sua compreensão da realidade responda esta questão. No Brasil, em 99% dos casos, as vítimas de racismo vêm marcadas pela:

- A) Riqueza
- B) Justiça Social
- C) Corrupção
- D) Pobreza
- E) Solidariedade

5. Após a leitura do livro e sobre o que estudamos sobre as leis que foram criadas até a Abolição da Escravatura, pode-se afirmar que o que sobrou da escravidão foi:

- A) Preconceito racial e social.
- B) Leis eficazes que combatem o racismo.
- C) Nada, pois no Brasil não existe racismo.
- D) A cooperação entre todas as raças
- E) Igualdade racial

6. Contextualize historicamente o romance “O Mulato”.

7. Escreva o nome da cidade onde a estória foi ambientada (ocorreu, se passa).

8. Justifique o título do livro “O Mulato”.

9. Baseado no livro “O Mulato”, nas aulas de História que você teve estabeleça uma relação (relacione, escreva algo sobre o assunto) “O Mulato” e a atual realidade brasileira referente ao assunto.

10. Relacione a segunda coluna de acordo com a primeira:

(1) Raimundo

(2) Ana Rosa

(3) Cônego Diogo

(4) José Dias

(5) José Pedro da Silva

(6) Domingas

(7) D. Maria Bárbara

(8) Quitéria

(9) Manuel Pescada

() “Era um tipo fechado, um ovo, um ovo choco que mal denuncia na casca a podridão interior. Era comerciante e casa-se com Ana Rosa.

() Manipulador, estimula os preconceitos e as barbaridades cometidas por todos. Manda matar José Pedro da Silva.

() Ignora a própria cor e sua origem racial. É um jovem advogado, bonito, rico, culto. Estudou na Europa e não consegue entender as reservas da alta sociedade local.

() Era racista declarada e sogra de Manuel Pescada

() Era escrava e mãe de Raimundo.

() Casou-se com José Pedro da Silva . Era branca e impiedosa. Ordenou que Domingas fosse açoitada e suas partes genitais queimadas. Comete adultério com o padre Diogo.

() Leitora ávida de romances. Apaixonou-se por Raimundo, mas acaba casando com José Dias.

() Era o pai de Raimundo e irmão de Manuel Pescada.

() Era tio afastado de Raimundo, pai de Ana Rosa.

11. Qual é a sua cor? Justifique.

ANEXO N – Avaliação Individual do livro “Memórias de um sargento de milícias

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1o. TURNO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

**ASSUNTO: AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DO LIVRO MEMÓRIAS DE UM
SARGENTO DE MILÍCIAS**

NOME

TURMA: 307

LEIA, ATENTAMENTE, AS QUESTÕES ABAIXO E BOA PROVA

**MARQUE A RESPOSTA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 4. (RASURAS
INVALIDAM A QUESTÃO).**

1. A camada social retrata no livro:

- A) Ricos e escravocratas
- B) Pobres e livres
- C) Camadas médias urbanas (advogados, engenheiros, médicos)
- D) Escravos
- E) Nenhuma das respostas

2. O melhor ditado que sintetiza a filosofia do livro é:

- A) Filho feio, não tem pai.
- B) Macaco que muito pula, quer dançar.
- C) Quem tem boca vai em Roma
- D) Santo de casa não faz milagre.
- E) Quem não tem padrinho, morre pagão.

3. Um trecho do livro que demonstra o nepotismo é:

- A) O emprego de Leonardo na Ucharia Real
- B) A vadiagem de Leonardo
- C) O casamento de José Manuel com Luisinha
- D) A profissão da Comadre

E) O casamento de Leonardo Pataca com Chiquinha

4. A personagem rica de Memórias é:

- A) Vidinha
- B) Maria Regalada
- C) D. Maria
- D) Comadre
- E) Vizinha

5. Responda:

- a) Qual era o governo da época do livro? Justifique com um trecho ou frase do livro.
- b) Citar um fato do livro que, ainda hoje, se faz presente na sociedade.

6.. Marque V quando verdadeiro e F quando falso.

- A. () D. Maria era a mãe de Vidinha.
- B. () José Manuel casou-se com Chiquinha.
- C. () Chiquinha, filha de D. Maria, casou-se com Leonardo-Pataca.
- D. () Chiquinha teve um filho com o Leonardo-Pataca.
- E. () Maria-Regalada era mãe de Leonardo.
- F. () O representante da ordem e da lei era o Teotônio.
- G. () Leonardo não era filho de Leonardo-Pataca.
- H. () O padrinho conseguiu estabelecer-se como barbeiro por causa do roubo do dinheiro do capitão do navio onde havia trabalhado.
- I () Leonardo utilizou-se da coisa pública como se fosse privada quando empregou-se na Ucharia Real.
- J. () A Cigana era amante de Leonardo.
- K. () Leonardo-Pataca casou-se com Luisinha.

7. Relacione as colunas:

- () Era parteira, papa-missa, fofoqueira, benzia de quebrantos.
- () Era amante do Reverendo.
- () Era a mãe de Leonardo.

- () Adorava uma contenda. Era tia de Luisinha.
- () Era o representante da lei e da ordem.
- () Era filho de um beliscão, tornou-se um doutor na escola da malandragem.
- () Era uma mulatinha de 18 anos, linda, cantava e apaixonou-se por Leonardo.
- () Era o rival de Leonardo. Casou-se com Luisinha.
- () Ajudou o Leonardo e amava o Major Vidigal.
- () Criou o Leonardo e tinha como profissão fazer barba e, no passado sangrias.
- () Era um imitador nato. Alegrou as festas e tinha pavor do Major Vidigal.
- () Era tímida, pálida. Foi esposa de José Manuel e após sua morte, casou-se com Leonardo.

- | | |
|-------------------|---------------------|
| () Cigana | () Maria-Regalada |
| () Luisinha | () Padrinho |
| () Comadre | () Leonardo |
| () Vidinha | () Maria-Hortaliça |
| () Teotônio | () José Manuel |
| () Major Vidigal | () D. Maria |

ANEXO O – Estatuto da Igualdade Racial

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ – 3º. TURNO – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: IGUALDADE SOCIAL/ESPAÇO/LEI 10.639/03/COMBATE AO RACISMO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

10/09/2009 - 08h45

Câmara dos Deputados aprova Estatuto da Igualdade Racial

JOHANNA NUBLAT

da **Folha de S.Paulo**, em Brasília

Em clima de celebração, uma comissão especial da Câmara dos Deputados aprovou na quarta-feira (9) o Estatuto da Igualdade Racial, com um texto esvaziado dos pontos mais polêmicos. Ficaram de fora a criação de cotas de 20% para negros em filmes e programas veiculados nas TVs e o detalhamento **para demarcar terras quilombolas**. A proposta original, do senador Paulo Paim (PT-RS), também previa uma reserva fixa para negros em instituições públicas de ensino superior.

Para o ministro Edson Santos (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), o estatuto é um ponto de partida que reconhece e dá visibilidade à questão negra. Como ficou, o estatuto estabelece políticas de proteção e promoção da comunidade negra em diversos campos. Há também pontos mais práticos, como a possibilidade de o governo criar incentivos fiscais para empresas com mais de 20 empregados e pelo menos 20% de negros. Diz ainda que o poder público adotará ações afirmativas em instituições públicas federais de ensino --sem prever cotas-- e promoverá a igualdade de oportunidade no mercado de trabalho. Foi aprovada ainda uma cota de 10% para negros nas candidaturas a vagas da Câmara dos Deputados, Assembleias Estaduais e Câmara de Vereadores.

O deputado Damião Feliciano (PDT-PB) disse que se aprovou um "estatuto desidratado", que recua sobre pontos "superados".

Vanda Pinedo, coordenadora nacional do Movimento Negro Unificado, também defende um texto com mais obrigatoriedades. "Se continuar retalhado como vem sendo, vai acabar como uma mera intenção."

Os trechos mais criticados foram retirados aos poucos, após meses de embate, na Câmara, com a oposição, que disse ter tirado todos os pontos com os quais não concordava.

"Saiu o germe da racialização", disse o deputado Onyx Lorenzoni (DEM-RS), principal articulador das alterações. Do mesmo partido, o deputado Índio da Costa (RJ) afirmou que o texto original poderia criar "uma espécie de MST negro", referindo-se à definição sobre as terras quilombolas, muito criticada pelos ruralistas.

Marinalva dos Santos, presidente da federação brasiliense e entorno de umbanda e candomblé, ressalta a garantia de assistência religiosa a presos de religiões de matrizes africanas, prevista na proposta.

O projeto será encaminhado agora ao Senado para nova análise. A intenção é que ele seja aprovado nos próximos meses e sancionado pelo presidente Lula em 20 de novembro, dia nacional da consciência negra.

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO, online

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u621904.shtml>, acesso em 12-09-2010

ANEXO P – Música Memórias de um sargento de milícias

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ – 3º. CICLO – 9º. ANO

ASSUNTO: LIVRO MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Memórias de Um Sargento de Milícias

Martinho da Vila

Composição: Paulinho da Viola

Era o tempo do rei

Quando aqui, chegou

Um modesto casal feliz pelo recente amor

Leonardo, tornando-se meirinho

Deu a Maria Hortaliça um novo lar

Um pouco de conforto e de carinho

Dessa união, nasceu

Um lindo varão

Que recebeu o mesmo nome do seu pai

Personagem central da história que contamos neste carnaval

Mas um dia Maria

Fez a Leonardo uma ingratidão

Mostrando que não era uma boa companheira

Provocou a separação

Foi assim que o padrinho passou

A ser do menino tutor

A quem lhe deu toda dedicação

Sofrendo uma grande desilusão

Outra figura importante em sua vida

Foi a comadre parteira popular

Diziam que benzião de quebranto

A beata mais famosa do lugar

Havia nesse tempo aqui no Rio

Tipos que devemos mencionar

Chico Juca, era mestre em valentia

E por todos se fazia, respeitar

O reverendo amante da cigana
Preso pelo Vidigal
O justiceiro
Homem de grande autoridade
Que à frente dos seus granadeiros
Era temido pelo povo da cidade
Luisinha primeiro amor
Que Leonardo conheceu
E que Dona Maria, a outro como esposa concedeu
Somente foi feliz
Quando José Manuel
Morreu
Nosso herói
Novamente se apaixonou
Quando com sua viola
A mulata Vidinha, esta singela modinha cantou:
Se os meus suspiros pudessem
Aos seus ouvidos chegar
Verias que uma paixão
Tem o poder de assassinar

EXERCÍCIOS

1. Citar personagens principais mencionados na música
2. Citar os personagens considerados ricos na música.
3. Como Vidinha era descrita?
4. Estabeleça uma comparação entre a personagem Luisinha e Vidinha citadas nas músicas, e namoradas de Leonardo.
5. Qual era a mulher que tinha livre acesso ao mundo público restrito ao gênero feminino?
6. Quem era a Comadre?
7. Citar o contexto histórico que se passa na história da música.

ANEXO Q – Hino da África do Sul e Hino da Juventude Negra da África do Sul

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 1º. TURNO – 3ª. ETAPA DO 3º. CICLO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: CAPITALISMO (INDUSTRIALIZAÇÃO/IMPERIALISMO)

NKOSI SIKELEL’ I-AFRIKA

(Hino do Congresso Nacional Africano – e parte do hino da África do Sul)

Nkosi Silelel’I-Africa

Maluphakanyslw Uphondo Iwayo

Yzwa Umithandazo Yethu

Nkosi Sikelela – Nkosi Sikelela

Nkosi Sikelel’ I-Afrika

Maluphakanyslw Uphondo Iwayo

Yizma Imithandazo Yethu

Nkosi Sikelela – Thina Lusapho Iwayo

Tradução livre:

Abençoe a África, Oh! Senhor!

“Abençoe a África

Oh! Senhor!

Faça elevar a tua trompa

(da esperança)

Ouçã também nossos rogos

Abençoe, Oh! Senhor!

Abençoe, Oh! Senhor!

SO BASHIYA BA HLALA EKHAYA

(Hino da Juventude Negra da África do Sul)

Autor: Grupo Cultural do Congresso Nacional Africano

Amandla

So Bashiya Ba Hlala Ekhaya
Saphuma Sangena Kwamanye Amanzwe
Lathokumgazi Khona Ubaba No Mama
Hlale Inkululeko

Se Si Thi Hlala Ekhaya
Se Si Thi Ngena Kwamanye Amanzwe
Lathokumgazi Khona Ubaba No Mama
Hlale Inkululeko

So Basha Ba Thobeni
Saphuma Sangena Kwamanye Amanzwe
Lathokumgazi Khomna Ubaba No Mama

ANEXO R – Gilberto Freyre e a importância de sua obra

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA TURNO: MANHÃ - 9º. ANO – ENSINO FUNDAMENTAL

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: COMBATE AO RACISMO/FORMAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA/POSIÇÕES CONTRÁRIAS À TEORIA DE BRANQUEAMENTO NO BRASIL

Fábio Victor – de São Paulo

Fernando Henrique Cardoso fez-se sociólogo numa USP hostil à Gilberto Freyre (1900-1987). A Universidade de São Paulo refutava a romantização da escravidão e o mito da democracia racial. Deplorava a insubmissão acadêmica do autor de “Casa Grande & Senzala” e criticava o seu conservadorismo político, manifesto também no apoio ao golpe de 1964 e nas conexões com o salazarismo.

Baixada a poeira ideológica, a USP passou a valorizar a originalidade das interpretações freyreanas, o que já ocorrera pelo país e pelo mundo desde os anos 1930.

Em entrevista à Folha, FHC relembra como se deu a revisão, mas pondera que não abandonou a atitude crítica em relação a certas ideias de Freyre. Em 4 de agosto, o ex-presidente faz a conferência de abertura da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty), que neste ano celebra o pensador pernambucano.

Em alguns círculos, e à boca miúda, a escolha de FHC tem sido contestada, justo pelos reparos do político ao colega mais velho.

“O que pesou na escolha foi o fato de FHC ser um admirador crítico da obra de Freyre”, diz a historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke, curadora da homenagem.

O diretor de programação da Flip, Flávio Moura, recorda o reconhecimento de FHC a Freyre no artigo “Livros que inventaram o Brasil”, de 1993 (revista do Cebrap) e na apresentação à reedição de “Casa Grande & Senzala”, em 2003.

“A geração de FHC sempre se mediu com a de Freyre, Sérgio Buarque e Caio Prado Jr. A Flip considerou que a homenagem era bom momento para um balanço.”

Mais do que intérprete da formação da identidade nacional, Gilberto Freyre foi também um inovador nos métodos de pesquisa de história social, sociologia e antropologia brasileiras. Se alguém esquecera dessa faceta, ela volta a público em boa hora, com o relançamento, pela editora Global, de "O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX".

Como a obra de Freyre afetou os seus estudos sobre escravidão no Sul do Brasil _estudos que de certo modo rejeitavam parte das teses dele?

Afetou a partir das próprias razões para a escolha do objeto de análise: no Sul o escravo trabalhava mais nas charqueadas, quase como um operário, e não nos latifúndios; mais vivia nas cidades do que só no campo.

Não por acaso, houve um certo processo de mobilidade social, dada a integração relativamente mais fácil do negro urbano ao mercado de trabalho. Ao analisar este processo verifiquei que, a despeito disso, a discriminação e o preconceito vigiam.

Nunca aceitei, por isso, a ideia (que não foi formulada propriamente nestes termos por GF) da existência de uma democracia racial entre nós. Embora tampouco seja certo homogeneizar as relações raciais no Brasil com as vigentes, por exemplo, nos EUA.

Qual a pertinência da homenagem a Freyre neste momento histórico específico? A organização da Flip avalia que "com a crescente atuação do Brasil no cenário internacional (...), a escolha de homenagear o autor que primeiro analisou a constituição da sociedade brasileira sob perspectiva positiva promete incentivar acaloradas discussões em Paraty". Concorda?

Dizer que Gilberto foi o primeiro a ter uma visão positiva sobre o Brasil é um exagero. Acho que José Bonifácio tremeria na tumba e mesmo alguns outros políticos e pensadores. Só para citar mais um: o conde de Afonso Celso.

Terá sido o primeiro, na década de 1930 (e mesmo antes, com seus estudos acadêmicos) a romper com o evolucionismo cientificista, com o corporativismo e com ideias de determinismo geográfico e biológico que começaram a preponderar nos anos 1920 e chegaram ao auge dos anos 30 em diante, com Oliveira Vianna.

O sr. definiria Freyre como um antirracista? Como imagina que ele se posicionaria em relação às cotas para negros em universidades?

Freyre certamente não seria um "racialista", isto é, não acreditaria que as diferenças entre as raças devessem preponderar como critério para atribuir vantagens ou desvantagens às pessoas.

Ele era um apologeta da miscigenação e, em suas análises sobre a contribuição dos brancos, negros e indígenas para a formação do Brasil, insistia em que os portugueses já tinham seu sangue misturado com o sangue negro e berbere.

Considerava que a "inferioridade" atribuída aos negros era consequência da ordem social escravista e não do fato de serem negros.

Não seria cego, entretanto, às políticas afirmativas, pois as distorções da escravidão terminaram por limitar as oportunidades dos negros até hoje. Teria, contudo, imagino, restrição a cotas com base em diferenças puramente raciais, mesmo se definidas a partir de identidades autoatribuídas.

Dito isso, GF incorria frequentemente em qualificações raciais, às vezes pejorativas, como no caso de algumas sobre judeus ou mesmo da valorização de alguns contingentes raciais negros em comparação com outros.

O sr. integrou uma corrente que se opunha a Freyre. Em que momento exato descolou-se desse grupo e percebeu a importância e o alcance das ideias dele?

Tinha uma metodologia não quantitativa, que lhe dava espaço para interpretações subjetivas, mas sempre procurou embasar suas análises em um conjunto factual impressionante extraído de fontes escritas e de entrevistas. Nós, os sociólogos das novas gerações, eu inclusive, deixávamos de lado esse aspecto de seu trabalho para insistir na romantização de algumas de suas interpretações que, de fato, não tinham base para se sustentar.

As poucas vezes que escrevi sobre GF tratei de qualificá-lo melhor, reconhecendo seu pioneirismo em muitos campos, sem deixar de reconhecer o lado menos consistente de algumas de suas interpretações.

FOLHA DE SÃO PAULO, Ilustrada, sábado, 24 de julho de 2010, p. E-1 e E-8.

RAIO X DE GILBERTO FREYRE

BIOGRAFIA

Nasce no Recife em 1900. Viaja em 1918 para os EUA, onde se forma, faz pós-graduação e dá aulas. Nas décadas seguintes viajaria pela Europa e pela África. Morre em 1987.

OBRA

Publicou mais de 80 livros entre os quais destacam-se “Casa-Grande & Senzala” (1933), “Sobrados e Mucambos” (1936), “Ordem e Progresso”(1957)

FOLHA DE SÃO PAULO, Poder, sábado, 24 de julho de 2010, p. E-8.

EXERCÍCIOS

1. Leia atentamente o texto abaixo e em duplas faça um comentário sobre o artigo e os trechos grifados.
2. Citar, argumentando o seu ponto de vista, a importância de Gilberto Freyre.
3. Citar as obras de Gilberto Freyre
4. Qual era a posição ideológica de Fernando Henrique Cardoso em relação a Gilberto Freyre.
5. Qual a escola que Gilberto Freyre representava?
6. Qual o nome do principal ideólogo da teoria do branqueamento citado no texto?
7. O que é o mito da democracia racial citado no texto?

ANEXO S – Xenofobia – texto – Paralelos 2ª. Guerra Mundial e Prática atual

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ – 3º. CICLO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: 2ª. GUERRA MUNDIAL/RACISMO/XENOFOBIA

Xenofobia na França

Com a popularidade em queda devido a uma controvertida proposta de reforma da Previdência, a um escândalo de financiamento de campanha e à dificuldade de reerguer o país da crise econômica, o presidente Nicolas Sarkozy lançou mão de uma série de iniciativas populistas e xenófobas para ganhar apoio do cada vez mais conservador eleitorado francês.

De maneira ruidosa, o governo acelerou um processo de “expulsão voluntária” de ciganos – mediante pagamentos de 100 a 300 euros – após ligá-los a uma escalada de violência contra policiais.

Em projeto de lei a ser submetido à Assembleia Nacional no próximo dia 27 deste mês, Sarkozy proporá que estrangeiros naturalizados percam a cidadania francesa caso cometam crimes contra agentes da polícia.

Essas iniciativas se somam à lei, à espera da aprovação do Senado, que proibirá o uso em público da burca, a vestimenta islâmica que cobre o corpo das mulheres.

A ofensiva de Sarkozy encontra eco no eleitorado – 79% dos franceses apoiam a expulsão dos ciganos e 80% concordam com a proposta de cassar a nacionalidade.

Indiferentes aos direitos dos estrangeiros que vivem no país, os franceses e seu governo se sensibilizam com a situação da iraniana Sakineh Ashtiani, condenada a morrer por apedrejamento em sentença por ora suspensa. A primeira-dama Carla Bruni se manifestou contra a crueldade da pena imposta a Sakineh, mas seu “radicalismo chique” não foi ao ponto de levá-la a discordar das iniciativas xenófobas do marido.

A França não está só. A discriminação é plataforma de governo também na Itália, onde o premiê Silvio Berlusconi promove leis para criminalizar a imigração ilegal, e na Suíça, que proibiu a construção de minaretes islâmicos.

A história já mostrou que a exploração populista do nacionalismo xenófobo pode trazer consequências desastrosas para os países que trilham esse caminho.

FOLHA DE SÃO PAULO, Editorial, 12 de setembro de 2010.

EXERCÍCIOS

1. Qual é a relação do artigo acima com a Alemanha de Hitler?
2. Conceitue xenofobia.
3. Quais os países atuais, segundo o texto que têm políticas xenófobas?
4. Por qual(is) motivos a adoção de tais medidas?
5. Você concorda com a xenofobia? Justifique

ANEXO T – Racismo no Brasil – texto de Edson Cardoso

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: RACISMO NO BRASIL

OPINIÃO

10/09/2009

É o racismo, estúpidos

Edson Lopes Cardoso

edsoncardoso@irohin.org.br

O repórter Bernardo Mello Franco, de “O Globo”, escreveu que a “Câmara dos Deputados aprovou ontem uma versão esvaziada do Estatuto da Igualdade Racial”. Na mesma reportagem, o ministro Edson Santos afirmou que “o grande avanço é que ele não vai gerar conflito”. (O Globo, p. 11.)

O Dep. Luiz Alberto (PT-BA) por sua vez afirmou, em pronunciamento da tribuna da Câmara, que o texto aprovado era “o possível”. E acrescentou: “Em caráter conclusivo, a matéria vai ao Senado Federal, onde também há um acordo para imediatamente se constituir uma Comissão Especial para aprovar o Estatuto, a fim de que o Presidente Lula, ainda este ano, possa sancioná-lo e dar ao Brasil uma oportunidade de se criar uma verdadeira democracia.”

Segundo ainda a reportagem de Bernardo Franco, “o DEM elogiou as mudanças”. Quem conduziu as negociações pelos Democratas foi o deputado Onyx Lorenzoni (DEM-RS) e já se pode bem avaliar a profundidade (e a realidade) da “verdadeira democracia” para a qual se abrem agora todas as oportunidades.

Johanna Nublat, repórter da “Folha de S. Paulo”, escreveu que a oposição, comandada por Lorenzoni, afirmou “ter tirado todos os pontos com os quais não concordava”. (FSP, p. C9.) Ao “Correio Braziliense”, o deputado fez declarações mais incisivas: “Tiramos qualquer tentativa de racialização do projeto”. (CB, p. 11.)

Nublat, aliás, é autora da pérola mais preciosa escrita sobre a versão do Estatuto aprovada ontem na Câmara dos Deputados: “Há também pontos mais práticos, como a possibilidade de o governo criar incentivos fiscais para empresas com mais de 20 empregados e pelo menos 20% de negros.”

Quando o ponto mais prático é uma possibilidade, o leitor pode bem dimensionar o que representa a proposta aprovada para a superação das desigualdades raciais. Nem falo de racismo, porque a Comissão Especial, a rigor, nunca tratou do tema. Mas é fato que, sem falar de racismo, não alcançamos as motivações fundamentais.

Há algumas semanas, a mídia divulgou a discriminação sofrida por Januário Alves de Santana, agredido por seguranças do supermercado Carrefour numa cidade da Grande São Paulo. Todos conhecem a história do homem negro, técnico em eletrônica, que foi acusado de tentar roubar seu próprio veículo, um EcoSport. Acusado e violentamente espancado nas dependências do Carrefour.

Segundo ainda o noticiário, Januário viveu tantos constrangimentos após a compra do veículo, que decidiu se livrar dele. Creio que deveríamos fazer uma reflexão sobre como essas imposições violentas de limites têm afetado a população negra. Inclusive entidades e parlamentares.

Por causa de seus traços fisionômicos, seu fenótipo, e de um conjunto de injunções decorrentes da hierarquização do humano vigente entre nós, Januário vê-se obrigado a rever seu projeto, reduzindo suas dimensões, buscando adequar-se aos limites impostos pelo racismo.

Um modelo mais modesto de veículo talvez lhe permitisse acomodar-se aos limites rígidos preestabelecidos, seguramente é o que pensa Januário.

Segundo os seguranças do Carrefour citados na revista Carta Capital, tudo, toda a informação estava na cara de Januário. Sua cara não nega, teriam dito os seguranças. E mais: “Você deve ter pelo menos três passagens pela polícia”. Sendo assim, não admiraria que Januário, renunciando a seu projeto legítimo de possuir um EcoSport, fosse preso ou assassinado conduzindo uma bicicleta.(Carta Capital, nº 560,25/08/09 p.16.)

O fato é que os negros vivem em um mundo em que se sabe de antemão muita coisa sobre eles. Impressiona a quantidade de informação que o olhar racista pode colher em um rosto negro. Os negros são no Brasil a evidência pública de um conjunto de delitos.

Apoiado por muitos outros autores, Umberto Eco afirma que é o outro, é o seu olhar, que nos define e nos forma. E não se trata aqui, diz ele, de nenhuma propensão sentimental, mas de uma condição fundadora (ver Cinco escritos morais. Editora Record, 1997, p. 95.)

Já sabemos como somos vistos e, a partir desse olhar, como devemos nos definir e conformar nossos projetos. Seria melhor dizer como devemos amesquinhar e reduzir nossos projetos. Sonhos não realizados, esperanças frustradas reafirmando e reforçando a ideologia que previamente nos classificou a todos.

Os parlamentares negros que ontem cantaram e ergueram os punhos fechados e se abraçaram ao DEM, o ministro Edson Santos, a Seppir, a Conen, a Unegro, todos comemoravam no fundo a redução e o amesquinçamento do projeto de Estatuto. Conformaram-se ao “possível”. Confiam que na redução ainda se podem projetar ganhos eleitorais. Vão colher, seguramente, o que plantaram.

FONTE: <http://www.irohin.org.br/onl/new.php?sec = news & id = 4735>

EXERCÍCIOS:

1. Estabeleça uma relação entre o texto e o livro “Clara dos Anjos” e “O Mulato”.
2. No Brasil existe preconceito racial? Justifique sua resposta.
3. O caso ocorrido no Carrefour é racismo? Justifique.
4. Você é racista? Justifique. Qual é o padrão de beleza no Brasil?
5. Qual a cor da sua pele?
6. Seus antepassados, pai, avó, avô são negros?

ANEXO U – Teorias raciais no Brasil

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. CICLO – TURNO: MANHÃ

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: DIREITOS HUMANOS E O COMBATE ÀS DESIGUALDADES

A questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades: discriminação e violência

Sueli Carneiro

1. Raça e direitos humanos no Brasil

É de Joaquim Nabuco a compreensão de que a escravidão marcaria por longo tempo a sociedade brasileira porque ela não teria sido seguida de “medidas sociais complementares em benefício dos libertados, nem de qualquer impulso interior, de renovação da consciência pública.”^[1] Na base dessa contradição perdura uma questão essencial acerca dos direitos humanos: a prevalência de uma concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros e por conseqüência a naturalização da desigualdade de direitos. Se alguns estão consolidados no imaginário social como portadores de uma humanidade incompleta torna-se natural que não participem igualmente do gozo pleno dos direitos humanos. Uma das heranças da escravidão com a qual contribuiu, posteriormente, o racismo científico do século XIX que dotou de suposta cientificidade a divisão da humanidade em raças estabelecendo hierarquia entre elas e conferindo-lhes estatuto de superioridade ou inferioridade naturais. Dessas idéias decorreram e se reproduzem as conhecidas desigualdades sociais que vem sendo amplamente divulgadas nos últimos anos no Brasil.

No entanto, o pensamento social brasileiro tem longa tradição no estudo da problemática racial e, no entanto, na maior parte de sua história, as perspectivas teóricas que o recortaram respondem, grandemente, pela postergação do reconhecimento da persistência de práticas discriminatórias em nossa sociedade. Nadya Castro Araújo inventaria o percurso pelo qual o pensamento social brasileiro sobre as relações raciais foi se transformando por meio de diferentes óticas pelas quais foi abordado, iniciando-se pelo pessimismo em relação à configuração racial miscigenada da sociedade brasileira, corrente no final do século XIX até

as primeiras década do século XX, como atestam pensadores como Sílvio Romero, Paulo Prado, Nina Rodrigues, entre outros, passando pela visão idílica sobre a sua natureza das relações raciais constituídas no período colonial e determinantes na predisposição racialmente democrática da sociedade brasileira, que tem em Gilberto Freyre sua expressão maior e mais duradoura. Comparecem ainda visões que situam a questão racial como reminiscências da escravidão, fadadas a desaparecer tanto mais se distancie no tempo daquela experiência histórica, ou ela é situada como sub-produto de contradições sociais maiores ditadas pela análise materialista dialética que as informava, como coloca Florestan Fernandez. Para Araújo, nessa leitura :

"a desigualdade racial era descrita como um epifenômeno da desigualdade de classe. Mesmo ali onde estereótipos e preconceitos contra negros eram expressamente manifestos, eles eram analisados antes como atos verbais que como comportamentos verdadeiramente discriminatórios."

O novo ponto de inflexão nessa reflexão emerge na obra de Carlos Hasenbalg em que pela primeira vez as desigualdades raciais são realçadas a partir de uma perspectiva em que discriminação e racismo são tomados como variáveis independentes e explicativas de tais desigualdades.

Essas concepções conformam as duas matrizes teóricas e/ou ideológicas em disputa na sociedade. De um lado o mito da democracia racial ao desracializar a sociedade por meio da apologética da miscigenação presta-se historicamente ao ocultamento das desigualdades raciais. Como afirma o sociólogo Carlos Hasenbalg, esse mito resulta em "uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças inter-raciais fora da arena política, criando severos limites às demandas do negro por igualdade racial".^[3] E é essa mistificação que ressurge como veremos adiante para cooperar com a epígrafe acima no que ela adverte para a "repetição do passado no presente"

De outro lado a força do pensamento de esquerda que ao privilegiar a perspectiva analítica da luta de classes para a compreensão de nossas contradições sociais tornam secundárias as desigualdades raciais obscurecendo o fato da raça social e culturalmente construída ser determinante na configuração da estrutura de classes em nosso país. Essa inscrição e subordinação da racialidade no interior da luta de classes, iniciada inspirando perspectivas militantes que buscam articular raça e classe como elementos estruturantes das desigualdades sociais no país.

Mais recentemente economistas vêm qualificando a magnitude dessas desigualdades ao ponto de, neste momento, podermos afirmar que vivemos num país apartado racialmente. De fato, as

disparidades nos Índices de Desenvolvimento Humano encontradas para brancos e negros indicam que o segmento da população brasileira auto-declarado branco apresenta em seus indicadores socioeconômicos (renda, expectativa de vida e educação) padrões de desenvolvimento humano compatíveis com os de países como a Bélgica; que o segmento negro da população brasileira auto-declarado negro (pretos+pardos) apresenta um índice de desenvolvimento humano inferior ao de inúmeros países em desenvolvimento como a África do Sul que, há menos de duas décadas, erradicou o regime de apartheid.

Sociologia e economia são áreas que vêm consolidando uma nova percepção sobre a importância da racialidade na configuração das desigualdades sociais no Brasil, tornando-a variável estrutural para a compreensão e superação do problema social no país.

Apesar disso, as duas ideologias, o mito da democracia racial a perspectiva da luta de classes tem portanto em comum a minimização ou o não-reconhecimento e/ou a invisibilização da intersecção de raça para as questões dos direitos humanos, da justiça social e da consolidação democrática dificultando e permanecem atuantes como elementos que dificultam a inscrição da erradicação das desigualdades raciais nas políticas públicas.

FONTE: <http://www.inesc.org.br/biblioteca/textos-e-manifestos/a-questao-dos-direitos-humanos-e-o-combate-as-desigualdades-discriminacao-e-violencia>. Acesso em 10/04/2010.

EXERCÍCIOS:

1. Qual a importância dos Direitos Humanos para os povos do mundo?
2. Qual a relação do texto com a Lei 10.639/03?
3. Citar líderes da teoria de branqueamento no Brasil.
4. Qual é a concepção ideológica de Nina Rodrigues?
5. Qual é a importância de Gilberto Freyre?
6. Qual é a importância dos estudos de Carlos Hasenbalg?
7. Qual a importância de Florestan Fernandes para o debate racial?

ANEXO V - Música Rosa de Hiroshima

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: 2ª. GUERRA MUNDIAL – ROSA DE HIROSHIMA

Rosa de Hiroshima

Letra: Vinícius de Moraes **Composição:** Gerson Conrad

Pensem nas crianças mudas,

telepáticas

Pensem nas meninas cegas,

inexatas

Pensem nas mulheres, rotas

alteradas

Pensem nas feridas como rosas

cálidas

Mas! Oh! não se esqueçam da

rosa, da rosa

Da rosa de Hiroshima, a rosa

hereditária

A rosa radioativa, estúpida

inválida

A rosa com cirrose a anti-rosa

atômica

Sem cor, sem perfume, sem rosa

Sem nada

EXERCÍCIOS

1. A música refere-se a quê?
2. O que quer dizer “Pensem ns crianças mudas telepáticas, Pensem nas meninas cegas, inexatas, Pensem nas mulheres, rotas alteradas...”?
3. A música faz uma crítica muito grave. Qual é ela?
4. Quais as consequências desta rosa? Cite com versos da música.
5. A música e letra refletem alegria? Justifique.

ANEXO W - Khadja Nin e paralelos com Clara dos Anjos

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. CICLO – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIAÇÃO

ASSUNTO: CLARA DOS ANJOS/KHADJA NIN (BURUNDI)

Sina Mali, Sina Deni

Khadja Nin

Ahiya, Ahiya

Kwa baraka

Mimi napona

Kabisa, ni hajabu

Sina mwili tena

Niko sawa upepo

Mimi masikini

Sina mali mali, sina deni

Mali yangu baba

Ina nyesha kama mvua

Ina ruka kama ndege

Ina cheka kama mtoto

Ahiya, mam'ahiya

Sina haja, ya kitu,

mimi napona

I'm free, kama maji

Anatembeya mpaka katika pori

Mimi, mi masikini

Sina mali mali, sina deni

Mali yangu baba

Ina ota kama maua

Ina pita kama nyota
Ina waka kama jua

Pole pole mama
Wakati wangu umefika, mimi napona
I'm free, kama hewa
Ina ingiya mpaka fasi inapenda
Mimi, ni masikini
Sina mali mali, sina deni
Mali yangu baba
Ina ona kama macho
Ina waka kama moto
Ina lia kama ngoma
I'm free kama maji
Ana tempaka mpaka kati ya pori
Kama hewa, kama macho kama nyota, kama maji
Kama mimi leo, mimi napona

I'm free, I'm free
Kama mimi leo, mimi napona

Ahiya Mam'ahiya
sina mali, Mungu, sina deni

EXERCÍCIOS:

Após as explicações da professora, responda em seu caderno

1. Estabeleça uma relação entre o livro “Clara dos Anjos” e a música, particularmente nas frases: “I’m free, I free”.
2. Onde fica o país da cantora e qual continente ele se localiza?
3. Pesquise na Internet sobre a cantora e traduza a letra da música.
4. Você gostou do ritmo da música? Justifique.

ANEXO Y – Música de Cabo Verde

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. CICLO – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: ÁFRICA/ CLARA DOS ANJOS/ CABO VERDE

Mi Nada Um Ca Tem

Cantora: Maria de Barros

Composição: Djim Job/ Kalu Monteiro/Ney Miranda/Danny Carvalho/Ze Timas

Paque tanto preocupacao

Si mi nada um ca tem

Mi nada um ca tem

Paque tenta maguam

A mi e pobre

E confortado

Ca mal tadjado

Ca malcriado

Cham conforta

Cu nha probresa

Pamo mi nada

Um ca tem

Mi nada um ca tem

Paque tenta maguam

Paque tenta odiam

Paque tanto odio

Si mi nada

Um ca tem

Mi nada um ca tem

Paque trata odiam

Mi jam ca cre
Vive nes mundo
Tudo gente cre
So magua alguem
Um cre
Vive na paz di Deus
E tudo qu'um cre
Vive na paz di Deus

EXERCÍCIOS

Cabo Verde é um país da África e que também fala Português. A canção acima é em português diferente do Brasil.

1. O português falado no Brasil é o mesmo de Portugal?
2. Qual é a condição social que aparece na música?
3. Procure na Internet a tradução da música e estabeleça uma relação com o livro “Clara dos Anjos”.
4. Você gostou da música? Justifique.
5. Procure no mapa onde se localiza Cabo Verde.

ANEXO X - Texto – Globalização

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ – 3ª. ETAPA DO 3º.CICLO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: CAPITALISMO

1.GLOBALIZAÇÃO –

É um processo de liberação econômica onde os Estados/Nações que vem diminuindo os custos de suas tarifas que protegem a produção interna proporcionando um maior fluxo de bens, serviços e capitais.

Globalização é o conjunto de transformações na ordem política e econômica **mundial** que vem acontecendo nas últimas décadas. O ponto central da mudança é a integração dos mercados numa “aldeia-global”, explorada pelas grandes corporações internacionais. Os Estados abandonam gradativamente as barreiras tarifárias para proteger sua produção da concorrência dos produtos estrangeiros e abrem-se ao comércio e ao capital internacional. Esse processo tem sido acompanhado de uma intensa revolução nas tecnologias de informação - telefones, computadores e televisão.

Com a economia **mundial globalizada**, a tendência comercial é a formação de blocos econômicos. Estes são criados com a finalidade de facilitar o comércio entre os países membros. Adotam redução ou isenção de impostos ou de tarifas alfandegárias e buscam soluções em comum para problemas comerciais. Em tese, o comércio entre os países constituintes de um bloco econômico aumenta e gera crescimento econômico para os países. Geralmente estes blocos são formados por países vizinhos ou que possuam afinidades culturais ou comerciais. Esta é a nova tendência **mundial**, pois cada vez mais o comércio entre blocos econômicos cresce. Economistas afirmam que ficar de fora de um bloco econômico é viver isolado do mundo comercial.

2. O PAPEL DO COMÉRCIO –

O comércio exerce o papel de realizar a troca de serviços e mercadorias entre as nações, no âmbito internacional; entre os estados ou regiões que formam uma nação. Entre as nações, o comércio, é exercido através de Acordos internacionais em forma dos blocos econômicos, e exemplo da União Européia, NAFTA; MERCOSUL

A Organização **Mundial** do Comércio – OMC, vem promovendo o aumento das trocas internacionais com a redução generalizadas de tarifas, a procura de uma regionalização econômica, acompanhando o movimento global de liberação do comércio.

3. BLOCOS ECONÔMICOS

3.1. UNIÃO EUROPEIA:

A União Européia (UE) foi oficializada no ano de 1992, através do Tratado de Maastricht. Este bloco é formado pelos seguintes países : Alemanha, França, Reino Unido, Irlanda, Holanda (Países Baixos), Bélgica, Dinamarca, Itália, Espanha, Portugal, Luxemburgo, Grécia, Áustria, Finlândia e Suécia. Este bloco possui uma moeda única que é o EURO, um sistema financeiro e bancário comum. Os cidadãos dos países membros são também cidadãos da União Européia e, portanto, podem circular e estabelecer residência livremente por estes países. A UNIÃO EUROPEIA também possui políticas trabalhistas, de defesa, de combate ao crime e de imigração em comum.

3.2. NAFTA

Fazem parte do NAFTA (Tratado Norte-Americano de **Livre Comércio**) os seguintes países : Estados Unidos, México e Canadá. Começou a funcionar no início de 1994 e oferece aos países membros vantagens no acesso aos mercados dos países. Estabeleceu o fim das barreiras alfandegárias, regras comerciais em comum, proteção comercial e padrões e leis financeiras. Não é uma zona livre de comércio, porém reduziu tarifas de aproximadamente 20mil produtos.

Na verdade, o Nafta é um prelúdio de uma vasta zona econômica hemisférica lideradas pelos norte-americanos, que passará pela criação da ALCA (Área de Livre Comércio da América); em certo sentido, é a retomada da velha Doutrina Monroe (“a América para os americanos”).

3.3. MERCOSUL

O **MERCOSUL** (Mercado Comum do Sul) foi oficialmente estabelecido em março de 1991. É formado pelos seguintes países da América do Sul : Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. Futuramente, estuda-se a entrada de novos membros, como o Chile e a Bolívia. O objetivo principal do Mercosul é eliminar as barreiras comerciais entre os países, aumentando o comércio entre eles. Outro objetivo é estabelecer tarifa zero entre os países e futuramente uma moeda comum. Cerca de 90% das mercadorias fabricadas nos países-membros podem ser comercializadas internamente sem tarifas de importação. Alguns setores, porém, mantêm barreiras tarifárias temporárias, que deverão ser reduzidas gradualmente.

Além da extinção de tarifas internas, o bloco estipula a união aduaneira, com a padronização das tarifas externas para diversos itens. O Mercosul tem 209,2 milhões de habitantes e um PIB de 1,1 trilhão de dólares. Chile e Bolívia são membros associados e assinam tratados para a formação da zona de livre comércio, mas não entram na união aduaneira. Há, contudo, dificuldades: os interesses divergentes, a crise econômica dos países da América Latina e a pretensão americana de criar a ALCA são obstáculos ao **MERCOSUL**.

Fonte:

http://64.233.163.132/search?q=cache:Xl67LzDEMvIJ:www.ucg.br/ACAD_WEB/professor/SiteDocente/admin/arquivosUpload/12653/material/Bblocos%2520Economicos.doc+associa%C3%A7%C3%B5esde+livre-com%C3%A9rcio+mundial+por+continente&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br, dia 18-04-2010 às 13h45min.

<http://www.arturbruno.com.br/atualidades/mundo/texto.asp?id=272>, dia 18-04-2010 às 13h15min.

ANEXO Z – Lei 10.639/03

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. CICLO – TURNO: MANHÃ

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: LEI 10.639/03

A Lei 10.639/03: Mais uma conquista

A Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação do Ensino Fundamental e Médio é uma das muitas conquistas da luta de vários movimentos, pela forma violenta que os negros foram tratados no passado, que hoje ainda marcam profundamente o presente das futuras gerações de crianças, jovens e adultos que estão nas escolas, principalmente as públicas e com a inclusão da História e Cultura afro-Brasileiro e Africano nos currículos, contribuirá significativamente para que essas gerações se fortaleçam, portanto, aumentando a sua auto estima.

A escola como sabemos viveu durante séculos absorvida por teorias racistas, como do pensamento de Gobineau, Nina Rodrigues, fomos vítimas de pensamentos científicos, que queriam tornar os negros subalternos do povo branco, procurando através de seus estudos mostrar-lhes a sua inferioridade.

Uma das preocupação sobre a Lei 10.639/03, sentimos na fala do antropólogo, doutor professor da USP Kabengele Munanga, que em uma entrevista no Jornal a Tarde, na cidade de Salvador , que é importante para que as coisas comecem a funcionar, porém a forma que está sendo ensinado a História da África é preocupante, segundo ele, deve se definir o conteúdo da historiografia colonial estereotipada e preconceituosa. Ela deve considerar a África, como um continente com civilização. A grande imprensa apresenta a África , no caso do conflito da Quênia, como continente de guerras tribais, porém a África não é só tribo, mas o berço da humanidade de onde surgiram grandes civilizações.

O tratamento dado à África, pode levar aos Afros descendentes diversas mensagens, como exemplo: *Olha o continente de onde os seus antepassados são originários, se vocês*

estivessem lá o que seria das suas vidas? Daí a importância do preparo dos professores, levando a eles formação adequada e competência para trabalhar com a Lei 10.639/03, portanto, nota-se grande resistência como também a falta de conhecimento para se ensinar a história dos negros, a sua verdadeira história.

Precisa-se editar novos livros didáticos, material pedagógico com conteúdo adequado e formação de qualidade aos educadores. Não podemos errar como a abolição da escravatura e dizer " *Vocês estão livres, agora se virem!*"

FONTE: Publicado no Recanto das Letras em 13/05/2008 . Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/988189>. Acesso em 28/01/2010.

ANEXO AA – Texto base para debate sobre o racismo

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. CICLO – TURNO: MANHÃ – 8º. e 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: DEBATE SOBRE O RACISMO

RACISMO?, O QUE É?

É O BRANCO, POBRE E MISERÁVEL QUE SE JULGA MELHOR QUE
O NEGRO PELO SIMPLES FATO DE SER BRANCO.



...E PENSAR QUE TEM GENTE QUE AINDA ACHA QUE O
PROBLEMA DO BRASIL SE RESOLVE SÓ COM A
QUESTÃO DE CLASSE.

CONTRA A MENTALIDADE E PRÁTICAS RACISTAS, SÓ O
COMBATE, SISTEMÁTICO E CONTÍNUO, DE NEGROS E
BRANCOS CONTRA A IDEOLOGIA DA DEMOCRACIA
RACIAL, PRESENTE NA SOCIEDADE BRASILEIRA.

ANEXO BB – Massive Attack e o ativismo político – Conflito Árabe-Israelense

ESCOLA MUNICIPAL HÉLIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – 3º. CICLO – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIÇÃO

ASSUNTO: CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE

Massive Attack toca em SP, mas não em Israel

Folha de S. Paulo - 16/11/2010 - Por Fernanda Mena



Passados 12 anos desde a primeira apresentação no país, o Massive Attack sobe hoje ao palco do HSBC Brasil para o show da turnê de "Heligoland", álbum lançado em 2010, depois de um hiato de sete anos desde "100th Window" (2003). O disco marca a reunião de Daddy G (Grant Marshall) e 3D (Robert Del Naja), dois dos integrantes originais do grupo, que passou por muitas formações e projetou um novo gênero musical na virada dos anos 1980 para os 1990: o trip-hop (mistura de hip-hop e eletrônica com efeitos hipnóticos e vocais climáticos) que veio à tona com o lançamento do álbum "Blue Lines" (1991). O reencontro da dupla, após uma série de desentendimentos, se deu sob a produção conciliadora de Damon Albarn (Blur, Gorillaz). "Do ponto de vista pessoal, "Heligoland" foi um desafio", confessa 3D à **Folha**, por telefone, de Londres. "Se eu fosse levar tudo a ferro e fogo, brigaria com Daddy G o tempo todo. Nós nos juntamos no estúdio do Damon [Albarn], e abri mão de uma certa complexidade musical para tornar as canções mais importantes do que a música", filosofa. O resultado, segundo 3D, são canções mais "orgânicas", que contaram com vocais de Horace Andy e Martina Topley-Bird, além de convidados como Hope Sandoval, Tunde Adebimpe (TV on the Radio), Guy Garvey (Elbow) e o produtor Tim Goldsworthy (DFA).

DESIGN

DE

ILUMINAÇÃO

Ao palco, subirão hoje dez músicos e uma parafernália de iluminação em LED, fruto de sete

anos de pesquisa de 3D com a United Visual Arts. "Quis adicionar mensagens às músicas do show. É como se você pudesse visualizar o que escuta", explica.

"Foi essa pesquisa que me afastou das artes plásticas, suprimindo meu lado artista com design de iluminação."

Antes de emergir na cena musical de Bristol com o coletivo Wild Bunch, 3D era um célebre grafiteiro. Banksy, o artista de rua anônimo mais pop do mundo, sempre o cita como sua maior influência.

"Banksy é o grande culpado por eu ter voltado a pintar recentemente", brinca. "Somos bons amigos, mas não me venha querer saber a real identidade dele, por favor!" Ok.

Além do retorno às artes, 3D tem empurrado o Massive Attack para um retorno às causas políticas. Após uma tentativa frustrada de mobilizar artistas contra a guerra do Iraque, em 2003, o duo abraçou um embargo cultural a Israel, de que fazem parte Pixies e Elvis Costello.

"É frustrante ser britânico e ver que meu país não faz pressão política alguma em relação ao conflito entre israelenses e palestinos. Fiz o que estava ao meu alcance: cancelei nossos shows em Israel. Por enquanto, não toco mais por lá."

Massive Attack, em tradução livre, quer dizer ataque pesado. Por isso, durante a primeira Guerra do Golfo (1991), a gravadora do grupo queria que o nome fosse mudado para Massive, evitando confusões. A maldição continua: hoje, no Google, ao digitar "Massive Attack" e "Israel", surgem links sobre o boicote cultural lado a lado com notícias sobre ataques pesados na Faixa de Gaza.

EXERCÍCIOS:

1. Israel respeita os Direitos Humanos? Justifique.
2. Qual é a relação entre a reportagem e o Conflito Árabe-Israelense?
3. O que significa o nome "massive attack"?
4. Qual a nacionalidade do grupo e quais são seus atuais integrantes?
5. Responda: por qual motivo o Massive Attack não toca em Israel?
6. Citar nomes de artistas que não tocam em Israel devido ao boicote cultural à Israel.

ANEXO CC – Música Mandela cantada por Maurício Tizumba e Chico César

ESCOLA MUNICIPAL HELIO PELLEGRINO

DISCIPLINA: HISTÓRIA – TURNO: MANHÃ – 9º. ANO

PROFESSORA: ELAINE ANUNCIACÃO

ASSUNTO: EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES RACIAIS – MÚSICA: MANDELA e M'ANDELA

Mandela

Autor: Chico César

Canta: Maurício Tizumba

Sabará tá bem ali.
Sabará tá bem ali.
Sabará tá pertim di mim.

Gastei minha sandália Havaiana
Andando atrás dessa baiana.
Baiana me vaiou.
Eu disse que vim do Senegal
Montado num cavalo de pau.
Baiana me desmontou olha que me queixo
Pro tutu, baiana, deixa disso vou reclamar
Pro bispo de Itu.

Mandela vir. Mandela aqui. Mandela cá.
Mandela vir. Mandela aqui. Mandela cá.
Mandela! Mandela! Mandela! Mandela!
Eu disse quem vim de Cabo Verde
Mas ela me achou imaturo.
Me mandou pra Porto Seguro
Por isso estou indo a pé.

M'andela

Letra: Chico-César
gastei minha sandália havaiana
andando atrás dessa baiana
mas a baiana me vaiou
eu disse que vim do senegal
montado num cavalo-de-pau
baiana me desmontou
olha que me queixo pro tutu
baiana deixa disso
vou reclamar pro bispo de tu

mand'ela vir
mand'ela aqui
mand'ela cá
mand'ela mand'ela

mand'ela mand'ela

eu disse que vim do Cabo Verde
mas ela me achou imaturo
mandou pra Porto Seguro
e agora to indo a pé

EXERCÍCIOS

1. Qual é a relação entre as duas músicas?
2. Citar nome de dois países africanos que aparecem na música cantada por Chico César e Maurício Tizumba.
3. Citar o nome duas regiões, estado ou cidades citada nas músicas e que sofreram a influência da cultura africana.
4. Qual é o sentido dos versos: “M’andela vir, M’andela aqui, Mand’ela cá, Mand’ela”?
5. Há alguma relação da música com o tema racial? Justifique.
6. Há uma autoridade religiosa citada na música e que lutou contra o regime do Apartheid na África. Qual é ela? Cite os versos que comprovem a sua resposta.
7. Citar regionalismo que aparece na música.